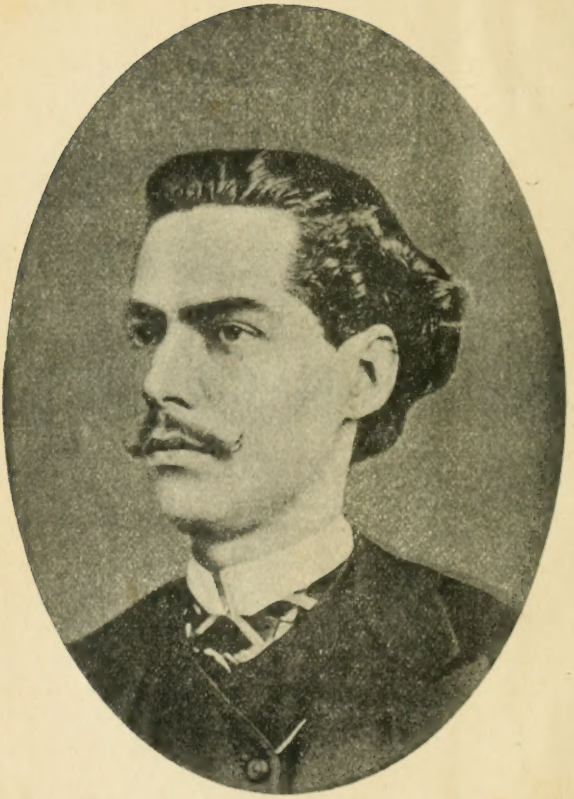
3 1761 04483 7169

250/

ESPUMAS FLUCTUANTES

ESPUMAS FLUCTUANTES



CANTONIO de J

CASTRO ALVES

ESPUMAS FLUCTUANTES

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA E AUGMENTADA

COM UM JUIZO CRITICO

DE

ALBERTO DE OLIVEIRA

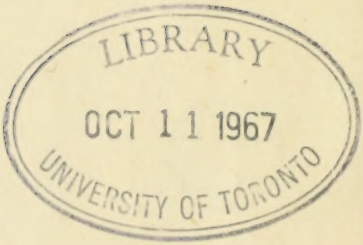
LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

s/d. [1913]

PQ
9697
C35E8
1913



AO PUBLICO

A presente edição das *Espumas Fluctuantes* sae conforme ao texto da primeira, dada á publicidade ainda em vida do poeta, em 1870. Terá assim o publico esta preciosa collecção restituida ao seu original, sem as alterações que se encontram em algumas das edições que ahi correm.

Achamos dever juntar-lhe uma parte supplementar, abrangendo todas as mais poesias do auctor, que até agora têm sido publicadas. Entre estes versos figuram alguns ineditos, dos quaes gentilmente permittiu cópia a amigo nosso uma das dignas irmãs do poeta, a Ex.ma Sr.a D. Amelia R. da Cunha.

Sobre tão valioso accrescimo, sae esta nova edição abrilhantada com um retrato do pranteado escriptor, e enriquecida nas ultimas paginas de alguns dos

melhores cantos que em homenagem lhe foram consagrados por outros poetas.

Acreditamos, reeditando assim esta obra, prestar mais um serviço ao publico e ás letras do paiz.

O EDITOR.

CASTRO ALVES

Se a maior ou menor procura das obras de um auctor desse estalão para justamente medil-o, os maiores poetas brasileiros, consoante este criterio, seriam Castro Alves e Casimiro de Abreu. Das *Espumas Fluctuantes* e das *Primaveras* é pena e sensivel lacuna em nossa bibliographia se não saiba ao certo o numero das edições que circulam no paiz, reparo este já feito por José Verissimo, que na carencia de dados estatisticos e a julgar apenas pela venda das obras, dá Castro Alves como o mais popular dos poetas dos ultimos trinta ou quarenta annos.

A sensibilidade morbida de Casimiro, a repassar-lhe as estrophes balouçadas num rhythmo de paixão e tristeza, e o enthusiasmo do cantor do *Livro e a America* e tambem seu lyrismo ardente creio justificam a predilecção, entrando tambem aqui, como elemento de sympathia, a vida de ambos cortada

em flôr e ainda quanto ao primeiro o seu infortunio.

Em favor de Castro Alves accresce a qualidade de combatente na causa intensamente popular que foi entre nós a da abolição do elemento servil, podendo-se affirmar haverem-se vulgarizado tanto como o *Ashaverus* ou o *Gondoleiro do amor*, as *Vozes d'Africa* e o *Navio negreiro*.

Ser bem acceito ao publico não constitue, porém, regra absoluta para julgar do merecimento de qualquer escriptor. « A popularidade de um artista — pondera avisadamente o illustre critico acima citado — tanto póde ser um signal de sua superioridade, como de sua inferioridade, se bem eu esteja convencido de que, de uma maneira geral, e bem pesado o merecimento dessa popularidade, ella prova pelo menos que o artista soube impressionar o povo, transmittir-lhe a sua emoção e excitar o seu sentimento. »

E' o caso do poeta bahiano. Seu communicativo enthusiasmo, o calor e apaixonado sentimento de seus versos, realçados quando elle os recitava, por uma palavra magica, que suggeriu a Ruy Barbosa a reminiscencia da pagina homerica ao referir-se o poeta grego a Thalthybios, arauto de Agammenon, « semelhante aos deuses pela voz », perduram, captivando ainda os que o lêm. Não são mais os homens de seu tempo, ou pelo menos não são os moços como elle, de sua epoca, mas é a mesma alma nacional que ahi está e continúa de admiral-o e querer-lhe.

E' que o poeta em certo periodo da vida collectiva soube representar essa alma, communicar-lhe a propria emoção, dar cópia do sentimento della, no que ha neste mais ardente e mais intimo. Foi o verso o instrumento maravilhoso de que para tal fim se serviu. A sua arte é completa, porque para tanto lhe foi bastante.

Não vamos reparar na frouxidão de alguns versos ou no ás vezes desmaiado matiz das rimas e até em algumas que não o são. O apuro destas cousas veio mais tarde. Tão pouco lhe estranhemos a falta de ordem e connexão em varias estrophes, as extravagancias da hyperbole, o abuso da antithese. Não lhe esmiucemos tambem senões de palavras, ou o que ha nellas destoante da pureza classica. Elle tinha vinte annos ou pouco mais. Julgando-o em sua idade e seu tempo, dentro desta dupla circumstancia, não ha contradictar que, á parte a assombrosa precocidade de Alvares de Azevedo, é elle o mais genial dos nossos cantores. Menos daquelles annos, dezesete apenas contava, e já era o poeta da *Mocidade morta* e *Dalila*. Aos dezoito escrevia *Pedro Ivo*. E essas *Vozes d'Africa*, e os *Jesuitas* e o *Navio negreiro*, por não mencionar tantos outros primores, sorprehendem-nos — paginas excepcionaes de alta inspiração em nossa poesia — como producções de um espirito que mal despertava. Ha ahi a irradiação

crescente e colorido do madrugar espiritual de um Hugo, Schelley ou G. Leopardi.

Raymundo Corrêa em um de seus admiraveis sonetos, caracterizando em traço rapido as musas dos nossos principaes poetas romanticos, ao chegar a vez da de Castro Alves, glosa-lhe um bello alexandrino e mostra-a, em lugar da harpa de ouro,

Tendo

Na mão brilhante a trompa bronzeada.

Assim a imagina o poeta das *Pombas*; vemo-l'a tambem assim, e não de outro modo a sentiu, ao approximar-se, a virgem serrana das cadenciadas quintilhas do *Hospede*:

Uma buzina restrugiu no valle,
Junto aos barrancos onde geme o rio...
De teu cavallo o galopar soava
E teu cão, ululando, replicava
Aos surdos roncos do trovão bravio.

Essa buzina de amazona, a cujos accentos em outras occasiões, como á de Oberon-Shakespeare, acodem mil sêres phantasticos, emitte não raro sons epicos.

A musa de Castro Alves, tão altanada e possuida de ardor bellico como a de Tobias, ama tambem o fumo da guerra. Exceptas algumas estancias ca-

moneanas, não conheço em nossa lingua outros versos tão vibrantes de estro mavortico como estes da *Ode ao dois de Julho* :

No emtanto a lucta recrescia indomita...
As bandeiras, como aguias erriçadas,
Se abysmavam com as azas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cégo da metralha,
O archanjo do triumpho vacillava...
E a gloria desgrenhada acalentava
O cadaver sangrento dos heroes !...

E' nestas inspirações, quando elle, qual Phaeton á quadriga apollinea, mal póde reger as bridas á imaginação vertiginosa, que o tacham de *condoreiro*. Ha realmente nas producções deste genero extravagancias que não se explicam ou só se explicam pelos excessos proprios de escolas literarias. Não foram menores desvios do bom gosto as empolas e arrebiques de estylo dos marinistas e gongoristas.

Amamol-o, entretanto, ainda assim, com todos os desequilibrios do vôo impetuoso, pois se hoje temos olhos que os notem e até reprovem, diverso era o nosso sentir, quando sem reservas o applaudiamos, ás primeiras leituras da mocidade.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

ESPUMAS FLUCTUANTES

Á MEMORIA

DE

meu pae, de minha mãe e de meu irmão.

O. D. C.

PROLOGO

Era por uma dessas tardes em que o azul do céo oriental — é pallido e saudoso; em que o rumor do vento nas vergas — é monotono e cadente, e o quebro da vaga na amurada do navio — é queixoso e tetrico.

Das bandas do occidente o sol se atufava nos mares « como um brigue em chammas »... e daquelle vasto incendio do crepusculo alastrava-se a cabeça loura das ondas.

Além... os cerros de granito dessa formosa terra de Guanabara, vacillantes, a luctarem com a onda invasora de azul que descia das alturas.... recortavam-se indecisos na penumbra do horizonte.

Longe, inda mais longe... os cimos fantasticos da serra dos Orgãos embebiam-se na distancia,

sumiam-se, abysmavam-se n'uma especie de naufragio celeste.

Só e triste, encostado á borda do navio, eu seguia com os olhos aquelle esvaecimento indefinido e minha alma apegava-se á forma vacillante das montanhas — derradeiras atalaias dos meus arraiaes da mocidade.

É que lá dessas terras do sul, para onde eu levara o fogo de todos os enthusiasmos, o viço de todas as illusões, os meus vinte annos de seiva e de mocidade, as minhas esperanças de gloria e de futuro.... é que dessas terras do sul, onde eu penetrára « como o moço Raphael subindo as escadas do Vaticano »... volvia agora silencioso e alquebrado... trazendo por unica ambição — a esperança de repouso em minha patria.

Foi então que, em face destas duas tristezas — a noite que descia dos céos, — a solidão que subia do oceano, — recordei-me de vós, ó meus amigos!

E tive pena de lembrar que em breve nada restaria do peregrino na terra hospitaleira onde vagára; nem sequer a lembrança desta alma, que comvosco e por vós vivêra e sentíra, gemêra e cantára...

O' espiritos errantes sobre a terra! O' vélas enfunadas sobre os mares!... Vós bem sabeis quanto sois ephemeros... — passageiros que vos absorveis no espaço escuro, ou no escuro esquecimento.

E quando — comediantes do infinito — vos obum-

brais nos bastidores do abysmo, o que resta de vós?

— Uma esteira de espumas... — flôres perdidas na vasta indifferença do oceano. — Um punhado de versos... — espumas fluctuantes no dorso féro da vida!...

E o que são na verdade estes meus cantos?...

Como as espumas que nascem do mar e do céo, da vaga e do vento, elles são filhos da musa — este sopro do alto; do coração — este pelago da alma.

E como as espumas são, ás vezes, a flora sombria da tempestade, elles por vezes rebentaram ao estalar fatidico do latego da desgraça.

E como tambem o aljofre dourado das espumas reflecte as opalas rutilantes do arco-iris, elles por acaso reflectiram o prisma fantastico da ventura ou do enthusiasmo — estes sígnos brilhantes da alliança de Deus com a juventude!

Mas, como as espumas fluctuantes levam, boiando nas solidões marinhas a lagrima saudosa do marujo.. possam elles, ó meus amigos! — ephemeros filhos de minh'alma — levar uma lembrança de mim ás vossas plagas!...

S. Salvador — Fevereiro de 1870.

CASTRO ALVES.

DEDICATORIA

A pomba d'alliança o vôo espraia
Na superficie azul do mar immenso,
Rente... rente da espuma já desmaia
Medindo a curva do horizonte extenso...
Mas um disco se avista ao longe... A praia
Rasga nitente o nevoeiro denso !...
O' pouso ! ó monte ! ó ramo de oliveira !
Ninho amigo da pomba forasteira !...

Assim, meu pobre livro as azas larga
Neste oceano sem fim, sombrio, eterno...
O mar atira-lhe a saliva amarga,
O céu lhe atira o temporal de inverno...
O triste verga á tão pesada carga !

Quem abre ao triste um coração paterno ?...
É tão bom ter por arvore — uns carinhos !
É tão bom de uns affectos — fazer ninhos !

Pobre orphão ! Vagando nos espaços
Embalde ás solidões mandas um grito !
Que importa ? De uma cruz ao longe os braços
Vejo abrirem-se ao misero precito...
Os tumulos dos teus dão-te regaços !
Ama-te a sombra do salgueiro afflicto...
Vai, pois, meu livro ! e como louro agreste
Traz-me no bico um ramo de... cypreste !

Bahia, Janeiro de 1870.

O LIVRO E A AMERICA

AO GREMIO LITTERARIO

Talhado para as grandezas,
P'ra crescer, crear, subir,
O Novo Mundo nos musculos
Sente a seiva do porvir.
— Estatuario de colossos —
Cansado d'outros esboços
Disse um dia Jehovah :
« Vai, Colombo, abre a cortina
« Da minha eterna officina...
« Tira a America de lá. »

Molhado inda do diluvio,
Qual Tritão descommunal,

O continente desperta
No concerto universal.
Dos oceanos em tropa
Um — traz-lhe as artes da Europa,
Outro — as bagas de Ceylão...
E os Andes petrificados,
Como braços levantados,
Lhe apontam para a amplidão.

Olhando em torno então brada :
« Tudo marcha!... O' grande Deus!
« As cataractas — p'ra terra,
« As estrellas — para os céos.
« Lá, do polo sobre as plagas,
« O seu rebanho de vagas
« Vai o mar apascentar...
« Eu quero marchar com os ventos,
« Com os mundos... co'os firmamentos!!! »
E Deus responde — « Marchar! »

« Marchar!... Mas como?... Da Grecia
« Nos doricos Parthenons
« A mil deuses levantando
« Mil marmoreos Pantheons?..
« Marchar co'a espada de Roma
« — Leôa de ruiva coma
« De presa enorme no chão,
« Saciando o odio profundo...

« — Com as garras nas mãos do mundo,
« — Com os dentes no coração ?..

« Marchar !.. Mas como a Allemanha
« Na tyrannia feudal,
« Levantando uma montanha
« Em cada uma cathedral ?..
« Não !.. Nem templos feitos de ossos,
« Nem gladios a cavar fossos
« São degráos do progredir...
« Lá brada Cesar morrendo :
« No pugilato tremendo
« Quem sempre vence é o porvir ! »

Filhos do sec'lo das luzes !
Filhos da *Grande Nação !*
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão :
O livro — esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...
Eolo de pensamentos,
Que abrira a gruta dos ventos
Donde a Egualdade voou !

Por uma fatalidade,
Dessas que descem de além,
O sec'lo que viu Colombo,
Vio Guttenberg tambem.

Quando no tosco estaleiro
Da Allemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovez salta os mares
Busca um ninho entre os palmares
E a *patria da imprensa* achou.

Por isso na impaciencia
Desta sêde de saber,
Como as aves do deserto —
As almas buscam beber...
Oh ! Bemdito o que semêa
Livros... livros á mão cheia...
E manda o povo pensar !
O livro cahindo n'alma
É germen — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.

Vós, que o templo das ideas
Largo — abris ás multidões,
P'ra o baptismo luminoso
Das grandes revoluções,
Agora que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro
E espanta os caboc'los nús,
Fazei desse « rei dos ventos »
— Ginete dos pensamentos,
— Arauto da grande luz !...

Bravo! a quem salva o futuro,
Fecundando a multidão!...
N'um poema amortalhada
Nunca morre uma nação.
Como Goëthe moribundo
Brada « Luz! » o Novo Mundo
N'um brado de Briareu...
Luz! pois, no valle e na serra...
Que, se a luz rola na terra,
Deus colhe genios no céo!...

Bahia.

HEBRÉA

Flos campi et lilium convallium
Cant. dos Canticos.

Pomba d'esp'rança sobre um mar d'escolhos!
Lyrio do valle oriental, brilhante!
Estrella vesper do pastor errante!
Ramo de murta a rescender cheirosa!...

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, seductora Hebréa...
Pallida rosa da infeliz Judéa
Sem ter o orvalho que do céo deriva!

Porque descoras quando a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?

Sonhas acaso, quando o sol declina,
A terra santa do Oriente immenso ?
E as caravanas no deserto extenso ?
E os pegureiros da palmeira á sombra ?!...

Sim, fôra bello na relvosa alfombra,
Junto da fonte onde Rachel gemêra
Viver comtigo qual Jacob vivêra,
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas aguas do cheiroso banho
— Como Suzana a estremecer de frio —
Fitar-te, ó flor do babylonio rio,
Fitar-te a medo no salgueiro occulto...

Vem pois !... Comtigo no deserto inculto
Fugindo ás iras de Saul embora,
David eu fôra, — se Michol tu fôras,
Vibrando na harpa do propheta o canto..

Não vês ?... Do seío me gotteja o pranto
Qual da torrente do Cedron deserto !...
Como luctara o patriarcha incerto
Lutei, meu anjo, mas cahi vencido.

Eu sou o Lothus para o chão pendido.
Vem ser o orvalho oriental, brilhante !...
Ai ! guia o passo ao viajor perdido,
Estrella vesper do pastor errante ...

Bahia. 1866.

QUEM DÁ AOS POBRES, EMPRESTA A DEUS (*)

Eu, que a pobreza de meus pobres cantos
Dei aos heróes — aos miseraveis grandes, —
Eu, que sou cégo, — mas só peço luzes...
Que sou pequeno, — mas só fito os Andes...
Canto nest'hora, como o bardo antigo
Das priscas éras, que bem longe vão,
O grande NADA dos heróes que dormem,
Do vasto pampa no funereo chão...

(*) Ao Gabinete Portuguez de Leitura, por occasião de offerecer o producto de um beneficio ás familias dos soldados mortos na guerra.

Duas grandezas neste instante cruzam-se!
Duas realezas hoje aqui se abraçam!...
Uma — é um livro laureado em luzes...
Outra — uma espada, onde os laureis se enlaçam.
Nem córa o livro de hombrear co'o sabre...
Nem córa o sabre de chamal-o irmão...
Quando em loureiros se biparte o gladio.
Do vasto pampa no funereo chão.

E foram grandes teus heróes, ó patria,
— Mulher fecunda, que não crêa escravos, —
Que ao trom de guerra soluçaste aos filhos:
« Parti — soldados, mas voltai-me — bravos! »
E qual Moema desgrenhada, altiva,
Eis tua prole, que se arroja então,
De um mar de glorias apartando as vagas,
Do vasto pampa no funereo chão.

E esses Leandros do Hellesponto novo
Se resvalaram — foi no chão da historia..
Se tropeçaram — foi na eternidade...
Se naufragaram — foi no mar da gloria...
E hoje o que resta dos heróes gigantes?..
Aqui — os filhos que vos pedem pão...
Além — a ossada, que branquêa a lua,
Do vasto pampa no funereo chão.

Ai! quantas vezes a criança loura
Seu pae procura, pequenina e núa,

E vai brincando co'o vetusto sabre,
Sentar-se á espera no portal da rua...
Misera mãe, sobre teu peito aquece
Esta avesinha que não tem mais pão !...
Seu pae descansa — fulminado cedro —
Do vasto pampa no funereo chão.

Mas já que as aguias lá no sul tombaram
E os filhos d'aguias o Poder esquece...
É grande, é nobre, é gigantesco, é santo !...
Lançai — a esmola, e colhereis — a prece !...
Oh ! dai a esmola... que do infante lindo
Por entre os dedos da pequena mão,
Ella transborda... e vai cahir nas tumbas,
Do vasto pampa no funereo chão.

Ha duas cousas neste mundo santas :
— O rir do infante, — o descansar do morto...
O berço — é a barca, que encalhou na vida,
A cova — é a barca do sidereo porto...
E vós dissestes para o berço — Avante ! —
Emquanto os nautas que ao Eterno vão,
Os ossos deixam, qual na praia as ancoras,
Do vasto pampa no funereo chão.

É santo o laço em qu'hoje aqui s'estreitam
De heroicos troncos — os rebentos novos ! —
É que são gemeos dos heróes os filhos
Inda que filhos de diversos povos !

Sim! me parece que n'est'hora augusta
Os mortos saltam da feral mansão...
E um « bravo! » altivo de além-mar partindo,
Rola do pampa no funereo chão!...

S. Salvador, 31 de Outubro de 1867.

O LAÇO DE FITA

Não sabes, criança? 'stou louco de amores...
Prendi meus affectos, formosa Pepita.
Mas onde? No templo, no espaço, nas nevoas?!
Não rias, prendi-me
N'um laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabellos da moça bonita,
Fingindo a serpente qu'enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se
O laço de fita.

Meu ser que voava nas luzes da festa,
Qual passaro bravo, que os ares agita,

Eu vi de repente captivo, submisso
Rolar prisioneiro
N'um laço de fita.

E agora enleiada na tenue cadêa
Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço que rompe cadêas de ferro,
Não quebra teus élos,
O' laço de fita!

Meu Deus! As phalenas têm azas de opala,
Os astros se libram na plaga infinita.
Os anjos repousam nas pennas brilhantes...
Mas tu... tens por azas
Um laço de fita!

Ha pouco voavas na célere walsa,
Na walsa que anceia, que estúa e palpita.
Por que é que tremeste? Não eram meus labios...
Beijava-te apenas...
Teu laço de fita.

Mas ai! findo o baile, despindo os adornos
N'alcova onde a vela ciosa... crepita,
Talvez da cadêa libertes as tranças,
Mas eu... fico preso
No laço de fita.

Pois bem! Quando um dia, na sombra do valle
Abrirem-me a cova... formosa Pepita!
Ao menos arranca meus louros da fronte,
E dá-me por c'rôa...

Teu laço de fita.

S. Paulo, Julho de 1868.

AHASVERUS E O GENIO

AO POETA E AMIGO J. FELIZARDO JUNIOR

Sabes quem foi Ahasverus?... — o precito,
O misero Judeu que tinha escripto
Na fronte o sello atroz!
Eterno viajor de eterna senda...
Espantado a fugir de tenda em tenda,
Fugindo embalde á *vingadora voz!*

Miserrimo! Correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande... o forasteiro
Não teve onde pousar.
Co' a mão vazia — viu a terra cheia,
O deserto negou-lhe — o grão de areia.
A gotta d'agua — rejeitou-lhe o mar.

D'Asia as florestas — lhe negaram sombra,
A savana sem fim — negou-lhe alfombra,
O chão negou-lhe o pó!...
Tabas, serralhos, tendas e solares...
Ninguem lhe abriu a porta de seus lares
E o triste seguiu só.

Viu povos de mil climas, viu mil raças,
E não pôde, entre tantas populaças,
Beijar uma só mão...
Desde a virgem do norte á de Sevilhas,
Desde a ingleza á crioula das Antilhas
Não teve um coração!...

E caminhou!... E as tribus se afastavam
E as mulheres tremendo murmuravam
Com respeito e pavor.
Ai! fazia tremer do valle á serra...
Elle que só pedia sobre a terra
— Silencio, paz e amor! —

No emtanto á noite, se o Hebreu passava,
Um murmurio de inveja se elevava,
Desde a flôr da campina ao colibri.
« Elle não morre » a multidão dizia...
E o precito comsigo respondia:
— Ai! mas nunca vivi! —

O Genio é como Ahasverus... solitario
A marchar, a marchar no itinerario
Sem termo do existir.
Invejado! a invejar os invejosos,
Vendo a sombra dos alamos frondosos...
E sempre a caminhar... sempre a seguir...

Pede uma mão de amigo—dão-lhe palmas;
Pede um beijo de amor—e as outras almas
Fogem pasmas de si.
E o misero de gloria em gloria corre...
Mas quando a terra diz: —« Elle não morre »
Responde o desgraçado: —« Eu não vivi!... »

S. Paulo, Outubro de 1868.

MOCIDADE E MORTE

E perto avisto o porto
Immenso, nebuloso e sempre [illegible]
Chamado — Eternidade.
(*Laurindo.*)

Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate
(*Dante.*)

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flôr silvestre que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher ha tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo ha tanta vida...
— Arabe errante, vou dormir á tarde
A' sombra fresca da palmeira erguida.

Mas uma voz responde-me sombria:
— Terás o somno sob a lagea fria.

Morrer... quando este mundo é um paraiso,
E a alma um cysne de douradas plumas:
Não! o seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar á tona das espumas.
Vem! formosa mulher — camelia pallida,
Que banharam de pranto as alvoradas.
Minh'alma é a borboleta que espaneja
O pó das azas lucidas, douradas...

E a mesma voz repete-me terrivel,
Com gargalhar sarcastico: — Impossivel!

Eu sinto em mim o borbulhar do genio:
Vejo além um futuro radiante:
Avante! — brada-me o talento n'alma
E o echo ao longe me repete — Avante!
O futuro... o futuro... no seu seio...
Entre louros e bençãos dorme a gloria!
Após — um nome do universo n'alma,
Um nome escripto no Pantheon da historia

E a mesma voz repete funeraria:
— Ter Pantheon — a pedra mortuaria!

Morrer — é ver extincto dentre as nevoas
O phanal, que nos guia na tormenta:
Condemnado — escutar dobres de sino,
— Voz da morte, que a morte lhe lamenta.

Ai! morrer — é trocar astros por cirios,
Leito macio por esquife immundo,
Trocar os beijos da mulher — no visco
Da larva errante no sepulchro fundo.

Ver tudo findo... só na lousa um nome
Que o viandante a perpassar consome.

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terrivel me devora a vida :
Triste Ahasverus, que no fim da estrada,
Só tem por braços uma cruz erguida.
Sou o cypreste, qu'inda mesmo flórido,
Sombra de morte no ramal encerra !
Vivo — que vaga sobre o chão da morte,
Morto — entre os vivos a vagar na terra.

Do sepulchro escutando triste grito
Sempre, sempre bradando-me : — Maldicto ! —

E eu morro, ó Deus ! na aurora da existencia,
Quando a sêde e o desejo em nós palpita...
Levei aos labios o dourado pomo,
Mordi no fructo podre do Asphaltita.
No triclinio da vida — novo Tantalo —
O vinho do viver ante mim passa...
Sou dos convivas da legenda hebraica,
O stylete de Deus quebra-me a taça.

É que até minha sombra é inexoravel,
Morrer! morrer! soluça-me implacavel.

Adeus! pallida amante dos meus sonhos!
Adeus, vida! Adeus, gloria! amor! anhelos!
Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga
Os prantos de meu pae nos teus cabellos.
Fôra louco esperar! fria rajada
Sinto que do viver me extingue a lampa...
Resta-me agora por futuro — a terra,
Por gloria — nada, por amor — a campa.

Adeus!... arrasta-me uma voz sombria,
Já me foge a razão na noite fria!...

1864.

AO DOUS DE JULHO

(RECITADA NO THEATRO DE S. JOÃO)

É a hora das epopéas,
Das Iliadas reaes.
Ruge o vento — do passado
Pelos mares sepulchraes.
É a hora em que a Eternidade
Dialoga a Immortalidade...
Falla o heróe com Jehovah !...
E Deus — nas celestes plagas —
Colhe da gloria nas vagas
Os mortos de Pirajá.

Ha destes dias augustos
Na tumba dos Briaréos.

Como que Deus baixa á terra
Sem mesmo descer dos céos.
É que essas lousas rasteiras
São — gigantes cordilheiras
Do Senhor aos olhos nús.
É que essas brancas ossadas
São — columnas arrojadas
Dos infinitos azues.

Sim ! Quando o tempo entre os dedos
Quebra um sec'lo, uma nação...
Encontra nomes tão grandes
Que não lhe cabem na mão !...
Heróes ! Como o cedro augusto
Campêa rijo e vetusto
Dos sec'los ao perpassar,
Vós sois os cedros da historia,
A cuja sombra de gloria
Vai-se o Brasil abrigar.

E nós que somos faiscas
Da luz desses arrebóes,
Nós, que somos borboletas
— Das chrysalidas de avós,
Nós, que entre as bagas dos cantos,
Por entre as gottas dos prantos
Inda os sabemos chorar,
Podemos dizer : — « Das campas

Sacudi as frias tampas!
Vinde a Patria abençoar!...

Erguei-vos, santos fantasmas!
Vós não tendes que corar...
(Porque eu sei que o filho torpe
Faz o morto soluçar...)
Gemem as sombras dos Gracchos,
Dos Catões, dos Spartacos,
Vendo seus filhos tão vís...
Dize-o tu, soberbo Mario!
Tu, que ensopas o sudario
Vendo Roma — meretriz!...

Ai! Que lagrimas candentes
Choram orbitas sem luz!
Que idéa terá Leonidas
Vendo Sparta nos paúes?!...
Alta noite, quando pena
Sobre Arcole, sobre Iena,
Bonaparte — o rei dos reis,
Que dôr d'alma lhe rebenta,
Ao ver su'aguia sangrenta
No sabre de Juarez?!...

Porém aqui não ha grito,
Nem pranto, nem ai, nem dôr...
O presente não desmente
Do seu ninho de condor...

Mãos, que, outr'ora de crianças
A rir — dentaram as lanças
Dos velhos de Pirajá...
De homens hoje, as empunhando,
Nas batalhas afiando,
Vão caminho de Humaitá !...

Basta !... Curvai-vos, ó povo !...
Eil-os os vultos sem par,
Só de joelhos podemos
Nest'hora augusta fitar
Riachuelo e Cabrito,
Que sobem para o infinito
Como jungidos leões,
Puxando os carros dourados
Dos meteóros largados
Sobre a noite das nações.

Bahia — 1867.

OS TRES AMORES

I

Minh'alma é como a fronte sonhadora
Do louco bardo, que Ferrara chora...
Sou Tasso!... a primavera de teus risos
De minha vida as solidões enflora...
Longe de ti eu bebo os teus perfumes,
Sigo na terra de teu passo os lumes ..
— Tu és Eleonora...

II

Meu coração desmaia pensativo,
Scismando em tua rosa predilecta,
Sou teu pallido amante vaporoso,
Sou teu Romeu... teu languido poeta!...

Sonho-te ás vezes virgem... semi-núa...
Roubo-te um casto beijo á luz da lua...
— E tu és Julieta...

III

Na volupia das noites andaluzas
O sangue ardente em minhas veias rola...
Sou D. Juan!... Donzellas amorosas,
Vós conheceis-me os threnos na viola!
Sobre o leito do amor teu seio brilha...
Eu morro, se desfaço-te a mantilha...
Tu és — Julia a Hespanhola!...

Recife, Setembro de 1866

O FANTASMA E A CANÇÃO

> Orgulho! desce os olhos dos céos sobre ti mesmo: e vê como os homens mais poderosos vão se refugiar n'uma canção.
>
> (*Byron.*)

— Quem bate? — « A noite é sombria! »
— Quem bate? — « É rijo o tufão!...
Não ouvís? a ventania
Ladra á lua como um cão. »
— Quem bate? — « O nome qu'importa?
Chamo-me dôr... abre a porta!
Chamo-me frio... abre o lar!
Dá-me pão... chamo-me fome!
Necessidade — é o meu nome! »
— Mendigo! pódes passar!

« Mulher, se eu fallar, promettes
A porta abrir-me? » — Talvez.
— « Olha... Nas cans deste velho
Verás fanados laureis.
Ha no meu craneo enrugado
O fundo sulco traçado
Pela c'roa imperial.
Foragido, errante espectro,
Meu cajado — já foi sceptro!
Meus trapos — manto real! »

— Senhor, minha casa é pobre...
Ide bater a um solar!
« De lá venho... O Rei-fantasma
Baniram do proprio lar.
Nas largas escadarias,
Nas vetustas galerias,
Os pagens e as cortezans
Cantavam!... Reinava a orgia!...
Festa! Festa! E ninguem via
O rei coberto de cans! »

— Fantasma! Aos grandes que tombam,
É palacio o mausoléo!
Tambem meu tumulo morreu.
— « Silencio! De longe eu venho...
O sec'lo — traça que medra
Nos livros feitos de pedra,
Róe o marmore, cruel.

O tempo — Attila terrivel,
Quebra co'a pata invisivel
Sarcophago e capitel.

— « Desgraça então para o espectro,
Quer seja Homero ou Solon,
Se, medindo a treva immensa,
Vai bater ao Pantheon...
O motim — Nero profano —
No ventre da cova insano
Mergulha os dedos crueis.
Da guerra nos paroxismos
Se abysmam mesmo os abysmos
E o morto morre outra vez!

« Então, nas sombras infindas,
S'esbarram em confusão
Os fantasmas sem abrigo
Nem no espaço, nem no chão...
As almas angustiadas,
Como aguias desaninhadas,
Gemendo voam no ar.
E enchem de vagos lamentos
As vagas negras dos ventos,
Os ventos do negro mar!

« Bati a todas as portas
Nem uma só me acolheu!...

— Entra! — Uma voz argentina
Dentro do lar respondeu.
— « Entra, pois, sombra exilada!
Entra! O verso — é uma pousada
Aos reis que perdidos vão.
A estrophe é a purpura extrema,
Ultimo throno — é o poema!
Ultimo asylo — a *Canção!*...

Bahia, 13 de Dezembro de 1899.

O GONDOLEIRO DO AMOR

BARCAROLA

— DAMA NEGRA —

Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar ;

Sobre o barco dos amores,
Da vida boiando á flor,
Douram teus olhos a fronte
Do Gondoleiro do amor.

Tua voz é a cavatina
Dos palacios de Sorrento,
Quando a praia beija a vaga,
Quando a vaga beija o vento;

E como em noites de Italia,
Ama um canto o pescador,
Bebe a harmonia em teus cantos
O Gondoleiro do amor.

Teu sorriso é uma aurora,
Que o horizonte enrubesceu.
— Rosa aberta com o biquinho
Das aves rubras do céo;

Nas tempestades da vida,
Das rajadas no furor,
Foi-se a noite, tem auroras
O Gondoleiro do amor.

Teu seio é vaga dourada
Ao tibio clarão da lua,
Que ao murmurio das volupias
Arqueja, palpita núa;

Como é doce, em pensamento,
Do teu collo no langor.
Vogar, naufragar, perder-se
O Gondoleiro do amor?!

Teu amor na trêva é um astro.
No silencio uma canção,
E briza — nas calmarias,
E abrigo — no tufão;

Por isso eu te amo, querida,
Quer no prazer, quer na dor...
Rosa! Canto! Sombra! Estrella!
Do Gondoleiro do amor.

Recife, Janeiro de 1867.

SUB TEGMINE FAGI

A MELLO MORAES

Dieu parle dans le calme plus haut que dans la tempête.

(*Mickiewicz*).

Deus nobis hæc otia fecit.

(*Virgilio*).

Amigo! O campo é o ninho do poeta...
Deus falla, quando a turba está quieta,
As campinas em flor.
— Noivo — Elle espera que os convivas saiam...
E n'alcova onde as lampadas desmaiam
Então murmura. — Amor!

Vem commigo scismar risonho e grave...
A poesia — é uma luz... e alma — uma ave...
Querem trévas e ar.

A andorinha, que é a alma — pede o campo,
A poesia quer sombra — é o pyrilampo...
P'ra voar... p'ra brilhar.

Meu Deus! Quanta belleza nessas trilhas...
Que perfume nas doces maravilhas,
Onde o vento gemeu!...
Que flores d'ouro pelas veigas bellas!
Foi um anjo co'a mão cheia de estrellas
Que na terra as perdeu.

Aqui o ether puro se adelgaça...
Não sobe esta blasphemia de fumaça
Das cidades p'ra o céo.
E a Terra é como o insecto friorento
Dentro da flor azul do firmamento,
Cujo calix pendeu!...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas
Leva a concha dourada... e traz das plagas
Coraes em turbilhão,
A mente leva a prece a Deus — por perolas,
E traz, volvendo após das praias cerulas,
— Um brilhante — o perdão!

A alma fica melhor no descampado...
O pensamento indomito, arrojado
Galopa no sertão.

Qual nos steppes o corsel fogoso
Relincha e parte turbulento, estoso,
Sòlta a crina ao tufão.

Vem! Nós iremos na floresta densa,
Onde na arcada gothica e suspensa
Reza o vento feral.
Enorme sombra cae da enorme rama...
É o *Pagode* fantastico de Brahma
Ou velha cathedral.

Irei comtigo pelos ermos — lento,
Scismando, ao pôr do sol, n'um pensamento
Do nosso velho Hugo.
— Mestre do mundo! Sol da eternidade!...
Para ter por planeta a humanidade,
Deus n'um *cerro* o *fixou*.

Ao longe, na quebrada da collina,
Enlaça a trepadeira purpurina
O negro mangueiral...
Como no *Dante* a pallida *Francesca*,
Mostra o sorriso rubro e a face fresca
Na estrophe sepulchral.

O povo das formosas Amaryllis
Embala-se nas balsas, como as Willis
Que o *Norte* imaginou.

O antro — falla... o ninho s'estremece...
A Dryade entre as folhas apparece...
Pan na flauta soprou!...

Mundo estranho e bizarro da chimera,
A fantasia desvairada gera
Um paganismo aqui.
Melhor eu comprehendo então Virgilio...
E vendo os Faunos lhe dansar no idylio
Murmuro crente: — eu vi! —

Quando penetro na floresta triste,
Qual pela ogiva gothica o anthiste
Que procura o Senhor,
Como bebem as aves peregrinas
Nas amphoras de orvalho das boninas,
Eu bebo crença e amor!...

E á tarde, quando o sol — condor sangrento,
No occidente se anima somnolento,
Como a abelha na flor...
E a luz da estrella tremula se irmana
Co'a fogueira nocturna da cabana,
Que accendêra o pastor,

A lua — traz um raio para os mares...
A abelha — traz o mel... um threno aos lares
Traz a rola a carpir....

Tambem deixa o poeta a selva escura
E traz alguma estrophe, que fulgura,
P'ra legar ao porvir!...

Vem! Do mundo leremos o problema
Nas folhas da floresta ou do poema,
Nas trévas ou na luz...
Não vês?... Do céo a cupola azulada,
Como uma taça sobre nós voltada,
Lança a poesia á flux!...

Boa-Vista. — 1867.

AS TRES IRMÃS DO POETA

(TRADUZIDO DE E. BERTHOUD)

É noite ! as sombras correm nebulosas.
Vão tres pallidas virgens silenciosas
Atravez da procella irrequieta.
Vão tres pallidas virgens... vão sombrias
Rindo collar n'um beijo as bocas frias...

Na fronte scismadora do — Poeta —.

— « Saude, irmão, eu sou a *Indifferença*.
Sou eu quem te sepulta a idéa immensa,
Quem no teu nome a escuridão projecta...
Fui eu que te vesti do meu sudario...
Que vais fazer tão triste e solitario ?.. »

— « Eu luctarei ! » — responde-lhe o Poeta.

— « Saude, meu irmão ! Eu sou a *Fome*.
Sou eu quem o teu negro pão consome...
O teu misero pão, misero athleta !
Hoje, amanhã, depois... depois (qu'importa ?
Virei sempre sentar-me á tua porta... »

— « Eu soffrerei ! » — responde-lhe o Poeta.

— « Saude, meu irmão ! Eu sou a *Morte*.
Suspende em meio o hymno augusto e forte.
Marquei-te a fronte, misero propheta !
Volve ao nada ! Não sentes neste enleio
Teu cantico gelar-se no meu seio ? »
— « Eu cantarei no céo » — diz-lhe o Poeta !

S. Paulo, 25 de Agosto de 1868.

O VÔO DO GENIO

A' ACTRIZ EUGENIA CAMARA

Um dia, em que na terra a sós vagava
Pela estrada sombria da existencia,
Sem rosas — nos vergeis da adolescencia,
Sem luz d'estrella — pelo céo d'amor ;
Senti as azas de um archanjo errante
Roçar-me brandamente pela fronte,
Como o cysne, que adeja sobre a fonte,
A's vezes toca a solitaria flor.

E disse então : — Quem és, pallido archanjo !
Tu, que o poeta vens erguer do pégo ?
Eras acaso tu, que Milton cego
Ouvia em sua noite erma de sol ?

Quem és tu ? Quem és tu ? — « Eu sou o genio.
Disse-me o anjo ; vem seguir-me o passo.
Quero comtigo me arrojar no espaço,
Onde tenho por c'roas o arrebol. »

— Onde me levas, pois ?... — « Longe te levo
Ao paiz do ideal, terra das flores,
Onde a briza do céo tem mais amores
E a fantasia — lagos mais azues... »
E fui... e fui... ergui-me no infinito,
Lá onde o vôo d'aguia não se eleva...
Abaixo — via a terra — abysmo em tréva!
Acima — o firmamento — abysmo em luz !

— Archanjo ! archanjo ! que ridente sonho !
— « Não, poeta, é o vedado paraizo,
Onde os lyrios mimosos do sorriso
Eu abro em todo o seio que chorou,
Onde a loura comedia canta alegre,
Onde eu tenho o condão de um genio infindo.
Que a sombra de Molière vem sorrindo
Beijar na fronte, que o Senhor beijou... »

— Onde me levas mais, anjo divino ?
— « Vem ouvir, sobre as harpas inspiradas
O canto das espheras namoradas,
Quando eu encho de amor o azul do céo.
Quero levar-te das paixões nos mares,
Quero levar-te a dedalos profundos,

Onde refervem sóes... e céos... e mundos...
Mais sóes... mais mundos, e onde tudo é meu... »

— Mulher! mulher! Aqui tudo é volupia:
A briza morna, a sombra do arvoredo,
A lympha clara, que murmura a medo,
A luz que abraça a flor e o céo ao mar.
O' princeza, a razão já se me perde,
És a sereia da encantada Scylla,
Anjo, que transformaste-te em Dalila,
Samsão de novo te quizera amar!

Porém não páras neste vôo errante!
A que outros mundos elevar-me tentas?
Já não sinto o soprar de auras sedentas,
Nem bebo a taça de um fogoso amor.
Sinto que rolo em barathros profundos...
Já não tens azas, aguia da Thessalia,
Maldição sobre ti!... Tu és Omphalia,
Ninguem te ergue das trévas e do horror.

Porém silencio! No maldicto abysmo,
Onde cahi comtigo, criminosa,
Canta uma voz, sentida e maviosa,
Que arrependida sobe a Jehovah!
Perdão, perdão, Senhor! p'ra quem soluça,
Talvez seja algum anjo peregrino...
Mas não! inda eras tu, genio divino,
Tambem sabes chorar, como Eloah!

Não mais, ó seraphim! suspende as azas!
Que atravez das estrellas arrastado
Meu ser arqueja louco, deslumbrado,
Sobre as constellações e os céos azues.
Archanjo! Archanjo! basta... Já comtigo
Mergulhei das paixões nas vagas cerulas...
Mas nos meus dedos — já não cabem — perolas —
Mas na minh'alma — já não cabe — luz!...

Recife, Maio de 1866.

O « ADEUS » DE THEREZA

A vez primeira que eu fitei Thereza,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A walsa nos levou nos gyros seus...
E amámos juntos... E depois na sala
— Adeus ! — eu disse-lhe a tremer co'a falla...

E ella, córando, murmurou-me : — Adeus !

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova sahia um cavalleiro
Inda beijando uma mulher sem véos...
Era eu... Era a a pallida Thereza !
— Adeus ! — lhe disse conservando-a presa...

E ella entre beijos murmurou-me : Adeus !

Passaram tempos... sec'los de delirio
Prazeres divinaes... gozos do Empyrio...
Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse : — Voltarei !... descansa !...
Ella, chorando mais que uma criança,

Ella em soluços murmurou-me : — Adeus !

Quando voltei... era o palacio em festa !...
E a voz d'*Ella* e de um homem lá na orchestra
Preenchiam de amor o azul dos céos.
Entrei !... Ella me olhou, branca... surpresa !
Foi a ultima vez que eu vi Thereza !...

E ella arquejando murmurou-me : — Adeus !

S. Paulo, 28 de Agosto de 1868

A VOLTA DA PRIMAVERA

> Aime, et tu renaîtras; fais-toi fleur pour éclore.
> Après avoir souffert, il faut souffrir encore:
> Il faut aimer sans cesse, après avoir aimé.
>
> (A. DE MUSSET.)

Ai! não maldigas minha fronte pallida,
E o peito gasto ao referver de amores.
Vegetam louros — na caveira esqualida
E a sepultura se reveste em flores.

Bem sei que um dia o vendaval da sorte
Do mar lançou-me na gelada arêa.
Serei... que importa? o D. Juan da morte,
Dá-me o teu seio — tu serás Haydéa!

Pousa esta mão — nos meus cabellos humidos!...
Ensina á briza ondulações suaves!

Dá-me um abrigo nos teus seios tumidos!
Faila!... que eu ouço o pipilar das aves!

Já viste ás vezes, quando o sol de Maio
Inunda o valle, o matagal e a veiga?
Murmura a relva: — Que suave raio!
Responde o ramo: — Como a luz é meiga!

E ao doce influxo do clarão do dia
O junco exhausto, que cedêra á enchente.
Levanta a fronte da lagôa fria...
Mergulha a fronte na lagôa ardente...

Se a natureza apaixonada acorda
Ao quente afago do celeste amante,
Diz: — Quando em fogo o teu olhar transborda,
Não vês minh'alma reviver ovante?

É que teu riso me penetra n'alma,
Como a harmonia de uma orchestra sancta,
É que teu riso tanta dôr acalma...
Tanta desorença!... tanta angustia!... tanta!

Que eu digo ao ver tua celeste fronte:
— O céo consola toda a dôr que existe.
Deus fez a neve para — o negro monte!
Deus fez a virgem para — o bardo triste!

Rio de Janeiro, Junho de 1859.

A MACIEL PINHEIRO

Dieu soit en aide au pieux pèlerin.
(BOUCHARD.)

Partes, amigo, do teu antro de aguias,
Onde gerava um pensamento enorme,
Tingindo as azas no levante rubro,
Quando nos valles inda a sombra dorme...
Na fronte vasta, como um céo de idéas,
Aonde os astros surgem mais e mais...
Quizeste a luz das boreaes auroras...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Verás a terra da infeliz Moema,
Bem como a Venus se elevar das vagas;
Das serenatas ao luar dormida,
Que o mar murmura nas douradas plagas.

Terra de glorias, de canções e brios,
Sparta, Athenas, que não têm rivaes...
Que á voz da patria deixa a lyra e ruge...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E quando o barco atravessar os mares
Quaes pandas azas, desfraldando a vela,
Ha de surgir-t'esse *gigante immenso*,
Que sobre os morros campeando vela...
Symb'lo de pedra, que o cinzel dos raios
Talhou nos montes, que se alteam mais...
Atlas com a fórma do gigante povo...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Vai nas planicies dos infindos pampas
Erguer a tenda do soldado vate...
Livre... bem livre a *Marselhesa* aos echos
Soltar bramindo no feroz combate ..
E após do fumo das batalhas tinto
Canta essa terra, canta os seus *geraes*,
Onde os gaúchos sobre as egoas voam...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E n'esse lago de poesia virgem,
Quando boiares nas sublis espumas,
Sacode estrophes, qual do rio a garça
Perolas solta das brilhantes plumas.

Pallido moço — como o bardo errante —
Teu barco vôa na amplidão fugaz.
A nova Grecia quer um Byron novo...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E eu, cujo peito como uma harpa homerica
Ruge estridente do que é grande ao sopro.
Saúdo o artista, que ao talhar a gloria,
Pega da espada, sem deixar o escopro.
Da caravana guarda a arêa a pégada.
No chão da historia o passo teu verás...
Deus, que o Mazeppa nos steppes guia...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Recife. 1863.

A UMA TAÇA FEITA DE UM CRANEO HUMANO

TRADUZIDO DE BYRON

Não recues! De mim não foi-se o espirito...
Em mim verás — pobre caveira fria —
Unico craneo, que ao envez dos vivos,
Só derrama alegria.

Vivi! amei! bebi quai tu. Na morte
Arrancaram da terra os ossos meus.
Não me insultes! empina-me!... que a *larva*
Tem beijos mais sombrios do que os teus.

Mais val guardar o sumo da parreira
Do que ao verme do chão ser pasto vil;
— Taça — levar dos deuses a bebida,
Que o pasto do reptil.

Que este vaso, onde o espirito brilhava,
Vá nos outros o espirito accender.
Ai! Quando um craneo já não tem mais cerebro,
Podeis de vinho o encher!

Bebe, emquanto inda é tempo! Uma outra raça,
Quando tu e os teus fordes nos fossos,
Póde do abraço te livrar da terra,
E ebria folgando profanar teus ossos.

E por que não? Se no correr da vida
Tanto mal, tanta dôr ahi repousa?
É bom, fugindo á podridão do lodo,
Servir na morte emfim p'ra alguma cousa!...

Bahia, 15 de Dezembro de 1869.

PEDRO IVO

> Sonhava nesta geração bastarda
> Glorias e liberdade!...
> .....
> Era um leão sangrento que rugia,
> Da gloria nos clarins se embriagava,
> E vossa gente pallida recuava,
> Quando elle apparecia.
>
> (ALVARES DE AZEVEDO.)

I

Rebramam os ventos... Da negra tormenta
Nos montes de nuvens galopa o corsel...
Relincha... troveja... galgando no espaço
Mil raios desperta co'as patas revel.

É noite de horrores... nas grunas celestes,
Nas naves ethereas o vento gemeu...
E os astros fugiram, qual bando de garças
Das aguas revoltas do lago do céo.

E a terra é medonha... As arvores núas
Espectros semelham fincados de pé,
Com os braços de mumias, que os ventos retorcem,
Tremendo a esse grito, que estranho lhes é.

Desperta o infinito... Co'a boca entreaberta
Respira a borrasca do largo pulmão.
Ao longe o oceano sacode as espaduas
— Encélado novo calcado no chão.

É noite de horrores... Por invio caminho
Um vulto sombrio sósinho passou,
Co'a noite no peito, co'a noite no busto
Subiu pelo monte... nas cimas parou.

Cabellos esparsos ao sopro dos ventos,
Olhar desvairado, sinistro, fatal,
Dirieis estatua roçando nas nuvens,
P'ra qual a montanha se fez pedestal.

Rugia a procella — nem elle escutava!...
Mil raios choviam — nem elle os fitou!
Com a dextra apontando bem longe a cidade,
Após largo tempo sombrio fallou!

. . . . . .

II

Dorme, cidade maldicta,
Teu somno de escravidão !...
Dorme, vestal da pureza,
Sobre os cochins do *Sultão* !...
Dorme, filha da Georgia,
Prostituta em negra orgia,
Sê hoje Lucrecia Borgia
Da deshonra no balcão !...

Dormir ? !... Não ! Que a infame grita
Lá se alevanta fatal...
Corre o champagne e a deshonra
Na orgia descommunal...
Na fronte já tens um laço...
Cadêas de ouro no braço,
De perolas um baraço,
— Adornos da satural !

Louca !... Nem sabe que as luzes,
Que accendeu p'ra as saturnaes,
São do enterro de seus brios
Tristes cirios funeraes...
Que o seu grito de alegria
É o estertor da agonia,
A que responde a ironia,
Do riso de Satanaz !...

Morreste... E ao teu sahimento
Dobra a procella no céo,
E os astros — olhar dos mortos —
A mão da noite escondeu.
Vê !... Do raio mostra a lampa
Mão de espectro, que destampa
Com dedos de ossos a campa,
Onde a gloria adormeceu.

E erguem-se as lapidas frias,
Saltam bradando os heróes :
« Quem ousa da eternidade
Roubar-nos o somno a nós ? »
Responde o espectro ; — A desgraça !
Que a realeza que passa,
Com o sangue de vossa raça,
Cospe lodo sobre vós !... »

Fugi, fantasmas augustos !
Caveiras que coram mais
Do que essas faces vermelhas
Dos infames pariás !...
Fugi do solo maldicto !...
Embuçai-vos no infinito !...
E eu por detrás do granito
Dos montes occidentaes.

Eu tambem fujo... Eu... fugindo !...
Mentira desses vilões !

Não foge a nuvem trevosa
Quando em azas de tufões
Sobe dos céos á esplanada,
Para tomar emprestada
De raios uma outra espada,
Á luz das constellações...

Como o tigre na caverna
Afia as garras no chão,
Como em Elba amola a espada
Nas pedras — Napoleão,
Tal eu — vaga encapellada,
Recúo de uma passada,
P'ra levar de derribada
Rochedos, reis, multidão... !

III

« Pernambuco ! Um dia eu vi-te
Dormido immenso ao luar,
Com os olhos quasi cerrados,
Com os labios — quasi a fallar...
Do braço o clarim suspenso,
— O punho no sabre extenso
De pedra — *recife* immenso,
Que rasga o peito do mar...

E eu disse : — Silencio, ventos !
Cala a boca, furacão !

No sonho daquelle somno
Perpassa a Revolução !
Este olhar que não se move
Stá fito em — Oitenta e Nove
Lê Homero — escuta Jove...
Robespierre — Dantão.

Naquelle craneo entra em ondas
O verbo de Mirabeau...
Pernambuco sonha a escada,
Que tambem sonhou Jacob ;
Scisma a Republica alçada,
E pega os copos da espada,
Emquanto em su'alma brada :
« Somos irmãos, Vergniaud ! »

Então repeti ao povo :
— Desperta do somno teu !
Samsão ! derroca as columnas !
Quebra os ferros, Prometheu !
Vesuvio curvo — não pares,
Ignea coma solta aos ares,
Em lavas inunda os mares,
Mergulha o gladio no céo.

Republica !... Vôo ousado
Do homem feito condor !

Raio de aurora inda occulta,
Que beija a fronte ao Thabor!
Deus! Porqu' emquanto que o monte
Bebe a luz desse horizonte,
Deixas vagar tanta fronte,
No valle envolto em negror?!...

Inda me lembro... Era ha pouco
A lucta!... horror!... confusão!...
A morte vôa rugindo
Da garganta do canhão!...
O bravo a fileira cerra!...
Em sangue ensopa-se a terra!...
E o fumo — o corvo da guerra —
Com as azas cobre a amplidão...

Cheguei!... Como nuvens tontas,
Ao bater no monte... além,
Topam, rasgam-se, recuam...
Taes a meus pés vi tambem
Hostes mil na lucta ingloria...
Da pyramide da gloria
São degráos... Marcha a victoria,
Porque este braço a sustem.

Foi uma lucta de bravos,
Como a lucta do jaguar.

De sangue enrubesce a terra,
De fogo enrubesce o ar!...
Oh!... mas quem faz que eu não vença?
— O acaso... — avalanche immensa.
Da mão do Eterno suspensa,
Que a idéa esmaga ao tombar!...

Não importa! A liberdade
É como a hydra, o Antheu.
Se no chão rola sem forças,
Mais forte do chão se ergueu...
São os seus ossos sangrentos
Gladios terriveis, sedentos...
E da cinza solta aos ventos
Mais um Graccho appareceu!...

.....

Dorme, cidade maldicta,
Teu somno de escravidão!
Porém no vasto sacrario
Do templo do coração,
Atêa o lume das lampas,
Talvez que um dia dos pampas
Eu, surgindo, quebre as campas,
Onde te colam no chão.

Adeus! Vou por ti, maldicto,
Vagar nos ermos paúes.

Tu ficas morta, na sombra,
Sem vida, sem fé, sem luz !...
Mas quando o povo acordado
Te erguer do tredo vallado,
Virá livre, grande, ousado,
De pranto banhar-me a cruz !...

IV

Assim fallara o vulto errante e negro,
Como a estatua sombria do revez.
Uiva o tufão nas dobras de seu manto,
Como um cão do senhor ulula aos pés...

Inda um momento esteve solitario
Da tempestade semelhante ao deus,
Trocando phrases com os trovões no espaço,
Raios com os astros nos sombrios céos...

Depois sumiu-se dentre as brumas densas
Da negra noite — de su'alma irmã...
E longe... longe... no horizonte immenso
Resonava a cidade cortezã !...

Vai !... Do sertão esperam-te as Thermopylas;
A liberdade inda pulula ali...
Lá não vão vermes perseguir as aguias,
Não vão escravos perseguir a ti !

Vai!... Que o teu manto de mil balas roto
É uma bandeira que não tem rival.
— Desse suor é que Deus faz os astros.
Tens uma espada, que não foi punhal.

Vai, tu que vestes do bandido as roupas
Mas não te cobres de uma vil libré.
Se te renega teu paiz ingrato,
O mundo, a gloria tua patria é!...

. . . . . .

V

E foi-se... E inda hoje nas horas errantes,
Que os cedros farfalham, que ruge o tufão,
E os labios da noite murmuram nas selvas
E a onça vaguêa no vasto sertão.

Se passa o tropeiro nas ermas devezas,
Caminha medroso, figura-lhe ouvir
O infrene galope d'*Espectro soberbo*,
Com um grito de gloria na boca a rugir

Que importa se o tum'lo ninguem lhe conhece?
Nem tem epitaphio, nem leito, nem cruz!...
Seu tumulo é o peito do vasto universo,
Do espaço — por cupola — as conchas azues!...

Mas contam que um dia rolara o oceano
Seu corpo na praia, que a vida lhe deu...
Emquanto que a gloria rolava sua alma
Nas margens da historia, na arêa do céo!...

Recife. Maio de 1865.

OITAVAS A NAPOLEÃO

(TRADUCÇÃO DO HESPANHOL DE LOZANO)

Aguia das solidões!... Ninho atrevido
Foram-te as borrascosas tempestades,
Flammigero cometa suspendido
Sobre o céo infinito das idades.
Tu, que no lago intermino do olvido,
Lançaste tuas regias claridades...
Deus cahido do throno dos mais deuses...
Quem recebeu teus ultimos adeuses?...

Não foram as Pyramides, que ouviram
De teus passos o som e se inclinaram...
Nem as aguas do Nilo, que te viram,
E co'as ondas teu nome murmuraram...

Não foram as cidades, que brandiram
As torres como facho... e te aclararam...
Quem foi? Silencio!... tremulo de medo
Vejo apenas — um mar... vejo um — rochedo...

A terra, o mar, os céos... espaço estreito
Eram p'ra tua planta de gigante.
Para tecto dos paços teus foi feito
O firmamento colossal, fluctuante
Como diadema — os sóes... E como leito
O antarctico pólo de diamante...
Teu feretro, qual foi?... Titão do Sena,
O penhasco fatal de Santa Helena...

Assassina do Encelado da guerra
Só tu foste, Albion... do mar senhora...
Porque? Por um pedaço ahi de terra
Foi pedir-te o gigante em negra hora...
E lhe deste um penhasco... Oh! lá s'encerra
Tua lenda mais horrida... Traidora!
Lá seu espectro envolto na mortalha
Aos quatro céos a maldição espalha...

Ao leão que temias, enjaulaste;
E de longe escutando seu rugido,
Tu, senhora do mar... tu desmaiaste!
Pelo punhal traidor elle ferido

Cahiu-te aos pés... Então tu respiraste,
Cobarde vencedora do vencido...
Nem mesmo todo o oceano poderia
Lavar este padrão de covardia...

Tu não és tão culpada!... Aonde estava
A França tão potente e tão temida?...
Oh! por que o não salvou?... se o contemplava
Lá dos gelos dos Alpes — soerguida?!...
E elle que a fez tão grande?... Ella folgava!...
Emquanto ao longe do colosso a vida
Como um vulcão antigo e moribundo
Lento expirava nesse mar profundo.

S. Paulo.

BOA NOITE

Veux-tu donc partir? Le jour est encore éloigné;
C'était le rossignol et non pas l'alouette,
Dont le chant a frappé ton oreille inquiète;
Il chante la nuit sur les branches de ce grenadier.
Crois-moi, cher ami, c'était le rossignol.

(SHAKSPEARE.)

Boa noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janellas bate em cheio.
Boa noite, Maria! É tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite!... E tu dizes — Boa noite.
Mas não m'o digas assim por entre beijos...
Mas não m'o digas descobrindo o peito,
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céo! Ouve... a *calhandra*
Já rumoreja o canto da matina.
Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...
Quem cantou foi teu halito, divina!

Se a estrella d'alva os derradeiros raios
Derrama nos jardins do *Capuleto*,
Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
É noite ainda em teu cabello preto...

É noite ainda! Brilha na cambraia
— Desmanchado o roupão, a espadua núa —
O globo de teu peito entre os arminhos,
Como entre as nevoas se balouça a lua...

É noite, pois! Durmamos, Julieta!
Rescende a alcova ao trescalar das flores.
Fechemos sobre nós estas cortinas...
— São as azas do archanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lampada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus labios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme tua alma como a lyra ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros bebo attento!

Ai! canta a cavatina do delirio,
Ri, suspira, soluça, anceia e chora...
Marion! Marion!... É noite ainda.
Que importa os raios de uma nova aurora?!...

Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabello...
E deixa-me dormir balbuciando:
— Boa noite! formosa Consuelo!...

S. Paulo, 27 de Agosto de 1868.

ADORMECIDA

Ses longs cheveux épars la couvrent toute entière.
La croix de son collier repose dans sa main,
Comme pour témoigner qu'elle a fait sa prière,
Et qu'elle va la faire en s'éveillant demain.

(A. DE MUSSET.)

Uma noite, eu me lembro... Ella dormia
N'uma rêde encostada mollemente...
Quasi aberto o roupão, solto o cabello,
E o pé descalço do tapete rente.

Stava aberta a janella. Um cheiro agreste
Exhalavam as silvas da campina...
E ao longe, n'um pedaço do horizonte,
Via-se a noite placida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscillando ao tom das auras,
Iam na face tremulos — beijal-a.

Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ella serenava... a flor beijava-a...
Quando ella ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-hia que naquelle doce instante
Brincavam duas candidas crianças...
A briza, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava, ora afastava-se...
Mas quando a via despeitada a meio,
P'ra não zangal-a... sacudia alegre
Uma chuva de petalas no seio...

Eu, fitando esta scena, repetia
N'aquella noite languida e sentida:
— O' flor! — tu és a virgem das campinas!
— Virgem! tu és a flor de minha vida!...

S. Paulo, Novembro de 1868.

JESUITAS

(SECULO XVIII)

O mes frères, je viens vous apporter mon Dieu
Je viens vous apporter ma tête.
V. HUGO (*Châtiments*)

Quando o vento da Fé soprava Europa,
Como o tufão que impelle ao ar a tropa
Das aguias, que pousavam no alcantil,
Do zimborio de Roma — a ventania
O bando dos apost'los sacudia
Aos cerros do Brasil.

Tempos idos! Extinctos luzimentos!
O pó da catechese aos quatro ventos
Revoava nos céos...

Floria após na India ou na Tartaria,
No Mississipi, no Perú, na Arabia
Uma palmeira — Deus!

O navio maltez, do Lacio a vela,
A lusa náo, as quinas de Castella,
Do hollandez a galé
Levavam sem saber ao mundo inteiro
Os *vandalos* sublimes do cordeiro,
Os *Attilas* da Fé.

Onde ia aquella náo? — Ao Oriente.
A outra? — Ao pólo. A outra? — Ao Occidente.
Outra? — Ao norte. Outra? — Ao sul.
E o que buscava? A phoca além do pólo;
O ambar, o cravo no indiano sólo,
Mulheres em Stambul.

Ouro — na Australia; pedras — em Misora!...
« Mentira! respondia em voz canora
O filho de Jesus...
« Pescadores!... nós vamos no mar fundo
Pescar almas p'ra o Christo em todo mundo,
Com um anzol — a cruz! »

Homens de ferro! Mal na vaga fria
Colombo ou Gama um trilho descobria
Do mar nos escarcéos,

Um padre atravessava os equadores,
Dizendo: « Genios!... sois os *batedores*
Da *matilha* de Deus. »

Depois as solidões surprezas viam
Esses homens inermes, que surgiam
Pela primeira vez.
E a onça recuando s'esgueirava
Julgando o crucifixo... alguma clava
Invencivel talvez!

O martyrio, o deserto, o cardo, o espinho
A pedra, a serpe do sertão maninho,
A fome, o frio, a dor;
Os insectos, os rios, as lianas,
Chuvas, miasmas, settas e savanas,
Horror e mais horror...

Nada turbava aquellas frontes calmas,
Nada curvava aquellas grandes almas
Voltadas p'ra amplidão...
No entanto elles só tinham na jornada
Por couraça — a sotaina esfarrapada ..
E uma cruz — por bordão.

Um dia a *taba* do Tupi selvagem
Tocava alarma... embaixo da folhagem
Rangèra estranho pé...

O caboc'lo da rêde ao chão saltava,
A setta hervada o arco recurvava...
Estrugia o *boré*.

E o tacape brandindo, a tribu féra
De um tigre ou de um jaguar ficava á espera
Com gesto ameaçador...
Surgia então no meio do terreiro
O padre calmo, santo, sobranceiro,
O *Piaga* do amor.

Quantas vezes então sobre a fogueira,
Aos estalos sombrios da madeira,
Entre o fumo e a luz...
A voz do martyr murmurava ungida :
« Irmãos ! Eu vim trazer-vos — minha vida...
Vim trazer-vos — Jesus ! »

Grandes homens ! Apostolos heroicos !...
Elles diziam mais do que os stoicos :
« Dôr — tu és um prazer !
Grelha — és um leito ! Braza — és uma gemma !
Cravo — és um sceptro ! Chamma — um diadema !
O' morte — és o viver ! »

Outras vezes no eterno itinerario
O sol, que vira um dia no Calvario
Do Christo a santa cruz ;

Enfiava de vir achar nos Andes
A mesma cruz, abrindo os braços grandes
Aos indios rubros, nús.

Eram elles que o verbo do Messias
Prégavam desde o valle ás serranias,
Do pólo ao Equador...
E o Niagara ia contar aos mares...
E o Chimborazo arremessava aos ares
O nome do Senhor!...

S. Paulo, 1868.

POESIA E MENDICIDADE

NO ALBUM DA EXMA. SRA. D. MARIA JUSTINA PROENÇA PEREIRA PEIXOTO

I

Senhora! A poesia outr'ora era a estrangeira,
Pallida, aventureira, errante a viajar,
Batendo em duas portas—ao grito das procellas,
Ao céo—pedindo estrellas, á terra—um pobre lar!

Visão de aureos laureis, porém de manto esqualido,
Mulher de labio pallido e olhar cheio de luz.
Seus passos nos espinhos em sangue se assignalam...
E os astros lhe resvalam á flor dos hombros nús...

II

Olhai! O sol descamba... A tarde harmoniosa
Envolve luminosa a Grecia em frouxo véo.
Na entrada ao som da vaga, ao suspirar do vento,
De um marco poeirento um velho então se ergueu.

Ergueu-se tacteando.. é cégo... o cégo anceia...
Porém o que tacteia aquella augusta mão?...
Talvez busca pegar o sol, que lento expira!...
Fado cruel!... mentira!... Homero pede pão!

III

Mas ai! volvei, senhora, os vossos bellos olhos
Daquelle mar d'abrolhos a um novo quadro; olhai!
Do vasto salão gothico eu ergo o reposteiro...
O lar é hospitaleiro... Entrai, senhora, entrai!

Estamos na média idade. Arnez, gladio, armadura
Servem de compostura á sala vasta e chã.
A um lado um galgo esvelto ameiga e acaricia
A mão suave, esguia — á loura castellã.

Vai o banquete em meio... O bardo se alevanta
Pega da lyra... canta uma canção de amor...
Ouvi-o! Para ouvil-o a estrella pensativa
Alonga pela ogiva um raio de languor!

Dos ramos do carvalho a briza se debruça...
Na sala alguem soluça... (amor ou languidez ?)
Subito a nota extrema anceia, treme, rola...
Alguem pede uma esmola... Senhora, não olheis !...

Assim nos tempos idos a musa canta e pede...
Genio e mendigo... vêde... o abysmo de irrisões !
Tasso implora um olhar ! Vai Ossian mendicante...
Caminha roto o Dante ! e pede pão Camões.

IV

Bem sei, senhora, que ao talento agora
Surgiu a aurora de uma luz amena.
Hoje ha salario p'ra qualquer trabalho,
Cinzel ou malho, ferramenta ou penna !

Melhor que o Rei sabe pagar o pobre
Melhor que o nobre — protector verdugo !
Foi surdo um *throno*... *á maior gloria vossa*...
Abre-se a choça aos *Miseraveis* de Hugo.

Porém não sei se é por costume antigo,
Que inda é mendigo do cantor o genio.
Mudem-se os pannos do scenario a esmo,
O vulto é o mesmo... n'um melhor proscenio...

V

Hoje o poeta — caminheiro errante,
Que tem saudades de um paiz melhor,
Pede uma perola — á maré montante,
Do seio ás vagas — pede um outro amor.

Alma sedenta de ideal na terra
Busca apagar aquella sêde atroz!
Pede a harmonia divinal, que encerra
Do ninho o chilro... da tormenta a voz.

E o rir da folha, o sussurrar da falla,
Threnos da estrella no amoroso estio,
Voz que dos póros o universo exhala
Do céo, da gruta, do alcantil, do rio!

Pede aos pequenos, desde o verme ao tojo,
Ao fraco, ao forte... — preces, gritos, uivos...
Pede das aguias o possante arrojo,
Para encontrar os meteoros ruivos.

Pede á mulher que seja boa e linda.
— Vestal de um typo que o *ideal* revela...
Pois ser formosa é ser melhor ainda...
Se és boa—és luz... mas se és formosa—estrella...

E pede á sombra, p'ra aljofrar de orvalhos
A fronte azul da solidão nocturna.
E pede ás auras, p'ra afagar os galhos
E pede ao lyrio, p'ra enfeitar a furna.

Pede ao olhar a maciez suave
Que tem o arminho e o edredon macio,
O avelludado da pennugem d'ave,
Que afaga ás plumas no palmar sombrio.

.....

E quando encontra sobre a terra ingrata
Um reverbero do clarão celeste,
— Alma formada de uma essencia grata,
Que a lua doura, e que um perfume veste;

Um rir que nasce, como o broto em Maio,
Mostrando seivas de bondade infinda,
Fronte que guarda — a claridade e o raio,
— Virtude e graça — o ser bondosa e linda...

Então, senhora, sob tanto encanto
Pede o poeta (que não tem renome)
— Versos — á briza p'ra vos dar um canto.....
Raios ao sol — p'ra vos traçar o nome!...

Bahia, 26 de Janeiro de 1870.

HYMNO AO SOMNO

O' somno! ó noivo pallido
Das noites perfumosas,
Que um chão de *nebulosas*
Trilhas pela amplidão!
Em vez de verdes pampanos,
Na branca fronte enrolas
As languidas papoulas,
Que agita a viração.

Nas horas solitarias,
Em que vagueia a lua,
E lava a planta núa,
Na onda azul do mar;
Com um dedo sobre os labios,
No vôo silencioso,

Vejo-te cauteloso
No espaço viajar!

Deus do infeliz, do misero!
Consolação do afflicto!
Descanso do precito,
Que sonha a vida em ti!
Quando a cidade tetrica
De angustias e dor não geme...
É tua mão que espreme
A dormideira ali.

Em tua branca tunica
Envolves meio mundo...
É teu seio fecundo
De sonhos e visões;
Dos templos aos prostibulos,
Desde o tugurio ao paço,
Tu lanças lá do espaço
Punhados de illusões...!

Da vide o sumo rubido,
Do *hatchis* a essencia,
O opio, que a indolencia
Derrama em nosso ser,
Não valem, genio magico,
Teu seio, onde repousa
A placidez da lousa
E o gozo do viver...

O' somno ! unge-me as palpebras...
Entorna o esquecimento
Na luz do pensamento
Que abraza o craneo meu.
Como o pastor da Arcadia,
Que uma ave errante aninha...
Minh'alma é uma andorinha..
Abre-lhe o seio teu.

Tu que fechaste as petalas
Do lirio que pendia,
Chorando a luz do dia
E os raios do arrebol;
Tambem fecha-me as palpebras...
Sem *Ella* o que é a vida ?...
Eu sou a flor pendida
Que espera a luz do sol.

O leite das euphorbias
P'ra mim não é veneno...
Ouve-me, ó deus sereno !
O' deus consolador !
Com teu divino balsamo
Cala-me a anciedade !
Mata-me esta saudade,
Apaga-me esta dor.

Mas quando, ao brilho rutilo
Do dia deslumbrante,

Vires a minha amante
Que volve para mim;
Então ergue-me subito...
É minha aurora linda...
Meu anjo... mais ainda...
É minha amante emfim!

O' somno! O' deus noctivago!
Doce influencia amiga!
Genio que a Grecia antiga
Chamava de Morpheu.
Ouve!... E se minhas supplicas
Em breve realizares...
Voto nos teus altares
Minha lyra de Orpheu!

S. Paulo, 13 de Julho de 1868

NO ALBUM DO ARTISTA LUIZ C. AMOEDO

Nos tempos idos... o alabastro, o marmore
Reveste as fórmas desnuadas, madidas
De Venus ou Phryné.
Nem um véo p'ra occultar o seio tremulo,
Nem um thyrso a velar a coxa pallida...
O olhar não sonha... vê!

Um dia o artista, n'um momento lucido,
Entre *gazas de pedra* a loura Aspasia
Amoroso envolveu.
Depois, surpreso!... viu-a inda mais languida...
Sonhou mais doido aquellas fórmas lubricas...
Mais *núas* sob um *véo*.

É o mysterio do espirito... A modestia
É dos talentos — reis a santa purpura...
Artista, és bello assim...
Este *santo pudor* é só dos genios!
Tambem o espaço esconde-se entre nevoas...
E no emtanto é... sem fim!

S. Paulo, Abril de 1869.

VERSOS DE UM VIAJANTE

> Ai! nenhum Mago da Chaldéa sabe
> A dor abrandará que me devora.
>
> (F. VARELLA)

Tenho saudade das cidades vastas,
Dos invios cerros, do ambiente azul...
Tenho saudade dos ceruleos mares,
Das bellas filhas do paiz do sul!

Tenho saudade de meus dias idos
— Pet'las perdidas em fatal paul —
Pet'las que outr'ora desfolhámos juntos,
Morenas filhas do paiz do sul!

Lá onde as vagas nas arêas rolam,
Bem como aos pés da Oriental Stambul..
E da Tijuca na nitente espuma
Banham-se as filhas do paiz do sul.

Onde ao sereno a magnolia esconde
Os pyrilampos de *lanterna azul*,
Os pyrilampos, que trazeis nas coifas,
Morenas filhas do paiz do sul.

Tenho saudades... ai! de ti, São Paulo,
— Rosa de Hespanha no hibernal Friul —
Quando o estudante e a serenata acordam
As bellas filhas do paiz do sul.

Das varzeas longas, das manhãs brumosas,
Noites de nevoa, ao rugitar do sul,
Quando eu sonhava nos morenos seios,
Das bellas filhas do paiz do sul

Em caminho, Fevereiro de 1870.

ONDE ESTÁS?

É meia noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo de desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabellos fugaz:
« Vento frio do deserto,
Onde ella está? Longe ou perto? »
Mas como um halito incerto,
Responde-me o echo ao longe:
« Oh! minh' amante, onde estás?...

Vem! É tarde! Por que tardas?
São horas de brando somno.
Vem reclinar-te em meu peito
Com teu languido abandono!...

Stá vasio nosso leito...
Stá vazio o mundo inteiro;
E tu não queres qu'eu fique
Solitario nesta vida...
Mas por que tardas, querida?...
Já tenho esperado assás...
Vem depressa, que eu deliro;
Oh! minh'amante, onde estás?...

Estrella — na tempestade,
Rosa — nos ermos da vida,
Iris — do naufrago errante,
Illusão — d'alma descrida;
Tu foste, mulher formosa!
Tu foste, ó filha do céo!...
E hoje que o meu passado
Para sempre morto jaz...
Vendo finda a minha sorte,
Pergunto aos ventos do norte:
— Oh! minh'amante, onde estás?...

Bahia.

A BOA-VISTA

> Sonha, poeta, sonha! Aqui sentado,
> No tosco assento da janella antiga,
> Apoias sobre a mão a face pallida,
> Sorrindo—dos amores á cantiga.
>
> (ALVARES DE AZEVEDO.)

Era uma tarde triste, mas limpida e suave...
Eu—pallido poeta — seguia triste e grave
A estrada, que conduz ao campo solitario,
Como um filho, que volta ao paternal sacrario,
E ao longe abandonando o murmur da cidade,
— Som vago que gagueja em meio a immensidade,
No drama do crepusculo eu escutava attento
A *surdina* da tarde ao sol, que morre lento.

A poeira da estrada meu passo levantava.
Porém minh'alma ardente no céo azul marchava
E os astros sacudia no vôo violento
— Poeira que dormia no chão do firmamento.

A pavida andorinha, que o vendaval fustiga,
Procura os corucheus da cathedral antiga.
Eu—andorinha entregue aos vendavaes do inverno,
Ia seguindo triste p'ra o velho lar paterno.

Como a aguia que do ninho talhado no rochedo
Ergue o pescoço calvo por cima do fraguedo,
(P'ra ver no céo a nuvem, que espuma o firmamento,
E o mar — corcel que espuma ao latego do vento...)
Longe o feudal castello levanta a antiga torre,
Que aos raios do poente brilhante sol escorre!
Eil-o soberbo e calmo o abutre de granito
Mergulhando o pescoço no seio do infinito,
Está de cima olhando com seus clarões vermelhos
Os tectos, que a seus pés parecem de joelhos!...

Não! minha velha torre! Oh! atalaia antiga,
Tu olhas esperando alguma face amiga,
E perguntas talvez ao vento, que em ti chora:
« Por que não volta mais o meu senhor d'outr'ora?
Por que não vem sentar-se no banco do terreiro,
Ouvir das criancinhas o riso feiticeiro,

E pensando no lar, na sciencia, nos pobres
Abrigar nesta sombra seus pensamentos nobres?

.....

Onde estão as crianças — grupo alegre e risonho
— Que escondiam-se atrás do cypreste tristonho...
Ou que enforcaram rindo um feio *Pulchinello*.
Emquanto a doce mãe, que é toda amor, desvelo
Ralha com um rir divino o grupo folgazão,
Que vem correndo alegre beijar-lhe a branca mão?...

.....

É nisto que tu scismas, ó torre abandonada,
Vendo deserto o parque e solitaria a estrada.
No emtanto eu, estrangeiro, que tu já não conheces,
No limiar de joelhos só tenho pranto e preces.

Oh! deixem-me chorar!... Meu lar... meu doce ninho!
Abre a vetusta grade ao filho teu mesquinho!
Passado... mar immenso! inunda-me em fragrancia!
Eu não quero laureis, quero as rosas da infancia.

Ai! Minha triste fronte, aonde as multidões
Lançaram misturadas glorias e maldições...
Acalenta em teu seio, ó solidão sagrada!
Deixa est'alma chorar em teu hombro encostada!

Meu lar está deserto... Um velho cão de gua da
Veiu saltando a custo roçar-me a testa parda,
Lamber-me após os dedos, porém a sós comsigo
Rusgando com o direito, que tem um velho amigo...

Como tudo mudou-se!... O jardim 'stá inculto.
As roseiras morreram do vento ao rijo insulto...

A herva inunda a terra; o musgo trepa os muros
A urtiga silvestre enrola em nós impuros
Uma estatua cahida, em cuja mão nevada
A aranha estende ao sol a têa delicada!...
Mergulho os pés nas plantas selvagens, espalmadas,
As borboletas fogem-me em lucidas manadas...
E ouvindo-me as passadas tristonhas, taciturnas,
Os grilos que cantavam, calaram-se nas furnas...

O' jardim solitario! Reliquia do passado!
Minh'alma, como tu, é um parque arruinado!
Morreram-me no seio as rosas em fragrancia,
Veste o pezar os muros dos meus vergeis da infancia.
A estatua do talento, que pura em mim s'erguia,
Jaz hoje—e nella a turba enlaça uma ironia!...
Ao menos como tu, lá d'alma n'um recanto
Da casta poesia ainda escuto o canto.
— Voz do céo, que consola, se o mundo nos insulta,
E na gruta do seio murmura um threno occulta.

Entremos!... Quantos echos na vasta escadaria,
Nos longos corredores respondem-me á porfia!...

Oh! casa de meus paes!... A um craneo já vasio,
Que o hospede largando deixou calado e frio,
Compara-te o estrangeiro—caminhando indiscreto
Nestes salões immensos, que abriga o vasto tecto.

Mas eu no teu vasio—vejo uma multidão,
Falla-me o teu silencio—ouço-te a solidão!...
Povoam-se estas salas...

E eu vejo lentamente
No solo resvalarem fallando tenuemente
Dest'alma e deste seio as sombras venerandas,
Fantasmas adorados — visões subtis e brandas...

Aqui...além...mais longe...por onde eu movo o passo,
Como aves que espantadas arrojam-se ao espaço,
Saudades e lembranças s'erguendo—bando alado—
Roçam por mim as azas, voando p'ra o passado.

Boa Vista. 18 de Novembro de 1867.

A UMA ESTRANGEIRA

(LEMBRANÇA DE UMA NOITE NO MAR)

Sens-tu mon cœur, comme il palpite!
Le tien comme il battait gaiement!
Je m'en vais pourtant, ma petite,
Bien loin, bien vite,
Toujours t'aimant.

(*Chanson.*)

Ignez! nas terras distantes,
Aonde vives talvez,
Inda lembram-te os instantes
Daquella noite divina?...
Estrangeira, peregrina,
Quem sabe? — Lembras-te, Ignez?

Branda noite! A noite immensa
Não era um ninho? — Talvez!...
Do Atlantico a vaga extensa
Não era um berço? — Oh! Se o era...
Berço e ninho... ai, primavera!
O ninho, o berço de Ignez.

Ás vezes estremecias...
Era de febre? Talvez!...
Eu pegava-te as mãos frias
P'ra aquental-as em meus beijos...
Oh! pallidez! Oh! desejos!
Oh! longos cilios de Ignez!

Na prôa os nautas cantavam,
Eram saudades?... Talvez!
Nossos beijos estalavam
Como estala a castanhola...
Lembras-te acaso, hespanhola?
Acaso lembras-te, Ignez?

Meus olhos nos teus morriam...
Seria vida? — Talvez!
E meus prantos te diziam:
— Tu levas minh'alma, ó filha,
Nas rendas desta mantilha...
Na tua mantilha, Ignez!

De Cadix o aroma ainda
Tinhas no seio... Talvez !
De Buenos Ayres a linda,
Volvendo aos lares, trazia
As rosas de Andaluzia
Nas lisas faces de Ignez !

E volvia a Americana
Do Plata ás vagas... Talvez !
E a briza amorosa, insana,
Misturava os meus cabellos
Aos cachos escuros, bellos,
Aos negros cachos de Ignez !

As estrellas acordavam
Do fundo do mar... Talvez !
Na prôa as ondas cantavam.
E a serenata divina
Tu, com a ponta da botina,
Marcavas no chão... Ignez !

Não era cumplicidade
Do céo, dos mares? Talvez !
Dir-se-ia que a immensidade
— Conspiradora mimosa —
Dizia á vaga amorosa :
— Segreda amores á Ignez ! —

E como um véo transparente,
Um véo de noiva... Talvez,
Da lua o raio tremente
Te enchia de casto brilho..,
E a rastos no tombadilho
Cahia a teus pés... Ignez !

E essa noite delirante
Pudeste esquecer ? — Talvez...
Ou talvez que neste instante,
Lembrando-te inda saudosa,
Suspires, moça formosa !...
Talvez te lembres... Ignez !. .

Curralinho . 2 de julho de 1870

PERSEVERANDO

A REGUEIRA COSTA

(TRADUCÇÃO DE V. HUGO)

A aguia é o genio... Da tormenta o passaro,
Que do monte arremette o altivo pincaro,
Qu'ergue um grito aos fulgores do arrebol,
Cuja garra jámais se pêa em lodo,
E cujo olhar de fogo troca raios
— Contra os raios do sol.

Não tem ninho de palhas... tem um antro
— Rocha talhada ao martellar do raio,
— Brecha em serra, ant'a qual o olhar tremeu...
No flanco da montanha — asylo tremulo,
Que sacode o tufão entre os abysmos
— O precipicio e o céo,

Nem pobre verme, nem dourada abelha,
Nem azul borboleta... sua prole
Faminta, boquiaberta espera ter...
Não! São aves da noite, são serpentes,
São lagartos immundos, que ella arroja
Aos filhos p'ra viver.

Ninho de rei!... palacio tenebroso,
Que a avalanche a saltar cerca tombando!...
O genio ahi enseiva a geração...
E ao céo lhe erguendo os olhos flammejantes
Sob as azas de fogo aquenta as almas
Que um dia voarão.

Por que espantas-te, amigo, se tua fronte
Já de raios pejada choca a nuvem?...
Se o reptil em teu ninho se debate?...
É teu folgar primeiro... é tua festa!...
Aguias! P'ra vós cad'hora é uma tormenta,
Cada festa um combate!...

Radia!... E tempo!... E se a lufada erguer-se
Muda a noite feral em prisma fulgido!
De teu alto pensar completa a lei!...
Irmão! — Prende esta mão de irmão na minha!
Toma a lyra — Poeta! Aguia! — esvoaça!
Sobe, sobe, astro — rei!...

De tua aurora a bruma vai fundir-se,
Aguia! faz-te mirar do sol, do raio;
Arranca um nome no febril cantar.
Vem! A gloria, que é o alvo de vis settas,
É bandeira arrogante, que o combate
Embelleza ao rasgar.

O meteoro real — de coma fulgida —
Rola e se engrossa ao devorar dos mundos...
Gigante! Cresces todo dia assim!...
Tal teu genio, arrastando em novos trilhos
No curso audaz constellações de idéas,
Marcha e recresce no marchar sem fim!...

Pernambuco, Santo Amaro — 1867.

O CORAÇÃO

O coração é o colibri dourado
Das veigas puras do jardim do céo.
Um — tem o mel da granadilha agreste,
Bebe os perfumes, que a bonina deu.

O outro — vôa em mais virentes balsas,
Pousa de um riso na rubente flor
Vive do mel — a que se chama — crenças,
Vive do aroma — que se diz — amor.

Recife. 1865.

MURMURIOS DA TARDE

Écoute ! tout se tait ; songe à ta bien-aimée.
Ce soir, sous les tilleuls à la sombre ramée,
Le rayon du couchant laisse un adieu plus doux ;
Ce soir, tout va fleurir : l'immortelle nature
Se remplit de parfums, d'amour et de murmure,
Comme le lit joyeux de deux jeunes époux

A. DE MUSSET.

Rosa ! Rosa de amor purpurea e bella

GARRETT.

Hontem á tarde, quando o sol morria,
A natureza era um poema santo.
De cada mouta a escuridão sahia,
De cada gruta rebentava um canto,
Hontem á tarde, quando o sol morria.

Do céo azul na profundeza escura
Brilhava a estrella, como um fructo louro,
E qual a fouce, que no chão fulgura,
Mostrava a lua o semi-circ'lo d'ouro,
Do céo azul na profundeza escura.

Larga harmonia embalsamava os ares:
Cantava o ninho — suspirava o lago...
E a verde pluma dos subtis palmares
Tinha das ondas o murmurio vago...
Larga harmonia embalsamava os ares.

Era dos seres a harmonia immensa,
Vago concerto de saudade infinda!
— Sol! não me deixes, diz a vaga extensa.
— Aura! não fujas, diz a flor mais linda;
Era dos seres a harmonia immensa!

— Leva-me! leva-me em teu seio amigo —
Dizia ás nuvens o choroso orvalho.
— Rola, que foges! diz o ninho antigo,
— Leva-me ainda para um novo galho...
Leva-me! leva-me em teu seio amigo. —

— Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!
— Inda um calor, antes que chegue o frio... —
E mais o musgo se conchega á penha

E mais á penha se conchega o rio...
— Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha! —

E tu no emtanto no jardim vagavas,
Rosa de amor, celestial Maria...
Ai! como esquiva sobre o chão pisavas,
Ai! como alegre a tua boca ria...
E tu no emtanto no jardim vagavas.

Eras a estrella transformada em virgem!
Eras um anjo, que se fez menina!
Tinhas das aves a celeste origem,
Tinhas da lua a pallidez divina,
Eras a estrella transformada em virgem!

Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto,
Que bella rosa! que fragrancia meiga!
Dir-se-ia um riso no jardim aberto,
Dir-se-ia um beijo, que nasceu na veiga...
Flor! Tu chegastes de outra flor mais perto!...

E eu, que escutava o conversar das flores,
Ouvi que a rosa murmurava ardente :
— Colhe-me, ó virgem, — não terei mais dores,
Guarda-me, ó bella, no teu seio quente... —
E eu escutava o conversar das flores.

Leva-me! leva-me, ó gentil Maria! —
Tambem então eu murmurei scismando...
Minh'alma é rosa, que a geada esfria...
Dá-lhe em teus seios um asylo brando...
Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!... —

Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1869

PELAS SOMBRAS

AO PADRE FRANCISCO DE PAULA

> C'est que je suis frappé du doute,
> C'est que l'étoile de la foi
> N'éclaire plus ma noire route ;
> Tout est abîme autour de moi!
>
> (LA MORVONNAIS.)

Senhor! A noite é brava... a praia é toda escolhos,
Ladram na escuridão das *Circes as cadellas*...
As lividas marés atiram, a meus olhos,
Cadaveres que riem á face das estrellas!

Da garça do oceano as ensopadas pennas
O morbido suor enxugam-me da testa.
Na aresta do rochedo o pé se firma apenas...
No emtanto ouço do abysmo a rugidora festa!...

Nas orlas de meu manto o vendaval s'enrola...
Como invisivel dextra açouta as faces minhas..
Emquanto que eu tropeço... um grito ao longe rola...
— Quem foi? perguntam rindo as solidões marinhas.

Senhor! Um facho ao menos empresta ao caminhante.
A tréva me assoberba... O' Deus! dá-me um clarão!

E uma voz respondeu nas sombras triumphante:
— Accende, ó viajor! — o facho da Razão! —

.....

Senhor! Ao pé do lar, na quietação, na calma,
Póde a flamma subir brilhante, loura, eterna;
Mas quando os vendavaes, rugindo, passam n'alma,
Quem póde resguardar a tremula lanterna?

Torcida... desgrenhada aos dedos da lufada
Bateu-me contra o rosto... e se abysmou na tréva.
Eu vi-a vacillar... e minha mão queimada
A lampada sem luz embalde ao raio eleva.

Quem fez a gruta — escura, o pyrilampo cria!
Quem fez a noite — azul, inventa a estrella clara!
Na fronte do oceano — accende uma ardentia!
Com o flóco do Santelmo — a tempestade aclara!

Mas ai! Que a tréva intsrna—a duvida constante—
Deixaste assoberbar-me em funda escuridão!...

E uma voz respondeu nas sombras triumphante:
— Accende, ó viajor! a fé no coração... —

Curralinho, 5 de Junho de 1870.

ODE AO DOUS DE JULHO

(RECITADA NO THEATRO DE S. PAULO)

Era no Dous de Julho. A pugna immensa
Travára-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte pallido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
— Neste lençol tão largo, tão extenso,
Como um pedaço roto do infinito...
O mundo perguntava erguendo um grito!
— Qual dos gigantes morto rolará?!...

Debruçados do céo... a noite e os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...
Era a tocha — o fuzil avermelhado!
Era o Circo de Roma — o vasto chão!

Por palmas — o troar da artilharia!
Por féras — os canhões negros rugiam!
Por athletas — dous povos se batiam!
Enorme amphitheatro — era a amplidão!

Não! Não eram dous povos que abalavam
Naquelle instante o sólo ensanguentado..
Era o porvir — em frente do passado,
A liberdade — em frente á escravidão.
Era a lucta das aguias — e do abutre,
A revolta do pulso — contra os ferros,
O pugilato da razão — com os erros,
O duelo da tréva — e do clarão!...

No entanto a lucta recrescia indomita...
As bandeiras — como aguias erriçadas
Se abysmavam com as azas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cégo de metralha
O archanjo do triumpho vacillava...
E a gloria desgrenhada acalentava
O cadaver sangrento dos heróes!..

. . . . . .
. . . . . .

Mas quando a branca estrella matutina
Surgiu do espaço... e as brizas forasteiras

No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hymnos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina :
Eras tu — liberdade peregrina!
Esposa do porvir — noiva do sol!...

Eras tu que com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sagravas a Columbia terra,
Sagravas livre a nova geração!
Tu que erguias, subida na pyramide,
Formada pelos mortos do Cabrito,
Um pedaço de gladio — no infinito...
Um trapo de bandeira — n'amplidão!...

S. Paulo, Julho de 1868.

A DUAS FLORES

São duas flores unidas,
São duas rosas nascidas
Talvez no mesmo arrebol,
Vivendo no mesmo galho,
Da mesma gotta de orvalho,
Do mesmo raio de sol.

Unidas, bem como as pennas
Das duas azas pequenas
De um passarinho do céo...
Como um casal de rolinhas,
Como a tribu de andorinhas
Da tarde no frouxo véo.

Unidas, bem como os prantos,
Que em parelha descem tantos
Das profundezas do olhar...
Como o suspiro e o desgosto,
Como as covinhas do rosto,
Como as estrellas do mar.

Unidas.. Ai! quem pudera
N'uma eterna primavera
Viver, qual vive esta flor.
Juntar as rosas da vida
Na rama verde e florida,
Na verde rama do amor!

Curralinho. Março de 1870.

O TONEL DAS DANAIDES

DIALOGO

Na torrente caudal de seus cabellos negros
Alegre eu embarquei da vida a rubra flor.

— Poeta ! Eras o Doge o annel lançando ás ondas...
Ao fundo de um abysmo... arremeçaste o amor.

Depois minh'alma ao som da lyra de cem vozes
Sublimes fantasias em notas desfolhou.

— Cleopatra tambem p'ra erguer no Tibre a espuma
As per'las do collar nas vagas desfiou !

Depois fiz de meu verso a purpura escarlate
Por onde ella pizasse em marcha triumphal !

— Como Hercules, volveste aos pés da insana
Omphali
O fuso feminil de uma paixão fatal

Um dia ella me disse : — Eu sou uma exilada ! —
Ergui-me... e abandonei meu lar e meu paiz...

— Assim o filho prodigo atira as vestes quentes
E treme no caminho aos pés da meretriz.

E quando debrucei-me á beira daquella alma
P'ra ver toda riqueza e affectos que lhe dei !...

— Ai ! nada mais achaste ! o abysmo os devorára...
O pégo se esqueceu da dadiva do Rei !

Na gruta do chacal ao menos restam ossos...
Mas tudo sepultou-me aquelle amor cruel !

— Poeta ! O coração da fria Messalina
É das fataes Danaides o perfido *Tonel* !

14 de Outubro de 1869.

A LUIZ

(NO DIA DE SEU NATALICIO)

> A imaginação, com o vôo ousado, aspira a principio a eternidade... Depois um pequeno espaço basta em breve para os destroços de nossas esperanças illudidas !...
>
> (GŒTHE

Comoum perfume de longinquas plagas
Traz o vento da patria ao peregrino,
O' meu amigo! que saudade infinda
Tu me trazes dos tempos de menino!

É o ledo enxame de subtís abelhas
Que vem lembrar á flor o mel d'aurora...
Acres perfumes de uma idade ardente
Quando o labio sorri... mas nunca chora!

Que tempos idos! que esperanças louras!
Que scismas de poesia e de futuro!
Nas paginas do triste Lamartine,
Quanto sonho de amor pousava puro!...

E tu fallavas de um amor celeste,
De um anjo, que depois se fez esposa...
— Moça, que troca os risos de criança
Pelo meigo scismar de mãe formosa.

Oh! meu amigo! neste doce instante
O vento do passado em mim suspira,
E minh'alma estremece de alegria,
Como ao beijo da noite geme a lyra.

Tu paraste na tenda, ó peregrino!
Eu vou seguindo do deserto a trilha;
Pois bem... que a lyra do poeta errante
Seja a benção do lar e da familia.

Rio Fevereiro de 1868.

DALILA

Fair defect of nature.

MILTON — *Paradise lost.*

Foi desgraça, meu Deus!... Não!... Foi loucura
Pedir seiva de vida — á sepultura,
Em gelo — me abrazar,
Pedir amores — á Marco sem brio,
E a rebolcar-me em leito immundo e frio
— A ventura buscar.

Errado viajor — sentei-me á alfombra
E adormeci da mancenilha á sombra
Em berço de setim...
Embalava-me a briza no meu leito..
Tinha o veneno a lacerar-me o peito
— A morte dentro em mim...

Foi loucura!... No occaso tomba o astro,
A estatua branca e pura de alabastro
— Se mancha em lodo vil...
Quem rouba a estrella — á tumba do occidente?
Que Jordão lava na lustral corrente
O marmoreo perfil?...

.....

Talvez!... Foi sonho!... Em noite nevoenta
Ella passou sósinha, macilenta,
Tremendo a soluçar...
Chorava — nenhum echo respondia...
Sorria — a tempestade além bramia...
E ella sempre a marchar.

E eu disse-lhe: — Tens frio? — arde minha alma.
— Tens os pés a sangrar? — pódes em calma
Dormir no peito meu.
Pomba errante — é meu peito um ninho vago!
Estrella — tens minha alma — immenso lago —
Reflecte o rosto teu!...

E amámos.. Este amor foi um delirio...
Foi ella minha crença, foi meu lyrio,
Minha estrella sem véo...
Seu nome era o meu canto de poesia,
Que com o sol — penna de ouro — eu escrevia
Nas laminas do céo.

Em seu seio escondi-me... como á noite
Incauto colibri, temendo o açoite
Das iras do tufão,
A cabecinha esconde sob as azas,
Faz seu leito gentil por entre as gazas
Da rosa do Japão.

E depois... embalei-a com meus cantos
Seu passado esqueci... lavei com prantos
Seu lodo e maldição...
Mas um dia acordei... E mal desperto
Olhei em torno a mim... — Tudo deserto .
Deserto o coração...

Ao vento, que gemia pelas franças
Por ella perguntei... de suas tranças
Á flor que ella deixou...
Debalde... Seu logar era vasio ..
E meu labio queimado e o peito frio,
Foi ella que o queimou...

Minha alma nodoou no osculo immundo,
Bem como Satanaz — beijando o mundo —
Manchou a creação ;
Simoun — crestou-me da esperança as flores.
Tormenta — ella afogou nos seus negrores
A luz da inspiração...

Vai, Dalila! É bem longa tua estrada...
É suave a descida — terminada
Em barathro cruel.
Tua vida — é um banho de ambrosia...
Mais tarde a morte e a lampada sombria
Pendente do bordel.

Hoje flores... A musica soando...
As per'las do champagne gottejando
Em taças de crystal.
A volupia a escaldar na louca insomnia...
Mas suffoca os festins de Babylonia
A legenda fatal.

Tens o seio de fogo e a alma fria.
O sceptro empunhas lubrico da orgia
Em que reinas tu só!...
Mas que finda o ranger de uma mortalha,
A enxada do coveiro que trabalha
A revolver o pó.

Não te maldigo, não!... Em vasto campo
Julguei-te — estrella — e eras — pyrilampo
Em meio á cerração...
Prometheu — quiz dar luz á fria argila...
Não pude... Pede a Deus, louca Dalila,
A luz da redempção!!...

Recife — 1891

AS DUAS ILHAS

SOBRE UMA PAGINA DA POESIA DE V. HUGO, COM O MESMO TITULO

Quando á noite — ás horas mortas —
O silencio e a solidão
— Sob o docel do infinito —
Dormem do mar n'amplidão,
Vê-se por cima dos mares,
Rasgando o tecto dos ares
Dous gigantescos perfis...
Olhando por sobre as vagas,
Attentos, longinquas plagas
Ao clarear dos fuzis.

Quem os vê, olha espantado
E a sós murmura ; « O que é ?

Ai ! que atalaias gigantes,
São essas além de pé ?!...
Adamastor de granito
Co'a testa roça o infinito
E a barba molha no mar;
E de pedra a cabelleira
Sacudind'a onda ligeira
Faz de medo recuar...

São — dous marcos milliarios,
Que Deus nas ondas plantou,
Dous rochedos, onde o mundo
Dous Prometheus amarrou !...
— Acolá... (Não tenhas medo !...)
É Santa Helena o — rochedo
Desse Titan que foi rei !...
— Alli... (Não feches os olhos !...)
Alli... aquelles abrolhos
São a ilha de Jersey !...

São elles — os dous gigantes
No seculo de pygmeus.
São elles — que a magestade
Arrancam da mão de Deus.
— Este concentra na fronte
Mais astros — que o horizonte,
Mais luz — do que o sol lançou !..
— Aquelle — na dextra alçada

Traz segura sua espada
— Cometa, que ao céo roubou !...

E olham os velhos rochedos
O Sena, que dorme além...
E a França, que entre a caligem
Dorme em sudario tambem...
E o mar pergunta espantado :
— Foi devéras desterrado
Bonaparte — meu irmão ?... —
Diz o céo astros chorando :
— E Hugo ?... — E o mundo pasmando
Diz : — Hugo... Napoleão !... —

Como vasta reticencia
Se estende o silencio após...
És muito pequena, ó França,
P'ra conter estes heróes...
Sim ! que estes vultos augustos
Para o leito de Procustos
Muito grandes Deus traçou...
Basta os reis tremam de medo
Se a sombra de algum rochedo
Sobre elles se projectou !...

Dizem que, quando, alta noite,
Dorme a terra — e vela Deus,
As duas ilhas conversam

Sem temor perante os céos,
— Jersey curva sobre os mares
A Santa Helena os pensares
Segreda do velho Hugo...
— E Santa Helena no emtanto
No *Salgueiro* enxuga o pranto
E conta o que *Elle* fallou...

E olhando o presente infame
Clamam : — Da turba vulgar
Nós — infinitos de pedra —
Nós havemol-os vingar !... -
E do mar sobre as escumas,
E do céo por sobre as brumas,
Um ao outro dando a mão...
Encaram a immensidade
Bradando : — A Posteridade !... —
Deus ri se e diz : — Inda não !...

Abril. 1865.

AO ACTOR JOAQUIM AUGUSTO

Um dia Pygmalião — o estatuario
Da officina no tosco sanctuario
Poz-se a pedra a talhar...
Surgem contornos languidos, amenos...
E dos *flocos de marmore* outra Venus
Surge dest'*outro mar*.

De orgulho o mestre ri... A estatua é bella!
Da Grecia as filhas por inveja della
Vão nas grutas gemer...
Mas o artista soluça: — O' grande Jove!
Ella é bella... bem sei — mas não se move!
É sombra — e não mulher! —

Então do excelso Olympo o deus-tonante
Manda que desça um raio fulgurante
Á tenda do esculptor.
Vive a estatua! Nos olhos — treme o pejo,
Vive a estatua!... Na boca — treme um beijo,
Nos seios — treme amor.

O poeta é — o moderno estatuario
Que na vigilia crêa solitario
Visões de seio nú!
O marmore da Grecia — é o novo drama!
Mas o raio vital, quem lá derrama?...
É Jupiter!... És tu!...

Como Gluck nas selvas aprendia
Ao som do violoncelo a melodia
Da santa inspiração,
Assim bebes attento a voz obscura
Do vento das paixões na selva escura
Chamada — multidão.

Gargalhadas, suspiros, beijos, gritos,
Cantos de amor, blasphemias de precitos,
Choro ou reza infantil,
Tudo colhes... e voltas co'as mãos cheias,
— O craneo largo a transbordar de idéas
E de creações mil.

Então começa a lucta, a lucta enorme.
Desta materia tosca, aspera, informe,
Que na praça apanhou,
Teu genio vai forjar novo thesouro...
O *cobre escuro* vai mudar-se *em ouro*,
Como Fausto o sonhou !

Gloria ao Mestre ! Passando por seus dedos
Dóe mais a dor... os ricos são mais ledos...
O amor é mais do céo...
Rebenta o *ouro* desta fronte accesa !
O artista corrigiu a natureza !
O alchimista venceu !

Então surges, Actor ! e do proscenio
Atiras as moedas do teu genio
Ás pasmas multidões.
Prodigo enorme ! a tua enorme esmola,
Cunhada pela effigie tua, rola
Nos nossos corações.

Por isso agora, no teu almo dia
Vieram dando as mãos a Poesia
E o povo, bem os vês ;
Como nos tempos dessa Roma antiga
Aos pés desse outro Augusto a plebe amiga
Atirava laureis...

Augusto! E o nome teu não se desmente...
O diadema real na vasta frente
Cinges... eu bem o sei!
Mandas no povo deste novo Lacio...
E os poetas repetem como Horacio;
— Salve! Augusto! Rei! —

S. Paulo, Outubro 1868.

OS ANJOS DA MEIA NOITE

PHOTOGRAPHIAS

I

Quando a insomnia, qual livido vampiro,
Como o archanjo da guarda do Sepulchro,
Vela á noite por nós,
E banha-se em suor o travesseiro,
E além geme nas franças do pinheiro
Da briza a longa voz...

Quando sangrenta a luz no alampadario
Estala, cresce, expira, após resurge,
Como uma alma a penar,
E canta aos guizos rubros da loucura
A febre — a meretriz da sepultura —
A rir e a soluçar...

Quando tudo vacilla e se evapora
Muda e se anima, vive e se transforma,
Cambaleia e se esvae...
E da sala na magica penumbra
Um mundo em trévas rapido se obumbra...
E outro das trévas sae...

.....

Então... nos brancos mantos, que arregaçam,
Da meia noite os anjos alvos passam
Em longa procissão!
E eu murmuro, ao fital-os assombrado:
— São os anjos de amor de meu passado
Que desfilando vão...

Almas, que um dia no meu peito ardente
Derramastes dos sonhos a semente,
Mulheres, que eu amei!
Anjos louros do céo! virgens serenas!
Madonas, Cherubins ou Magdalenas!
Surgí! apparecei!

Vinde, fantasmas! Eu vos amo ainda;
Acorde-se a harmonia á noite infinda
Ao roto bandolim...

.....

E no ether, que em notas se perfuma,
As visões s'alteando uma por uma
Vão desfilando assim ...

Iª SOMBRA

MARIETTA

Como o genio da noite, que desata
O véo de rendas sobre a espadua núa,
Ella solta os cabellos... Bate a lua
Nas alvas dobras de um lençol de prata...

O seio virginal, que a mão recata,
Embalde o prende a mão... cresce, fluctúa...
Sonha a moça ao relento... Além na rua
Preludia um violão na serenata !...

Furtivos passos morrem no lagedo...
Resvala a escada do balcão discreta...
Matam labios os beijos em segredo...

Afoga-me os suspiros, Marietta !
Oh sorpresa ! oh pallor ! oh pranto ! oh medo !
Ai ! noites de Romeu e Julieta !..

2ª SOMBRA

BARBORA

Erguendo o calix, que o Xerez perfuma,
Loura a trança alastrando-lhe os joelhos,
Dentes niveos em labios tão vermelhos,
Como boiando em purpurina escuma;

Um dorso de Walkyria... alvo de bruma,
Pequenos pés sob infantis artelhos,
Olhos vivos, tão vivos, como espelhos,
Mas como elles tambem sem chamma alguma;

Garganta de um pallor alabastrino,
Que harmonias e musicas respira...
No labio — um beijo... no beijar — um hymno;

Harpa eolia a esperar que o vento a fira,
— Um pedaço de marmore divino...
— É o retrato de Barbora — a Hetaïra. —

3ª SOMBRA

ESTHER

Vem! no teu peito calido e brilhante
O nardo oriental melhor transpira!...

Enrola-te na longa cachemira,
Como as Judias molles do Levante,

Alva a chlamyde aos ventos — roçagante...
Tumido o labio, onde o psalterio gyra...
O' musa de Israel! pega da lyra...
Canta os martyrios de teu povo errante!

Mas não... briza da patria além revôa,
E ao delamber-lhe o braço de alabastro,
Fallou-lhe de partir... e parte... e vôa...

Qual nas algas marinhas desce um astro...
Linda Esther! teu perfil se esvae... s'escôa...
Só me resta um perfume... um canto... um rastro...

4ª SOMBRA

FABIOLA

Como teu riso dóe... como na tréva
Os lémures respondem no infinito:
Tens o aspecto do passaro maldicto,
Que em sanie de cadaveres se ceva!

Filha da noite! A ventania leva
Um soluço de amor pungente, afflicto...
Fabiola. É teu nome!... Escuta... é um grito,
Que lacerante para os céos s'eleva!...

E tu folgas, bacchante dos amores,
E a orgia que a mantilha te arregaça,
Enche a noite de horror, de mais horrores...

É sangue que referve-te na taça!
É sangue que borrifa-te estas flores!
E este sangue é meu sangue... é meu... Desgraça!

5ª E 6ª SOMBRAS

CANDIDA E LAURA

Como no tanque de um palacio mago,
Dous alvos cysnes na bacia lisa,
Como nas aguas que o barqueiro friza,
Dous nenuphares sobre o azul do lago,

Como nas hastes em balouço vago,
Dous lyrios roxos que acalenta a briza,
Como um casal de juritys que pisa
O mesmo ramo no amoroso affago...

Quaes dous planetas na cerulea esphera,
Como os primeiros pampanos das vinhas,
Como os renovos nos ramaes da hera,

Eu vos vejo passar nas noites minhas,
Crianças, que trazeis-me a primavera....
Crianças, que lembrais-me as andorinhas!...

7ª SOMBRA

DULCE

Se houvesse ainda talisman bemdicto,
Que desse ao pantano — a corrente pura,
Musgo — ao rochedo, festa — á sepultura,
Das aguias negras — harmonia ao grito....

Se alguem pudesse ao infeliz precito
Dar logar no banquete da ventura...
E trocar-lhe o velar da insomnia escura
No poema dos beijos — infinito....

Certo... serias tu, donzella casta,
Quem me tomasse em meio do Calvario
A cruz de angustias que o meu ser arrasta!...

Mas se tudo recusa-me o fadario,
Na hora de expirar, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz de teu rosario!...

8ª SOMBRA

ULTIMO FANTASMA

Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso
Que te elevas da noite na orvalhada!

Tens a face nas sombras mergulhada...
Sobre as nevoas te libras vaporoso...

Baixas do céo n'um vôo harmonioso!...
Quem és tu, bella e branca desposada?
Da larangeira em flor a flor nevada
Cerca-te a fronte, ó ser mysterioso!...

Onde nos vimos nós?... És d'outra esphera?
És o ser que eu busquei do sul ao norte...
Por quem meu peito em sonhos desespera?...

Quem és tu? Quem és tu? — És minha sorte!
És talvez o ideal que est'alma espera!
És a gloria talvez! Talvez a morte!...

Santa Isabel, Agosto de 1870.

O HOSPEDE

Choro por ver que os dias passam breves
E te esqueces de mim quando te fores;
Como as brizas que passam doudas, leves,
E não tornam atrás a ver as flores.

THEOPHILO BRAGA.

«Onde vaes, estrangeiro! Por que deixas
O solitario albergue do deserto?
O que buscas além dos horizontes?
Por que transpor o pincaro dos montes,
Quando pódes achar o amor tão perto?...

Pallido moço! Um dia tu chegaste
De outros climas, de terras bem distantes...
Era noite!... A tormenta além rugia...
Nos abetos da serra a ventania
Tinha gemidos longos, delirantes.

Uma buzina restrugiu no valle
Junto aos barrancos onde geme o rio...
De teu cavallo o galopar soava,
E teu cão ululando replicava
Aos surdos roncos do trovão bravio.

Entraste! A loura chamma do brazido
Lambia um velho cedro crepitante.
Eras tão triste ao lume da fogueira...
Que eu derramei a lagrima primeira
Quando enxuguei teu manto gottejante!

Onde vaes, estrangeiro? Por que deixas
Esta infeliz, miserrima cabana?
Inda as aves te afagam do arvoredo...
Se quizeres... as flores do sylvedo
Verás inda nas tranças da serrana.

Queres voltar a este paiz maldicto
Onde a alegria e o riso te deixaram?
Eu não sei tua historia... mas que importa?..
Boia em teus olhos a esperança morta
Que as mulheres de lá te apunhalaram.

Não partas, não! Aqui todos te querem!
Minhas aves amigas te conhecem.
Quando á tardinha volves da collina,
Sem receio da longa carabina,
De lagedo em lagedo as corças descem!

Teu cavallo nitrindo na savana
Lambe as humidas grammas em meus dedos.
Quando a *fanfarra* tocas na montanha,
A matilha dos echos te acompanha
Ladrando pela ponta dos penedos.

Onde vaes, bello moço? Se partires,
Quem será teu amigo, irmão e pagem?
E quando a negra insomnia te devora,
Quem na guitarra que suspira e chora
Ha de cantar-te seu amor selvagem?

A choça do desterro é núa e fria!
O caminho do exilio é só de abrolhos!
Que familia melhor que meus desvelos?...
Que tenda mais subtil que meus cabellos
Estrellados no pranto de teus olhos?...

Estranho moço! Eu vejo em tua fronte
Esta amargura atroz que não tem cura.
Acaso fulge ao sol de outros paizes,
Por entre as balsas de cheirosos lyzes,
A esposa que tua alma assim procura?

Talvez tenhas além servos e amantes,
Um palacio em logar de uma choupana.
E aqui só tens uma guitarra e um beijo,
E o fogo ardente do ideal desejo
Nos seios virgens da infeliz serrana!.. »

No emtanto *Elle* partiu!... Seu vulto ao longe
Escondeu-se onde a vista não alcança...
Mas não penseis que o triste forasteiro
Foi procurar nos lares do estrangeiro
O fantasma sequer de uma esperança!...

Curralinho, 29 de Abril de 1870.

AS TREVAS

(TRADUZIDO DE LORD BYRON)

A MEU AMIGO, O DR. FRANCO MEIRELLES, INSPIRADO TRADUCTOR DAS MELODIAS HEBRAICAS.

Tive um sonho que em tudo não foi sonho!..

O sol brilhante se apagára ; e os astros,
Do eterno espaço na penumbra escura,
Sem raios e sem trilhos, vagueavam.
A terra fria balouçava céga
E tetrica no espaço ermo de lua.
A manhã ia, vinha... e regressava...

Mas não trazia o dia! Os homens pasmos
Esqueciam no horror dessas ruinas
Suas paixões. E as almas conglobadas
Gelavam-se n'um grito de egoismo
Que demandava — luz. Junto ás fogueiras
Abrigavam-se... e os thronos e os palacios.
Os palacios dos reis, o albergue e a choça
Ardiam por fanaes. Tinham nas chammas
As cidades morrido. Em torno ás brazas
Dos seus lares os homens se grupavam.
P'ra a vez extrema se fitarem juntos.
Feliz de quem vivia junto ás lavas
Dos volcões sob a tocha alcantilada!

Horrida esp'rança acalentava o mundo!
As florestas ardiam!... de hora em hora
Cahindo se apagavam; crepitando,
Lascado o tronco desabava em cinzas.
E tudo... tudo as trévas envolviam.
As frontes ao clarão da luz doente
Tinham do inferno o aspecto... quando ás vezes
As faiscas das chammas borrifavam-nas.
Uns, de bruços no chão, tapando os olhos
Choravam. Sobre as mãos cruzadas — outros
Firmando a barba, desvairados riam.
Outros correndo á tôa procuravam
O ardente pasto p'ra funereas pyras.
Inquietos, no esgar do desvario.

Os olhos levantavam p'ra o céo torvo,
Vasto sudario do universo — espectro
E após em terra se atirando em raivas,
Rangendo os dentes, blasphemos, uivavam!

Lugubre grito os passaros selvagens
Soltavam, revoando espavoridos
N'um vôo tonto co'as inuteis azas!
As féras 'stavam mansas e medrosas!
As viboras rojando s'enroscavam
Pelos membros dos homens, sibilantes,
Mas sem veneno... a fome lhes matavam!
E a guerra, que um momento s'extinguira
De novo se fartava. Só com sangue
Comprava-se o alimento, e após á parte
Cada um se sentava taciturno,
P'ra fartar-se nas trévas infinitas!
Já não havia amor!... O mundo inteiro
Era um só pensamento, e o pensamento
Era a morte sem gloria e sem detença!
O estertor da fome apascentava-se
Nas entranhas... Ossada ou carne putrida.
Resupino, insepulto era o cadaver.

Mordiam-se entre si os moribundos:
Mesmo os cães se atiravam sobre os donos,
Todos, excepto um só... que defendia
O cadaver do seu, contra os ataques

Dos passaros, das féras e dos homens,
Até que a fome os extinguisse, ou fossem
Os dentes frouxos saciar algures!
Elle mesmo alimento não buscava...
Mas, gemendo n'um uivo longo e triste,
Morreu lambendo a mão, que inanimada
Já não podia lhe pagar o affecto.

Faminta a multidão morrêra aos poucos.
Escaparam dous homens tão sómente
De uma grande cidade. E se odiavam.
Foi junto dos tições quasi apagados
De um altar, sobre o qual se amontoaram
Sacros objectos p'ra um profano uso,
Que encontraram-se os dous... e, as cinzas mornas
Reunindo nas mãos frias de espectros,
De seus sopros exhaustos ao bafejo
Uma chamma irrisoria produziram!...
Ao clarão que tremia sobre as cinzas
Olharam-se e morreram dando um grito.
Mesmo da propria hediondez morreram,
Desconhecendo aquelle em cuja fronte
Traçára a fome o nome de Duende!

O mundo fez-se um vacuo. A terra esplendida,
Populosa tornou-se n'uma massa
Sem estações, sem arvores, sem herva,
Sem verdura, sem homens e sem vida,
Cahos de morte, inanimada argila!

Calaram-se o oceano, o rio, os lagos!
Nada turbava a solidão profunda!
Os navios no mar apodreciam
Sem marujos! os mastros desabando
Dormiam sobre o abysmo, sem que ao menos
Uma vaga na quéda alevantassem.
Tinham morrido as vagas! e jaziam
As marés no seu tumulo... antes dellas
A lua que as guiava era já morta!
No estagnado céo murchára o vento;
Esvahiram-se as nuvens. E nas trévas
Era só trevas o universo inteiro

Bahia, 23 de Dezembro.

AVES DE ARRIBAÇÃO

Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pallidos compuz.
Cercavam-me planicies sem belleza,
Pesava-me na fronte um céo sem luz.

Ergue este ramo solto no caminho.
Sei que em teu seio asylo encontrará.
Só tu conheces o secreto espinho
Que dentro d'alma me pungindo está

(FAGUNDES VARELLA.)

Aves, é primavera! á rosa! á rosa!

(THOMAZ RIBEIRO.)

I

Era o tempo em que as ageis andorinhas
Consultam-se na beira dos telhados,
E inquietas conversam, perscrutando
Os pardos horizontes carregados...

Em que as rolas e os verdes periquitos
Do fundo do sertão descem cantando...

Em que a tribu das aves peregrinas,
Os *Zingaros* do céo formam-se em bando!

Viajar! viajar! A briza morna
Traz de outro clima os cheiros provocantes.
A primavera desafia as azas,
Vôam os passarinhos e os amantes!...

II

Um dia *Elles* chegaram. Sobre a estrada
Abriram á tardinha as persianas;
E mais festiva a habitação sorria
Sob os festões das tremulas lianas.

Quem eram? Donde vinham? — Pouco importa
Quem fossem da casinha os habitantes.
— São noivos: — as mulheres murmuravam!
E os passaros diziam: — São amantes!

Eram vozes — que uniam-se co'as brizas!
Eram risos — que abriam-se co'as flores!
Eram mais dous clarões — na primavera!
Na festa universal — mais dous amores!

Astros! Fallae daquelles olhos brandos.
Trepadeiras! Fallae-lhe dos cabellos!
Ninhos d'aves! dizei, naquelle seio,
Como era doce um pipilar d'anhelos.

Sei que ali se occultava a mocidade...
Que o idylio cantava noite e dia...
E a casa branca á beira do caminho
Era o asylo do amor e da poesia.

Quando a noite enrolava os descampados,
O monte, a selva, a choça do serrano,
Ouviam-se, alongando a paz dos ermos,
Os sons doces, plangentes de um piano.

Depois suave, plena, harmoniosa,
Uma voz de mulher se alevantava...
E o passaro inclinava-se das ramas,
E a estrella do infinito se inclinava.

E a voz cantava o *tremolo* medroso
De uma ideal sentida *barcarola*...
Ou nos hombros da noite desfolhava
As notas petulantes da Hespanhola!

III

Ás vezes, quando o sol nas mattas virgens
A fogueira das tardes accendia,
E como a ave ferida ensanguentava
Os pincaros da longa serrania,

Um grupo destacava-se amoroso,
Tendo por tela a opala do infinito,
Dupla estatua do amor e mocidade
N um pedestal de musgos e granito.

E embaixo o valle a descantar saudoso
Na cantiga das moças lavadeiras !...
E o riacho a sonhar nas cannas bravas,
E o vento a s'embalar nas trepadeiras.

O' crepusculos mortos ! Voz dos ermos !
Montes azues ! Sussurros da floresta !
Quando mais vós tereis tantos affectos,
Vicejando comvosco em vossa festa ?...

E o sol poente inda lançava um raio
Do *caçador* na longa carabina...
E sobre a fronte d'*Ella* por diadema
Nascia ao longe a estrella vespertina.

IV

É noite ! Treme a lampada medrosa
Velando a longa noite do *poeta*...
Além, sob as cortinas transparentes,
Ella dorme... formosa Julieta !

Entram pela janella quasi aberta
Da meia noite os preguiçosos ventos,
E a lua beija o seio alvinitente
— Flor que abrira das noites aos relentos.

O poeta trabalha !... A fronte pallida
Guarda talvez fatidica tristeza...
Que importa ? A inspiração lhe accende o verso,
Tendo por musa — o amor e a natureza !

E como o cactus desabrocha a medo
Das noites tropicaes na mansa calma,
A estrophe entreabre a petala mimosa
Perfumada da essencia de sua alma.

No emtanto *Ella* desperta... n'um sorriso
Ensaia um beijo que perfuma a briza...
A Casta Diva apaga-se nos montes...
Luar de amor ! acorda-te, Adalgiza !

V

Hoje a casinha já não abre á tarde
Sobre a estrada as alegres persianas.
Os ninhos desabaram... no abandono
Murcharam-se as grinaldas de lianas.

Que é feito do viver daquelles tempos?
Onde estão da casinha os habitantes?
A Primavera, que arrebata as azas...
Levou-lhe os passarinhos e os amantes!

Curralinho, 1870.

OS PERFUMES

A. L.

> O sandalo é o perfume das mulheres de Stambul e das houris do propheta; como as borboletas, que se alimentam do mel, a mulher do Oriente vive com as gottas dessa essencia divina.
>
> (J. DE ALENCAR.)

O perfume é o envolucro invisivel,
Que encerra as fórmas da mulher bonita.
Bem como o salamandra em chammas vive,
Entre perfumes a sultana habita.

Escrinio avelludado onde se guarda
— Collar de pedras — a belleza esquiva,
Especie de chrysalida, onde mora
A borboleta dos salões — a Diva.

Alma das flores — quando as flores morrem,
Os perfumes emigram para as bellas,
Trocam labios de virgens — por boninas,
Trocam lyrios — por seios de donzellas!

E alli — sylphos travessos, traiçoeiros
Voam cantando em languido compasso,
Occultos nesses calices macios
Das covinhas de um rosto ou d'um regaço.

Vós, que não entendeis a lenda occulta,
A linguagem mimosa dos aromas,
De Magdalena a urna olhaes apenas
Como um primor de orientaes redomas.

E não vêdes que alli na myrrha e nardo
Vae toda a crença da Judia loura...
E que o oleo, que lava os pés do Christo,
É uma resa tambem da peccadora.

Por mim eu sei que ha confidencias ternas,
Um poema saudoso, angustiado,
Se uma rosa de ha muito emmurchecida,
Rola acaso de um livro abandonado.

O espirito talvez dos tempos idos
Desperta alli como insensivel nume...
E o poeta murmura suspirando:
« Bem me lembro... era este o *seu* perfume! »

E que segredo não revela acaso
De uma mulher a predilecta essencia?
Ora o cheiro é lascivo e provantes!
Ora casto, infantil' como a innocencia!

Ora propala os sensuaes anceios
D'alcova de Ninon ou Margarida,
Ora o mysterio divinal do leito,
Onde sonha Cecilia adormecida.

Aqui, na magnolia de Celuta
Lambe a solta madeixa, que se estira.
Unge o bronze do dorso da caboela,
E o marmore do corpo da Hetaïra.

É que o perfume denuncia o espirito,
Que sob as fórmas feminis palpita...
Pois como a salamandra em chammas vive,
Entre perfumes a mulher habita.

Curralinho, 21 de Junho de 1870.

IMMENSIS ORBIBUS ANGUIS

Sibila lambebant linguis vibrantibus ora.

VIRGILIO.

I

Resvala em fogo o sol dos montes sobre a espalda,
E lustra o dorso nú da índia americana...
Na selva zumbe emtanto o insecto de esmeralda
E pousa o colibri nas flores da liana.

Ali — a luz cruel, a calmaria intensa!
Aqui — a sombra, a paz, os ventos, a cascata...
E a pluma dos bambús a tremular immensa...
E o canto de aves mil... e a solidão... e a matta...

É a hora em que fugindo aos raios da esplanada,
A Indigena, a gentil matrona do deserto,
Amarra aos palmeiraes a rêde mosqueada,
Que, leve como um berço, embala o vento incerto...

Então ella abandona-lhe ao beijo apaixonado
A perna a mais formosa — o corpo o mais macio,
E as palpebras cerrando, ao filho bronzeado
Entrega um seio nú, moreno, luzidio.

Porém d'entre os espatos esguios do coqueiro,
Do verde gravatá nos cachos reluzentes,
Enrosca-se e deslisa um corpo sorrateiro
E desce devagar pelos cipós pendentes.

E desce... e desce mais... á rêde já se chega...
Da india nos cabellos a longa cauda some...
Horror! aquelle horror ao peito eis que se apega!
A baba — quer o leite! — A chaga — sente fome!

O veneno — quer mel! — A escama quer a pelle!
Quer o almiscar — perfume! — O immundo quer — o bello!
A lingua do reptil — lambendo o seio imbelle!..,
Uma *cobra* — por filho... Horrivel pesadelo!...

II

Assim, minh'alma, assim um dia adormeceste
Na floresta ideal da ardente mocidade...
Abria a fantasia — a petala celeste...
Zumbia o sonho d'ouro em doce obscuridade...

Assim, minh'alma déste o seio (ó dôr immensa !)
Onde a paixão corria indomita e fremente !
Assim bebeu-te a vida, a mocidade e a crença
Não bocca de mulher... mas de fatal serpente !...

Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1869.

A UMA ACTRIZ

(NO SEU BENEFICIO)

Branco cysne, que vogavas
Das harmonias no mar,
Pomba errante de outros climas,
Vieste aos cerros pousar.
Inda bem. Sob os palmares
Na voz do condor, dos mares,
Das serranias, dos céos...
Sente o homem — que é poeta,
Sente o vate — que é propheta,
Sente o propheta — que é Deus.

Ha alguma cousa de grande
Deste mundo na amplidão,

Como que a face do Eterno
Palpita no coração...
E o homem que olha o deserto,
Diz comsigo : — Deus 'stá perto
Que a grandeza é o Creador. —
E sob as paternas vistas
Larga redeas ás conquistas,
Pede as azas ao condor.

Inda bem. A gloria é isto...
É ser tudo... É ser qual Deus ..
Agitar as selvas d'alma
Ao sopro dos labios teus...
Dizer ao peito — suspira!
Dizer á mente — delira!
A gloria inda é mais : É ver
Homens, que tremem — se tremes!
Homens, que gemem — se gemes!
Que morrem — se vais morrer!

A gloria é ter com o tridente
Refreada a multidão,
— Oceano de pensamentos
Que tu agitas co'a mão!
— Montanha feita de idéas,
Que sustenta as epopéas
Que é do genio pedestal!
— Harpa immensa feita de almas,

Que rompe em hymnos e palmas,
Ao teu toque divinal !

Mas esqueceste... Não basta
« Chegar, olhar e vencer »
Do genio a maior grandeza
O ser divino é soffrer.
Diz!... Quando ouves a torrente
Do enthusiasmo na enchente
Vir espumar-te laureis ;
Nest'hora grande não sentes
Longe os silvos das serpentes,
Que tentam morder-te os pés ?

Inda é a gloria — rainha
Que jámais caminha só.
Ai ! Quem sobe ao Capitolio
Vai precedido de pó.
Porém tu zombas da inveja...
Se á noite o raio lampeja
Tu fazes delle um clarão !
Pela tormenta embalada
Ao som da orchestra arroubada
Vais te perder n'amplidão.

Recife, 27 de Setembro de 1866.

CANÇÃO DO BOHEMIO

(RECITAVO DA « MEIA HORA DE CYNISMO »)

COMEDIA DE COSTUMES ACADEMICOS

Musica de Emilio do Lago.

— —

Que noite fria! Na deserta rua
Tremem de medo os lampeões sombrios.
Densa *garôa* faz fumar a lua;
Ladram de tedio vinte cães vadios.

Nini formosa! por que assim fugiste?
Embalde o tempo á tua espera conto.
Não vês, não vês?... Meu coração é triste
Como um calouro quando leva *ponto*.

A passos largos eu percorro a sala,
Fumo um cigarro, que filei na *escola*...
Tudo no quarto de Nini me falla,
Embalde fumo... tudo aqui me *amola*.

Diz-me o relogio, *cynicando* a um canto:
— Onde está ella que não veiu ainda? —
Diz-me a poltrona: por que tardas tanto?
Quero aquecer-te, rapariga linda. —

Em vão a luz da crepitante vela
De Hugo clarêa uma canção ardente;
Tens um idylio — em tua fronte bella...
Um dithyrambo — no teu seio quente...

Pego o compendio... inspiração sublime!
P'ra adormecer... inquietações tamanhas...
Violei á noite o domicilio, ó crime!
Onde dormia uma nação... de aranhas...

Morrer de frio quando o peito é braza...
Quando a paixão no coração se aninha?!
Vós, todos, todos, que dormis em casa,
Dizei se ha dôr que se compare á minha!...

Nini! o horror deste soffrer pungente
Só teu sorriso neste mundo acalma...
Vem aquecer-me em teu olhar ardente...
Nini! tu és o *cache-nez* dest'alma.

Deus do Bohemio!... São da mesma raça
As andorinhas e o meu anjo louro...
Fogem de mim se a *primavera* passa,
Se já nos campos não ha flores de *ouro*...

E tu fugiste, presentindo o inverno,
Mensal inverno de viver bohemio...
Sem te lembrar que por um riso terno
Mesmo eu tomára a *primavera* a *premio*...

No entanto ainda do Xerez fogoso
Duas garrafas guardo alli... *Que minas!*
Além, de um lado, o violão saudoso
Guarda no seio inspirações divinas...

Se tu viesses... de meus labios tristes
Rompera o canto... Que esperança ingloria!...
Ella esqueceu o que jurar-lhe vistes
O' Paulicéa, ó Ponte Grande, ó Gloria!...

Batem!... Que vejo! Eil-a afinal commigo...
Foram-se as trévas... fabricou-se a luz...
Nini! pequei... dá-me exemplar castigo!
Sejam teus braços... do martyrio a cruz!...

S. Paulo, Junho de 1868.

É TARDE!

Olha-me, ó virgem, a fronte,
Olha-me, os olhos sem luz,
A pallidez do infortunio
Por minhas faces transluz;
Olha, ó virgem — não te illudas —
Eu só tenho a lyra e a cruz.

JUNQUEIRA FREIRE.

É tarde. É muito tarde!

MONT'ALVERNE.

É tarde! É muito tarde! O templo é negro...
O fogo santo já no altar não arde.
Vestal! não venhas tropeçar nas pyras...
É tarde! É muito tarde!

Treda noite! E minh'alma era o sacrario,
A lampada do amor velava emtanto.
Virgem flor enfeitava a borda virgem
Do vaso sacrosanto;

Quando Ella veiu — a negra feiticeira —
A libertina, lugubre bacchante,
Lascivo olhar, a trança desgrenhada,
A roupa gottejante.

Foi minha crença — o vinho dessa orgia,
Foi minha vida — a chamma que apagou-se,
Foi minha mocidade — o tóro lubrico.
Minh'alma — o tredo alcouce.

E tu, visão do céo! Vens tacteando
O abysmo onde uma luz sequer não arde?
Ai! não vás resvalar no chão lodoso...
E' tarde! E' muito tarde!

Ai! não queiras os restos do banquete!
Não queiras esse leito conspurcado!
Sabes? meu beijo te manchára os labios
N'um beijo profanado.

A flor do lyrio de celeste alvura
Quer da luciola o pudíco afago...
O cysne branco no arrufar das plumas
Quer o aljofar do lago.

É tarde! a rôla meiga do deserto
Faz o ninho na mouta perfumada...
Rôla de amor! não vás ferir as azas
Na ruina gretada.

Como o templo, que o crime encheu de espanto,
Ermo e fechado ao fustigar do norte,
Nas ruinas desta alma a raiva geme...
E cresce o cardo — a morte.

Ciume! dôr ! sarcasmo ! — Aves da noite'
Vós povoais-me a solidão sombria,
Quando nas trevas a tormenta ulula
Um uivo de agonia !...

.....

É tarde ! Estrella d'alva ! o lago é turvo.
Dansam *fogos* no pantano sombrio.
Pede a Deus que dos céos as cataractas
Façam do brejo — um rio!

Mas não!... Sómente as vagas do sepulchro
Hão de apagar o fogo que em mim arde...
Perdôa-me, senhora!... Eu sei que morro...
É tarde! É muito tarde!...

Rio de Janeiro, 3 de Novembro de 1869.

A MEU IRMÃO GUILHERME DE CASTRO ALVES

Na cordilheira altissima dos Andes
Os Chimborazos solitarios, grandes,
Ardem naquellas hibernaes regiões.
Ruge embalde e fumega a solfatéra...
É dos labios sangrentos da cratéra
Que a avalanche vacilla aos furacões.

A escoria rubra com os geleiros brancos
Misturados resvalam pelos flancos
Dos hombros friorentos do volcão...
. . . . . .
Assim, poeta, é tua vida immensa,
Cerca-te o gelo, a morte, a indifferença...
E são lavas lá dentro o coração.

Curralinho — Julho 1870.

QUANDO EU MORRER

> Eu morro, eu morro. A matutina briza
> Já não me arranca um riso A fresca tarde
> Já não me doura as descoradas faces
> Que gélidas se encovam.
>
> JUNQUEIRA FREIRE.

Quando eu morrer... não lancem meu cadaver
No fosso de um sombrio cemiterio...
Odeio o mausoléo que espera o morto,
Como o viajante desse hotel funereo.

Corre nas veias negras desse marmore
Não sei que sangue vil de messalina,
A cova, n'um bocejo indifferente,
Abre ao primeiro a boca libertina

Eil-a a náo do sepulchro — o cemiterio...
Que povo estranho no porão profundo!

Emigrantes sombrios que se embarcam
Para as plagas sem fim do outro mundo.

Tem os fogos — errantes — por santelmo.
Tem por velame — os pannos do sudario..
Por mastro — o vulto esguio do cypreste.
Por gaivotas — o mocho funerario...

Ali ninguem se firma a um braço amigo
Do inverno pelas lugubres noitadas...
No tombadilho indifferentes chocam-se
E nas trevas esbarram-se as essadas...

Como deve custar ao pobre morto
Ver as plagas da vida além perdidas,
Sem ver o branco fumo de seus lares
Levantar-se por entre as avenidas!...

Oh! perguntai aos frios esqueletos
Porque não têm o coração no peito...
E um delles vos dirá : — Deixei-o ha pouco
De minha amante no lascivo leito. —

Outro : — Dei-o a meu pai. Outro : Esqueci-o
Nas innocentes mãos de meu filhinho... —
Meus amigos! notai... bem como um passaro
O coração do morto volta ao ninho!...

S. Paulo — Março de 1869.

UMA PAGINA DE ESCOLA REALISTA

DRAMA COMICO EM QUATRO PALAVRAS

> A tragedia me faz rir; a comedia me faz chorar
> E o drama? Nem rir, nem chorar...
>
> Pensamento de CARNIOLI.

SCENARIO

A alcova é fria e pequena,
Abrindo sobre um jardim.
A tarde frouxa e serena
Já desmaia para o fim.
No centro um leito fechado
Deixa um longo cortinado

Sobre o tapete rolar...
Ha nas jarras deslumbrantes
Camelias frias, brilhantes,
Lembrando a neve polar.
Livros esparsos por terra,
Uma harpa cahida além;
E essa tristeza que encerra
O asylo, onde soffre alguem.
Fitas, mascaras e flores,
Não sei que vagos odores
Fallam de amor e prazer.
Além da frouxa penumbra
Um vulto incerto resumbra
— O vulto de uma mulher.

Vous, qui volez là-bas, legères hirondelles,
Dites-moi, dites-moi, pourquoi vais-je mourir
(MUSSET.)

MARIO (*no leito*)

É tarde! ó tarde! Abri-me estas cortinas,
Deixai que a luz me acaricie a fronte!...
O' sol, ó noivo das regiões divinas,
Suspende um pouco a luz neste horizonte!

SYLVIA (*abrindo a janella*)

Da noite o frio vento te regela
O morbido suor...

Mario

Oh! que me importa?
A tarde doura-me o suor da fronte...
— Ultimo louro desta vida morta!

Crepusculo! mocidade! natureza!
Inundai de fulgor meu dia extremo...
Quero banhar-me em vagas de harmonia,
Como no lago se mergulha o remo!

E que amores que sonham as espheras!
A briza é de volupia um calafrio.
A estrella sae das folhas do infinito,
Sae dos musgos o verme luzidio...

Tudo que vive, que palpita e sente
Chama o par amoroso para a sombra.
O pombo arrula — preparando o ninho,
A abelha zumbe — preparando a alfombra.

As trévas rolam como as tranças negras,
Que a Andaluza desmancha em mago enleio;
E entre rendas subtis surge medrosa
A lua plena, qual moreno seio.

Abre-se o ninho... o calice... o regaço...
Amphitrite, córando, aguarda o noivo...

(*Longa pausa.*)

E tu tambem esperas teu esposo,
O' morte! ó moça, que engrinalda o goivo!

SYLVIA (*a meia voz, acompanhando-se na guitarra*)

Dizem as moças galantes
Que as rolas são tão constantes...
Pois será?
Que morrendo-lhe os amantes,
Morrem de fome, arquejantes
Quem dirá?

Dizem sabios arrogantes
Que nestas terras distantes,
Não por cá,
Sobre pyras fumegantes
Morrem viuvas constantes,
Pois será?

Não creio nos navegantes
Nem nas historias galantes,
Que ha por lá.

Fome e fogueiras brilhantes
Cá não ha...
Mas inda morrem amantes
De saudades lacerantes;
Quem dirá?

(Aos ultimos harpejos cae-lhe uma lagrima.)

MARIO (*vendo-a chorar*)

Sylvia! Deixa rolar sobre a guitarra,
Da lagrima a harmonia peregrina!
Sylvia! cantando — és a mulher formosa!
Sylvia! chorando — és a mulher divina!

Oh! lagrimas e perolas! — aljofares
Que rebentais no interno cataclysmo,
Do oceano — este dedalo insondavel!
Do coração — esse profundo abysmo!

Sylvia! dá-me a beber a gotta d'agua,
Nessa palpebra roxa como o lyrio...
Como lambe a gazella o brando orvalho
Nas largas folhas do deserto assyrio.

E quando est'alma desdobrando as azas
Entrar do céo na região serena,
Como uma estrella eu levarei nos dedos
Teu pranto sideral, ó Magdalena!...

SYLVIA (*tem-se ajoelhado aos pés do leito*)

Meus prantos sirvam apenas
P'ra humedecer teus cabellos.
Como da corça nos velos
Fresco orvalho a resvalar!
P'ra molhar a flor, que aspires
Rolem prantos de meus olhos,
P'ra atravessar os escolhos
Meus prantos manda rolar!...

. . . . . .

Meus prantos sirvam apenas
P'ra a terra em que tu pisares,
P'ra a sêde em que te abrazares.
Terás meu sangue, Senhor!
Meus prantos são oleo humido
Que eu derramo a tuas plantas...

(*Mario estende-lhe os braços*)

Mas se acaso me levantas,
Meus prantos dizem-te amor!...

MARIO (*tendo-a contra o seio*)

Sentir que a vida vae fugindo aos poucos
Como a luz, que desmaia no occidente...
E boiar sobre as ondas do sepulchro,
Como Ophelia nas aguas da corrente...

Sentir o sangue espadanar do peito
— Licor de morte — sobre a boca fria,
E meu labio enxugar nos teus cabellos,
Como Rolla nas tranças de Maria;

De teus braços fazer o diadema
De minha vida, que desmaia insana,
Esquecer o passado em teu regaço,
Como Byron aos pés da Italiana;

Em teu labio molhado e perfumoso
O licor entornar de minha vida...
Escutar-te nas vascas da agonia,
Como Fausto as canções de Margarida!...

Eis como eu quero — na embriaguez da morte —
Do banquete no chão pender a fronte...
Inda a taça empunhando de teus beijos,
Sob as rosas gentis de Anacreonte!...

(*A noite tem descido pouco a pouco; o luar, penetrando pela alcova, alumia o grupo dos amantes*)

SYLVIA

Que pallidez, meu poeta,
Se estende na face tua!..

MARIO

São os raios descorados,
Os alvos raios da lua!

SYLVIA

Mas um suor de agonia
Teu peito ardente tressúa...

MARIO

São os orvalhos, que descem
Ao frio clarão da lua.

SYLVIA

Que mancha é esta sangrenta,
Que no teu labio fluctúa?

MARIO

São as sombras de uma nuvem
Que tolda a face da lua!

SYLVIA

Como teus dedos esfriam
Sobre minha espadua nua!...

MARIO (*distrahido*)

Não vês um anjo, que desce,
No frouxo clarão da lua ?...

SYLVIA

Mario ? Não vês quem te chama ?
Tua amante... Sylvia... a tua...

MARIO (*desmaiando*)

É a morte que me leva
N'um frio raio da lua !...

(*O poeta cahe semi-morto sobre o leito. No espasmo, sua mão contrahida prende uma trança da moça*)

SYLVIA

Teus brancos dedos fecharam
De meu cabello a madeixa,
Tua amante não se queixa..
Bem vês... captiva ficou !
Mas não se prende o desejo
Que n'alma acaso se aninha !...
Nunca vistes a andorinha,
Que alegre o fio quebrou ?

(*Ouve-se um relogio dar horas*)

Já! tão tarde! E embalde tento
Abrir-te os dedos fechados...
Como frios cadeados,
Que o teu amor me lançou.
Porém se aqui me captivas,
Minh'alma foge-te asinha...
Nunca vistes a andorinha,
Que alegre o fio quebrou!...

(*Debruça-se a escrever n'uma carteira*)

— Paulo! Vem á meia noite...
Mario morre! Mario expira!
Vem que minh'alma delira
E embalde captiva estou... —

MARIO (*que tem lido por cima de seu hombro*)

Sylvia! a morte abre-me os dedos.
És livre, Sylvia... caminha!

(*morrendo*)

Minh'alma é como a andorinha,
Que alegre o fio quebrou.

1870.

COUP D'ÉTRIER

É preciso partir! Já na calçada
Retinem as esporas do arrieiro;
Da mula a ferradura taxeada
Impaciente chama o cavalleiro;
A espaços ensaiando uma toada
Sincha as bestas o lepido tropeiro...
Sôa a celeuma alegre da partida,
O pagem firma o lóro e empunha a brida.

Já do largo deserto o sopro quente
Mergulha perfumado em meus cabellos.
Ouço das selvas a canção cadente,
Segredando-me incognitos anhelos.
A voz dos servos pittoresca, ardente
Falla de amores fervidos, singelos...

Adeus! Na folha rota de meu fado
Traço ainda um — adeus — ao meu passado.

Um adeus! E depois morra no olvido
Minha historia de luto e de martyrio,
As horas que eu vaguei, louco, perdido,
Das cidades no tetrico delirio;
Onde em pantano turvo, apodrecido,
D'intimas flores não rebenta um lyrio...
E no drama das noites do prostibulo
É martyr — alma... a saturnal — patibulo!

Onde o Genio succumbe na asphyxia
Em meio á turba alvar e zombadora;
Onde Musset suicida-se na orgia,
E Chatterton na fome aterradora!
Onde, á luz de uma lampada sombria,
O Anjo — da — Guarda ajoelhado chora,
Emquanto a cortezan lhe apanha os prantos
P'ra realce dos lubricos encantos!...

Abre-me o seio, ó Madre Natureza!
Regaços da floresta americana,
Acalenta-me a mádida tristeza
Que da vaga das turbas espadana.
Troca dest'alma a fria morbideza
Nessa uberrima seiva soberana!...

O *Prodigo*... do lar procura o trilho...
Natureza! Eu voltei... e eu sou teu filho!

—

Novo alento selvagem, grandioso,
Trema nas cordas desta frouxa lyra.
Dá-me um plectro bizarro e magestoso,
Alto como os ramaes da sicupira.
Cante meu genio o dedalo assombroso
Da floresta que ruge e que suspira,
Onde a vibora lambe a parasita...
E a onça fula o dorso pardo agita!

Onde em calix de flor imaginaria
A cobra de coral rola no orvalho,
E o vento leva a um tempo o canto vario
D'araponga e da serpe de chocalho...
Onde a soidão é o magno estradivario...
Onde ha musculos em furia em cada galho,
E as raizes se torcem quaes serpentes...
E os monstros jazem no hervaçal dormentes.

E se eu devo expirar... se a fibra morta
Reviver já não póde a tanto alento...
Companheiro! Uma cruz na selva corta
E planta-a no meu tosco monumento!...

Da chapada nos ermos... (o qu'importa?)
Melhor o inverno chora... e geme o vento.
E Deus para o poeta o céo desata
em nado de lagrimas de prata!...

Curralinho, 1 de Junho de 1870.

FIM DAS ESPUMAS FLUCTUANTES

NOTAS

PROLOGO

« Era por uma dessas tardes .. etc. »

Era por uma dessas noites vagarosas do inverno, em que o brilho de um céo sem lua é vivo e tremulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluto e tetrico.

(*Eurico.* — Cap. 4º.)

AOS DOUS DE JULHO

« Riachuelo e Cabrito... etc. »

Destes nomes, o primeiro (todos o sabem) recorda a mais gloriosa batalha ferida em aguas da America do Sul: o segundo (menos conhecido talvez), lembra um glorioso feito d'armas dos tempos da Independencia.

A bravura é uma herança nesta nobre terra! E o passado póde repetir ao presente, como o D. Diegue de Corneille:

« Montre-toi digne fils d'un père tel que moi. »

SUB TEGMINE FAGI

« Como no Dante a pallida Francesca »

Francesca de Rimini é devêras a rosa pallida das estrophes do Inferno Dantesco.

A MACIEL PINHEIRO

Maciel Pinheiro é um destes moços que symbolisam o enthusiasmo e a coragem, a independencia e o talento, nas academias. Poeta e jornalista, o moço estudante, aos reclamos da patria, improvisou-se soldado. Hoje, que o tempo e a distancia nos separam, é-me grato fallar de um dos mais nobres caracteres que tenho conhecido.

AS TREVAS E A TAÇA

Offerecendo estas traducções ao Dr. Franco Meirelles, o autor junta a um tributo de amizade um preito de admiração ao mimoso e festejado traductor das *Melodias Hebraicas*, do poeta inglez.

OS JESUITAS

Esta poesia é o verso de uma medalha, cujo reverso (*Os Frades*) sahirá talvez em outro livro, que o autor imagina publicar.

Como quer que seja, talvez fosse mais proprio o titulo de — Apostolos —; estas palavras, porém, são ou foram synonimos na America do Sul. Que o digam Nobrega e Anchieta.

VERSOS DE UM VIAJANTE

« Os pyrilampos que trazeis nas coifas... etc. »

É uma graciosa invenção dos *Trabalhadores do mar*, onde se lê que *as moças do Rio de Janeiro assim, á noite, parecem trazer estrellas no toucado.*

MURMURIOS DA TARDE

« E como a fouce que no chão fulgura
« Mostrava a lua o semi-circulo d'ouro, etc. »

Creio ter visto nas *Orientaes* ou alhures uma imagem semelhante.

AS DUAS ILHAS

Victor Hugo escreveu — *As duas ilhas* — a Napoleão.

Ajaccio e Santa Helena — berço e tumulo do heróe — justificam o titulo dessa ode sublime.

Os presentes versos têm por assumpto Jersey e Santa Helena, Hugo e Napoleão. — Duas enormes peanhas — para dous enormes vultos.

Ha não sei que semelhanças nestes dous perfís (aliás tão distinctos), que o espirito do pensador os reune n'uma fraternidade logica.

Parece que, se Hugo tivesse sido guerreiro, chamar-se-ia Napoleão; e que o heróe de Austerlitz — poeta, escreveria Lucrecia Borgia. E depois serem genios não é serem irmãos? E depois não é predestinação esta confraternidade de exilio? estes dous postes? estes dous mares? estas duas solidões? A

Europa os irmanou, arrojando-os do continente... a estes dous leprosos... de divindade.

O autor quiz apenas denunciar a razão de ser destes versos, de cujo merito elle nem ousa fallar depois de haver pronunciado tres nomes.

A MEU IRMÃO GUILHERME

« Na cordilheira altissima dos Andes, etc. »

Lê-se no *Cosmos*, de Humboldt :

« Les volcans qui s'élèvent au-dessus de la limite des neiges perpétuelles, comme ceux de la chaîne des Andes, présentent des phénomènes particuliers. Les masses de neige qui les recouvrent fondent subitement pendant les éruptions et produisent des inondations redoutables, des torrents qui entraînent pêle-mêle des blocs de glace et des scories fumantes, etc. »

QUANDO EU MORRER

Estes versos foram escriptos quando julgava o autor repousar em terra estranha.

A febre e o soffrimento fizeram que elles ficassem truncados. Completal-os mais tarde seria de alguma sorte tirar-lhes o unico merito, que por acaso têm.

FIM DAS NOTAS

SUPPLEMENTO

DURANTE UM TEMPORAL [1]

Vae funda a tempestade no infinito.
Ruge o cyclone tremido e feroz...
Uiva a jaula dos tigres da procella.
— Eu sonho tua voz. —

Cruzam as nuvens refulgentes, negras
Na mão do vento em desgrenhados elos...
Eu vejo sobre a seda do corpete
Teus lubricos cabellos...

Do relampago a luz rasga até o fundo
Os abysmos interminos do ar...
Eu sondo o firmamento de tu' alma,
A luz de teu olhar...

(1) Do album da Exm.ª Sr.ª D. Amelia Rebello da Cunha, irmã do poeta.

Sobre o peito das vagas arquejantes
Borrifa o espuma em osculos o espaço...
Eu — penso vêr-te arfando alvinitentes
As rendas no regaço.

A terra treme... as folhas desseccadas
Rangem ao choque rijo do granizo...
Como acalenta um coração afflicto!
Como é bom teu sorriso!

Que importa o vendaval, a noite, os astros,
Os trovões predizendo o cataclysmo...
Se em ti pensando, some-se o universo,
E em ti sómente eu scismo?...

Tu és a minha vida... o ar que aspiro.
Não ha tormentas, quando estás em calma...
Para mim só ha raios em teus olhos,
Procellas em tu' alma.

A's 7 horas da noite de 2 de Março de 1871.

SE EU TE DISSESSE

Se eu te dissesse que scindindo os mares,
Triste, pendido sobre a vitrea vaga,
Eu desfolhava de teu nome as petalas
Ao salso vento, que as marés afaga...

Se eu te dissesse que por ermos cimos,
Por invios trilhos de um paiz distante,
Teu casto riso, teu olhar celeste
Ungia o labio ao viajor errante;

Se eu te dissesse que do alvergue á ermida.
Do monte ao valle, da chapada á selva,
Junta commigo vagueou tua alma,
Junta commigo pernoitou na relva;

Se eu te dissesse que ao relento frio
Dei minha fronte á viração gemente,
E olhando o rumo de teu lar saudoso,
Molhei as trévas de meu pranto algente.

Se eu te dissesse, bella flor das salas!
Que eu dei teu nome dos sertões ás flores....
E ousei, na trova, em que os pastores gemem,
Por ti, senhora, improvisar de amores;

Se eu te dissesse que tu foste a concha,
Que o peregrino traz da Terra Santa,
Mago amuleto que no seio mora,
Doce reliquia... talisman, que encanta...

Se eu te dissesse que tu foste a rosa,
Que ornava a gorra ao menestrel divino;
Cruz, que o Templario conchegava ao peito,
Quando nas naves reboava o hymno;

Se eu te dissesse que tu és, criança!
O anjo da guarda, que me orvalha as preces
Se eu te dissesse... — Foi talvez mentira! --
Se eu te dissesse... Tu talvez dissesses!...

Fazenda de Santa Isabel, 15 de Agosto de 1870.

SAUDAÇÃO A PALMARES

Nos altos cerros erguido,
Ninho d'aguias atrevido,
Salve — paiz do bandido!
Salve — patria do jaguar!
Verde serra, onde os Palmares
— Como indianos cocares —
No azul dos Columbios ares
Desfraldam-se em molle arfar!

Salve! Região dos valentes,
Onde os echos estridentes
Mandam aos plainos trementes
Os gritos do caçador!
E ao longe os latidos soam
E as trompas da caça atroam...

E os corvos negros revoam
Sobre o campo abrazador !...

Palmares ! a ti meu grito !
A ti, barca de granito,
Que no sossobro infinito
Abriste a vela ao trovão,
E provocaste a rajada,
Solta a flammula agitada,
Aos hurrahs da marujada,
Nas ondas da escravidão !

De bravos soberbo estadio!
Das liberdades palladio,
Tomaste o punho do gladio,
E olhaste rindo p'ra o val.
— Surgi de cada horizonte,
Senhores! Eis-me de fronte!...
E riste... O riso de um monte!
E a ironia de um chacal!

Cantem eunuchos devassos
Dos reis os marmoreos paços:
E beijem os ferreos laços,
Que não ousam sacudir...
Eu canto a belleza tua,
Caçadora semi-nua,

Em cuja perna fluctua
Ruiva pelle de um tapir!

Creoula! o teu seio escuro
Nunca deste ao beijo impuro!
Luzidio, firme, duro
Guardaste-o p'ra um nobre amor.
Negra Diana selvagem,
Que escutas sob a ramagem,
As vozes que traz a aragem,
Do teu rijo caçador!

Salve! Amazona guerreira!
Que nas rochas da clareira
— Aos urros da cachoeira —
Sabes beber e luctar...
Salve — nos cerros erguido —
Ninho, onde em somno atrevido
Dorme o condor... e o bandido,
A liberdade... e o jaguar!

1870

HORAS DE SAUDADE

Tudo vem me lembrar que tu fugiste,
Tudo que me rodeia de ti falla,
Inda a almofada, em que pousaste a fronte,
O teu perfume predilecto exhala.

No piano saudoso, á tua espera,
Dormem somno de morte as harmonias.
E a walsa entreaberta mostra a phrase,
A doce phrase qu'inda ha pouco lias,

As horas passam longas, somnolentas...
Desce a tarde no carro vaporoso...
D'Ave-Maria o sino, que soluça,
É por ti que soluça mais queixoso.

E não vens te sentar perto, bem perto,
Nem derramas, ao vento da tardinha,

A caçoula de notas rutilantes
Que tua alma entornava sobre a minha.

E quando uma tristeza irresistivel
Mais fundo cava-me um abysmo n'alma,
Como a harpa de David, teu riso santo
Meu acerbo soffrer já não acalma

É que tudo me lembra que fugiste,
Tudo que me rodeia de ti falla,
Como o crystal da essencia do Oriente,
Mesmo vasio, a sandalo trescala...

No ramo curvo o ninho abandonado
Relembra o pipilar do passarinho.
Foi-se a festa de amores e de afagos..
Eras — ave do céo... minha alma — o ninho!

Por onde trilhas — um perfume expande-se.
Ha rythmo e cadencia no teu passo!
És como a estrella que transpondo as sombras,
Deixa um rasto de luz no azul do espaço...

E teu rasto de amor guarda minh'alma,
Estrella que fugiste aos meus anhelos,
Que levaste-me a vida entrelaçada
Na sombra sideral de teus cabellos!...

2 de Abril de 1870.

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

Eram tres anjos e uma só mulher.

Quando a infancia corria alegre, á tôa,
Como a primeira flor, que na lagôa
Sobre o crystal das aguas se revê,
Em minha infancia reflectiu-se a tua...
Beijei-te as mãos suaves, pequeninas,
Tinhas um palpitar de azas divinas...
Eras — o anjo da Fé! —

Depois eu te revi... Na fronte branca
Radiava entre perolas mais franca
A altiva c'rôa, que a belleza trança!...
Sobre os traços da diva deslumbrante

Ardente, humilde arremessei minh alma
Por ti sonhei — triumphador — a palma,
Ó — anjo da Esperança! —

Hoje é o terceiro marco dessa historia.
Calcinado aos relampagos da gloria,
Descri do amor, zombei da Eternidade!
Ai, não! — celeste e peregrina déa,
Por ti em rosas mudam-se os martyrios!
Ha no teu seio a maciez dos lyrios...
Anjo da Caridade!...

Curralinho, 28 de Junho de 1870.

DEUSA INCRUENTA

A IMPRENSA

AO GREMIO LITTERARIO

ANTITHESE Á — TERRIBILIS DEA

Quando Ella se alteou das brumas da Allemanha.
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
Na dextra suspendendo a estrella da manhã...
O espasmo de um fuzil correu nos horizontes...
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,
Das cimas do Perú — ás grimpas do Indostan.

Tinha na mão brilhante a trompa bronzeada!
Vestia o longo véo da vestal inspirada!
Era Pallas talvez!.. talvez um serafim!

O albor de Beatriz no imaginar do Dante!
O olhar da Pythonisa em tripode gigante!
Do mundo — Anjo da guarda! enorme cherubim!

Ergueu-se!... Olhou de roda os plainos do universo...
No peito das nações seu braço longo immerso,
Palpou-lhe o estrepitar do estoso coração!...
Genio e santa!... a mulher um grito ergueu profundo,
Abriu braços de mãe, p'ra acalentar o mundo,
Azas de serafim — p'ra abrigar a amplidão.

Rugiram de terror ao ver-lhe o rir sublime
O satrapa, o chacal, a tyrannia, o crime...
O abutre, o antro, o mocho, o erro, a escravidão!
Disse a gruta p'ra o céo : — Que deusa é esta ingente?! —
O espaço respondeu : — É a diva do Occidente!...
A consciencia do mundo! o Eu da Creação! —

E quando Ella surgiu... — os pólos se abraçaram!
O Zenith e o Nadir — surpresos se escutaram!
O Norte — ouviu chorando o soluçar do — Sul!
O abafado estertor do servo miserando
Da deusa no clarim gigante reboando,
Clamou da terra verde — ao firmamento azul!...

Uma noite... no chão da Grecia peregrina
A deusa ajoelhou... da poeira divina
O fantasma de Homero então viram surgir!

— Ainda viajar ! — diz o velho em assombro...
— Quem és ? — Eu sou teu guia... encosta-te a meu hombro.
— Então levas-me longe ? — Eu levo-te ao porvir.

No Forum colossal da sempiterna Roma
De Cicero a figura apaixonada assoma.
E de novo retumba o verbo atroador...
Tem hoje por tribuna immensa — a Eternidade,
Por Forum — o Universo ! É plebe — a Humanidade !
A seus pés — as nações ! os seculos — em redor.

Quando a Bastilha vil tremia desraigada,
E da mole ao sopé soava a martelada,
A catapulta humana, a voz de Mirabeau...
Quando aquelle ideal ! — Quasimodo do abysmo,
Se agitava a ulular dos reis no cataclysmo,
Sineiro que o rebate aos seculos tocou !... —

Eriçado, feroz, suado, monstruoso,
Magnifico de horror, divino, procelloso...
A deusa se atirou nos braços do titão !
Mas sentindo que o deus inteiriçado tomba...
Dos thronos co'a madeira — arvora-lhe a hecatomba.
Co'as purpuras dos reis — accende-lhe um clarão !

Seguiu do Child errante o yacht aventureiro...
Beijou-lhe a pallidez ao lord forasteiro

De Veneza, a lasciva — á languida Stambul !
E quando o Lara — inglez expira, o *Pagem louro*
É ella !... E falla... e aponta o firmamento d'ouro.
Gulnar lembra a Conrado o seu paiz d'azul !...

Quando a Polonia casta — essa Lucrecia nova,
Para fugir a um leito, arroja-se a uma cova...
E mata-se de nojo... aos beijos de um czar...
Uma actriz funeral surge no negro palco,
Tira á chaga o punhal... descobre o catafalco...
E deixa sobre a Europa... o ferro gottejar...

— Amazona sombria — Ella arrebata o Goëthe
Na garupa a fumar do tartaro ginete,
Pela noite hibernal dos seculos ao sabbat !...
Anjo ás vezes, no céo fatidico revôa,
A buzina de cobre os longos ares trôa...
Ergue-se a meio o chão do escuro Josaphat !...

Salve, deusa incruenta ! immensa divindade !
Barqueira desse mar chamado — a Eternidade —
Que ás margens do Cocyto embarcas os heróes...
Em prol da humanidade a Deus levas o grito...
Tens os joelhos — na terra ! a boca no infinito !
A meia lua — aos pés ! na cabelleira — os sóes...

Quando Ella se alteou das brumas da Allemanha,
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,

Na dextra suspendendo a estrella da manhã...
O espasmo de um fuzil correu nos horizontes...
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,
Das cimas do Perú — ás grimpas do Indostan!...

. . . . . .

14 de Outubro de 1870.

NO MEETING DO COMITÉ DU PAIN

Já que a terra estacou na orbita immensa,
Já que tudo mentiu — a gloria ! a crença !
A liberdade ! a cruz !
E o Sysipho dos seculos — assombrado —
Viu rolar-lhe do dorso ensanguentado
O rochedo de luz...

Já que o amor transmudou-se em odio acerbo,
Que a eloquencia é o canhão, a bala — o verbo,
O ideal, o horror !
E nos fastos do seculo os tyrannos
Traçam com a ferradura dos uhlanos
O cyclo do terror ;

Já que igual ao florete de Genaro,
Um sabre arranca do presente ignaro
Este letreiro — Luz ;
Já que a gloria recúa (cousa horrenda !)
E Attila vai de Washington na senda,
E Siva após Jesus ;

Já que a Rousseau succede Machiavelo,
Já que a Europa de altar fez-se escabelo,
Da guerra meretriz ;
Já que o senho de Canning era falso,
Já que após abolir-se o cadafalso,
Crucificam Pariz ;

Já que é mentira a voz da — Humanidade,
Já que riscam da Biblia a Caridade,
E d'alma o coração...
E a noite da descrença desce feia,
E tropeçando em ossos cambaleia
Dos povos a razão !...

. . . . . .

Filhos do Novo Mundo ! ergamos nós um grito
Que abafe dos canhões o horrisono rugir,
Em frente do oceano ! em frente do infinito !
Em nome do progresso ! em nome do porvir !

Não deixemos, hebreus, que a dextra dos tyrannos
Manche a Arca ideal das nossas illusões.
A herança de um suor vertido em dous mil annos,
Ha de intacta chegar ás novas gerações!

Nós que somos a raça eleita do futuro,
O filho que o Senhor amou, qual Benjamim,
Que faremos de nós... se é tudo falso, impuro,
Se é mentira o progresso! e o erro não tem fim!

Não! clamemos bem alto á Europa, ao globo inteiro!
Gritemos — liberdade — em face da oppressão!
Ao tyranno dizei — tu és um carniceiro!
És o crime de bronze — escreva-se ao canhão!

Fallemos de justiça — em frente á mortandade!
Fallemos de direito — ao gladio que reluz!
Se elles dizem — rancor — dizei — fraternidade!
Se erguem a meia-lua, ergamos nós a cruz.

Digamos á criança — o Mestre ama esta idade! —
Digamos á velhice — honra ás sagradas cans! —
Digamos á miseria, á fome e á orphandade:
— É vosso o nosso lar... vós sois nossas irmãs.

Digamos a Strasburg — mereces do universo...
Digamos... Não! silencio! em frente de Pariz...
O Amazonas que leve o nosso pranto immerso
Á gloria das vestaes! á herdeira das Judiths.

O' França, déste a luz, que de teu ser jorrava!
O' França! colhe agora em recompensa o pão;
O Christo no deserto os pães multiplicava,
Faça agora o milagre, ó Christo, o coração!

E se acaso alta noite, em noite de invernada,
Emquanto no horizonte a chamma lambe o ar,
Uma debil criança, esqualida e gelada,
Por ti, patria, encontrar abrigo, pão e lar...

Quando aquelle innocente a sós no campo escuro
Abençoar de longe os brazileiros céos...
Sabe que esse menino — é o symbolo do futuro!
E aquella fragil mão... occulta a mão de Deus!...

9 de Fevereiro de 1871.

MENINA E MOÇA

NO ALBUM DE D. MARIA JOAQUINA DA SILVA FREIRE.]

Menina e moça! Ha no volver das horas
Esta idade ideal e feiticeira;
É quando a estrella expira, e rompe a aurora
Um preludio nos leques da palmeira.

Menina e moça! Ha no viver das flores
Este instante feliz... É quando a rosa
Ao relento das noites perfumadas
Abre o calix, risonha e curiosa.

Menina e moça! Ha no passar dos annos
Esta estação de amor, quando nas veigas
Fazem-se em flor as folhas sussurantes,
Beijam-se as pombas, arrulhando meigas.

Menina e moça! Ha no sonhar da musica
Som que esta idade festival define.
Quando a voz de piano espalha aos ermos
Os lamentos saudosos de Bellini.

Menina e moça! Se a poesia esquece
Agora o typo da criança bella,
Quem não te adora a limpida innocencia,
O' filha de Sorrento! ó Graziella!

Menina e moça! Castidade e pego!
Crença, frescura, divinal anceio!
— Por quem tu scismas? se pergunta á fronte;
— Por quem palpitas? se pergunta ao seio.

Menina e moça! É tão celeste o riso!
Chamma dourada sobre os olhos brilha!
Como estalam os beijos nas amigas!
A donzella tem azas de escumilha!

Menina e moça! Como é doido o baile!
Como são varias da existencia as scenas!
Ama-se o canto... se elles são os passaros...
Ama-se a walsa... se ellas são phalenas...

Menina e moça! Adormecida garça
Que o mar na riba do ideal balouça!
O bardo canta na tormenta, ao longe,
Sonha o teu sonho de — menina e moça.

19 de Novembro de 1870.

O DERRADEIRO AMOR DE BYRON

Num desses dias em que o Lord errante,
Resvalando em cochins de seda molle,
A laureada e pallida cabeça
Sentia-lhe embalar essa condessa,
Essa languida e bella Guiccioli...

Numa dessas manhães em que Ravena
Vaidosa de seu *Child* peregrino,
Sacudindo a poeira dos palacios,
Ao morno vento que lhe vem dos Lacios,
Amornava-se ao sôpro bysantino... (*)

---

* Conhecemos a seguinte variante, que é talvez preferivel:

Numa dessas manhães, em que Ravena
Via cruzar o *Child* peregrino
Dos templos ermos pelo claustro frio,
Ou longas horas meditar sombrio
No tumulo do Dante — o gibelino...

Quando aquella mão régia de Madona
Tomava aos hombros essa cruz insana,
E do — Giauor — o lugubre segredo,
E esse crime indizivel de Manfredo
Madornavam aos pés da Italiana...

Numa dessas manhães, emquanto a moça,
Sorrindo-lhe dos beijos ao resabio,
Cantava como um'ave ou uma criança,
Ella sentiu que um riso de esperança
Abria-lhe do amante labio a labio...

A esperança! a esperança no precito!
A esperança ness'alma agonisante!
E mais livida e branca do que a cêra,
Ella disse a tremer : — George, eu quizera
Saber qual seja... a vossa nova amante.

— Como o sabes? — Confessas? — Sim, confesso...
— E seu nome? Que importa? — Fala, Alteza!
— Que chamma doida teu olhar espalha...
És ciumenta? — *Mylord*, eu sou da Italia!
— Vingativa? — *Mylord*, eu sou princeza!

— Queres saber então qual seja o archanjo
Que inda vem me animar o ser corrupto,
O sonho que os cadaveres renova,
O amor que o Lazaro arrancou da cova,
O ideal de Satan... — Eu vos escuto!

— Olhae, *signora*... Além destas cortinas,
O que vêdes? — Eu vejo a immensidade!
— E eu vejo a Grecia... e sobre a plaga errante,
Uma virgem chorando .. — É vossa amante?
— Tu o disseste, condessa... é a Liberdade!

REZAS

Na hora em que a terra dorme,
Enrolada em frios véos,
Eu ouço uma reza enorme
Enchendo o abysmo dos céos.

Accendem-se os bentos cirios
Dos vagalumes subtis...
— Ave! — murmuram os lirios!
— Ave! — dizem os covis!

Nos boqueirões ha soluços...
Tem remorso o vendaval...
O mar se atira de bruços,
Com a barba pelo areial.

As nuvens, ajoelhadas
Nos claustros ermos e vãos,
Passam, quaes contas douradas,
As estrellas — pelas mãos...

A açucena, por criança,
Junta os dêdos, reza e ri;
A palmeira larga a trança,
Reza nua como a huri.

Pelo sipó solitario
Em fio o sereno cae,
Como as bagas do rosario
Da filha que chora o pae.

A ventania, que embocca
Pela serra colossal,
E' organista que toca
Nos siphões da cathedral.

Que fanatismos divinos
Nas lapas do campo alvar!
Da onça os olhos felinos
Dizem rezas... ao luar.

Ha luzes phosphorescentes
Accesas pelos marneis...
São as larvas penitentes
Rezando pelos fieis.

Monstro e anjo a noite agrupa
No pedestal da oração...
Quem sabe se a catadupa
Bate nos peitos do chão?

Reza tudo que tem bocca
Cheio de graça ou terror...
O ninho — junto da toca,
Ao pé da cratera — a flor!

Só, emquanto a reza enorme
Rebôa pela amplidão,
Como Loth — o homem dorme
No collo da Creação!

FATALIDADE

Adeus! adeus! ó meu extremo abrigo!
Adeus! eu digo-te a chorar de dor!
E' o derradeiro suspirar das crenças
Que se despedem das visões do amor.

Pallido e triste, atravessei a vida,
Sempre orgulhoso, concentrado e só...
E' que eu sentia que um fadario estranho
Meus sonhos todos reduzia a pó.

Mas tu vieste... e acreditei na vida...
Abri os braços... caminhei p'ra a luz...
E a borboleta da fatal chrysalida
Soltou as azas pelos céos azues.

O tronco morto refloriu de novo,
Ergueu-se vivo, perfumado em flor,
Abençoando a primavera amiga...
Ai! primavera de meu santo amor!

Porém, que importa, se ha fadarios negros,
Frontes voltadas do sepulcro ao chão,
Pedras colladas de um abysmo á beira,
Astros sem norte, de cruel clarão!?

Quem mostra o trilho ao viajor nas sombras?
Quem ergue o morto que esfriou no pó?
Quem diz á pedra que não desça ao pego?
Quem segue a estrella desgraçada e só?

Ninguem! Na terra tudo vae... gravita
Lá para o ponto que lhe marca Deus.
Os raios tombam, as estrellas sobem!
Luctar com a sorte — é combater os céos!

Vae, pois, ó rosa, que em meu seio outrora
Acalentava a suspirar e a rir...
Deixas minh'alma como um chão deserto. —
Vae, flor virente, mais além florir.

Vae, flor virente, no rumor das festas,
Entre esplendores, como o sol, viver;
Emquanto eu subo, tropeçando incerto,
Pelo patib'lo — que se diz soffrer!

Que resta ao triste, sem amor, sem crenças?
Seguir a sina... se occultar no chão...
— Mas quando, estrella! pelo céo voares,
Banha-me a lousa de feral clarão.

PASSARO VIAJANTE

Pelo infinito errante,
Sem norte, sem roteiro,
Que buscas, pobre passaro viajeiro?

A terra está distante,
E o manto nebuloso
A noite estende pelo ar saudoso.

Que queres? não deixaste
Teu ninho á ribanceira?
Que buscas, pois, pela azulada esteira?

E vieste e cançaste...
Mas segue teu caminho;
E' sina tua vaguear sósinho!

Levas tantos pesares
E vaes só, a chorar.
Ai! tambem vago longe de meu lar,

Errante pelos mares,
Sem norte, sem roteiro
Como tu, pobre passaro viajeiro!

CONSUELO

Oh! Consuelo de mi alma!
(SAND.)

I

Nunca leste *Consuelo*, a pagina fulgente
Que George Sand, a loura, encheu de encanto e luz,
Este sonho, onde o céo da terra passa rente,
Onde o amor, a harmonia e a graça brincam nus?

Vem! dá-me a tua mão! voemos a Sorrento!
Por barco a phantasia... e flammula — teu véo!
Seja o cabello negro a véla solta ao vento!
Vem commigo sonhar a Italia, a noite, o céo!

A Italia! a Italia santa! a patria peregrina
Do artista e do poeta! o magico paiz!
Lá, onde o amor da terra chamou-se — Fornarina,
Lá, onde o amor do céo chamou-se — Beatriz!

Terra que deu á luz a cavatina e a dhalia,
A espadua de alabastro e o laranjal em flor;
Onde o sôpro da noite em pleno céo espalha
As lavas do Vesuvio e as explosões do amor.

. . . . . .

Vem commigo, formosa! A sombra vae profunda...
Dos astros o cardume a trecho aclara o mar.
O tardo gondoleiro o remo n'agua afunda...
Veneza — o cysne eterno, engolpha-se a sonhar!

Do nicho da Madona o frouxo alampadario
Dos Doges alumia o lugubre frontal.
Silencio... Quebra a paz a voz do estradivario
E uma gondola passa em aguas do canal...

Dentro: o grupo do amor! Fusão de primaveras;
Dois risos soletrando o verbo do beijar;
Ventura — que produz a inveja das espheras
E que faz de ciume aos anjos descorar.

O crente ao pé da santa! o riso — junto á bocca,
Um anhelar sem termo! um fulgurar sem fim!
Ella... bella! a fazer a terra inteira louca...
Alma feita de um astro! o corpo... de um jasmim.

O' divina Consuelo! A vaga de Adriatico
Fez-te nascer, talvez, de um beijo dado ao sol;
A espuma foi teu berço, alcyone sympathico,
Tens por irmãos o cysne, o amor e o rouxinol.

O amor, que accende o riso-ao labio da franceza,
Que dá filtros fataes á filha de Madrid,
Que mais languida torna a pensativa ingleza...
A grega mais audaz, mais indolente a huri!

O amor na italiana estala em harmonia...
Sóbe ao labio tremente... espalha-se no céo...
Amor não é palavra... amor é melodia...
Não ha musica assim como dizer — sou teu!

E o seio que palpita a rebentar a seda...
E a garganta de cysne a desmaiar o alvor...
E a trança a descair... e a mão que a trança arreda...
Angioleto a seus pés... as sombras em redor...

A divina Consuelo em frente á noite immensa,
No gesto dominando as furias do escarceu,
Na voz clara, sonora, ardente, larga, extensa,
— Escada de Jacob — prendia a terra ao Céo!

II

Horas de amor, porque voaes tão cedo?
Extasis santos, porque assim passaes?
Plantam-se risos no fatal rochedo...
Vinga a seara dos sombrios ais!

Um dia, a fronte já não surge vivida...
Aperta o seio em desespero a mão...
— Que foi? pergunta-se á criança livida,
Ai! não respondas, Consuelo, não!

Apanha a essencia destas fundas magoas,
Concentra o fogo nos teus seios nus;
Na gruta — mudam-se em crystal as aguas,
No abysmo — a pedra se transforma em luz.

Pallor e pranto, desespero e chôro!
Como no genio esta corôa diz!...
Desta cicuta vaes fazer um louro...
Cahiste martyr, e te ergueste... actriz!

III

Passou pela terra tão casta e nitente,
Qual raio de lua que bate no gêlo.
O Sanzio invejara-lhe a fronte innocente,
Por isso chamaram-n'a
— A pura Consuelo!

Trazia nos olhos fulgor de meteoros,
Prendia a procella no escuro cabello.
Da aurora lavada nos pallidos raios,
A musa da Italia
Tu eras, Consuelo!

Cantava! Su' alma saía-lhe em notas...
Mysterio ou milagre... Quem póde sabel-o?
As nymphas outrora mudavam-se em flores;
Em lyra tornara-se
A triste Consuelo!

Cruzavam-lhe o canto sussurros de archanjos,
Suspiros de Laura, delirios de Othelo...
Se os raios da lua de sons se fizessem,
Talvez que lembrassem
A voz de Consuelo!

Mas ai! que não acha na estrophe o poeta
Lampejo de um genio tão fulgido e bello;
Que versos te espelham, ó flor de Veneza?
Quem póde lembrar-te,
Divina Consuelo?

Só vós, bella diva! Da musica aos threnos,
Meu pallido sonho podeis aquecêl-o;
Afogue-se a musa nas arias brilhantes...
E se inda tu queres
Sonhar, ó Consuelo...

Com as mãos no piano, com os olhos no espaço,
Trementes os seios, revolto o cabello,
Num mar de harmonias me leva a Sorrento...
Transporta-me á Italia!
Revive, Consuelo!

REMORSOS

Em que pensa Carlota após a walsa,
No tapete
Atirando o burnu, quando descalça,
Ou melhor... quando rompe a luva, a fita,
Se a presilha, o colchete
Em leve resistencia a mão lhe irrita?
Em que pensa Carlota após a walsa?

Em que sonha Carlota á madrugada,
Quando aperta
Ao travesseiro a bocca perfumada,
E afoga o seio sob a cruz de prata,
Pela camisa aberta,
Que um movimento languido desata?
Em que pensa Carlota á madrugada?

Com quem fala Carlota, ao sol poente,
Na sombria alameda,
Quando os cysnes se arrufam na corrente...
E o vento, pelas grutas cochichando,
Uns noivos arremeda,
Que estão, como dois pombos, arrulhando?
Com quem fala Carlota, ao sol poente?

Porque chora Carlota ao meio dia,
Quando, nua de adorno,
Cubrindo os pés... com a trança luzidia,
Entrega o corpo ao vacillar da rede,
E, olhando o campo morno,
Os labios morde... p'ra matar a sede?
Porque chora Carlota ao meio dia?

O que scisma, o que sente, por quem chora
A soberba Carlota?
A rainha das salas já descora...
Foge o sceptro do leque aos dedos frouxos...
E a turba alegre nota
O fundo circ'lo de seus olhos roxos.
E não diz o que scisma e por quem chora!

Quem te mata, Carlota, são remorsos
De algum divino crime?
São ciumes que escondem teus esforços?
Tens vergonha, talvez, dêsse rosario
Que tua mão comprime,

Porque um sôpro roçou no relicario?
E desmaias, Carlota, de remorsos?

Se é por isso, não pizes tanto os olhos..
Formosa creatura!
O mundo é um mar de perfidos escolhos.
Quem te pode lançar primeiro a pedra?
Amor e formosura!
Deus não corta a roseira, porque medra...
Se é por isso, não pizes tanto os olhos!

Mas não! chora! teu mal é sem remedio...
Serás martyr sem palma,
Pregada numa cruz... na cruz do tedio!
Fría Carlota! cobre-te de pejo!
Mataste á sêde um'alma!
Fizeste o crime... de negar um beijo!
Chora! que este remorso é sem remedio!

Bahia, 31 de Maio de 1871.

* * * * *

O' pallida madona dos meus sonhos,
Bella filha dos cerros de Engadí,
Vem inspirar os cantos do poeta,
Rosa branca da lyra de David.

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as nevoas
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui, além, mais longe, em toda a parte,
Meu pensamênto segue o passo teu,
Tu és a minha luz, sou tua sombra,
Eu sou teu lago, se tu és meu céo.

A' tarde, quando chegas á janella,
A trança solta onde suspira o vento,
Minh'alma te contempla de joelhos,
A teus pés vae gemer meu pensamento.

Nos theatros, ao sons das harmonias,
Vendo-te a fronte altiva e peregrina,
Eu apertava o peito murmurando :
— Oh! mata-me de amor, mulher divina!

Ainda hontem, á noite, no piano
Os dêdos teus corriam no teclado;
E ás caricias dessas mãos tão lindas
Suspirava e gemia apaixonado.

Depois cantaste, e a aria suspirosa
Veio n'alma accender-me mais desejos;
Dir-se-ia que essas notas eram doces
Como sussurro de amorosos beijos.

Oh! diz-me, diz-me que inda posso um dia
De teus labios beber o mel dos céos:
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
— Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

ELEGIA

(LAMARTINE)

Colham-se as rosas na manhã da vida;
Ao menos, no fugir da primavera,
Das flôres os perfumes se respirem.
O peito se franqueie aos castos gosos;
Amemos sem medida, ó cara amante!

Quando o nauta, no meio da tormenta,
Vê o fragil batel quasi a afundir-se,
Ás praias que deixou dirige as vistas,
E tarde chora a paz que alli gosava.
Ah! quanto dera por volver o triste
Aos amigos da aldeia, ao lar paterno,
E de novo passar junto á que adora
Dias talvez sem gloria, mas tranquillos!

Assim um velho, curvo ao pêso d'annos,
Da mocidade em vão os tempos chora;
Diz: — volvei-me essas horas profanadas,
De que eu, ó céos, não soube aproveitar-me.
Só lhe responde a morte; os céos são surdos
E inflexiveis o arrojam ao sepulcro,
Não consentindo que se abaixe, ao menos
A apanhar essas flôres desprezadas.

Amemos, vida minha!
E riamos do afan que os homens levam
Atraz de um fumo vão, que lhes consome
Metade da existencia, esperdiçada
Em sonhos e chimeras.

Não invejemos seu orgulho esteril;
Deixemos á ambição os seus castellos.
Mas nós, da hora incertos,
Tratemos de esgottar da vida a taça,
Emquanto as mãos a empunham.

Quer os louros nos cinjam
E nos fastos sangrentos de Bellona
Nosso nome se inscreva em bronze e marmore;
Quer da singela flôr que as bellas colhem
Se entrance a humilde c'rôa,
Vamos todos saltar na mesma praia.

De que val, no momento do naufragio,
Em pomposo galeão ir navegando,
Ou num batel ligeiro,
Solitario viajante,
Ter só junto da margem bordejado?

MEU SEGREDO

A' SENHORA D...

I

Eu tenho dentro d'alma o meu segredo
Guardado como a perola no mar,
Occulto ao mundo como a flôr silvestre
Escondida no valle a vicejar.

Eu guardo-o no meu peito .. É um thesouro,
Meu unico thesouro desta vida,
— Sonho de phantasia — flôr ephemera,
Uma nuvem, talvez, no céo perdida...

Mas que importa? É uma crença de minh'alma,
— Gotta de orvalho d'alva da existencia,
Ultima flôr, que vive aos raios mornos
Do sol do amor na quadra da innocencia.

Só, quando a terra dorme solitaria
E ergue-se á meia noite, branca, a lua,
E a briza geme cantos de tristeza
No ramo do pinheiro, que fluctua ;

E quando o orvalho pende do arvoredo,
Que se debruça p'ra beijar o rio,
E as estrellas no céo scintillam languidas
— Perolas soltas de um collar sem fio ;

Então eu vou sentar-me sobre a relva,
Eu vou sonhar meus sonhos ao relento,
E só conto o segredo de minh'alma
Das horas mortas ao tristonho vento.

II

Eu sei como este mundo ri de escarneo
Deste aereo sonhar da phantasia.
Eu sei... P'ra cada crença de noss'alma
Elle tem uma phrase de ironia...
Ah ! deixae-me guardar o meu segredo !
Deste riso cruel eu tenho medo...

Meu segredo ? É o canto de poesia
Que suspirou, saudoso, o gondoleiro,

Que vae morrer gemente sobre as praias;
Da despedida pranto derradeiro,
Mais aereo que as vozes da sereia,
Alta noite sentada sobre a areia.

Meu segredo? É o soluço d'alma triste
Que conta sua dôr á brisa errante;
É o pulsar tresloucado de meu peito
A repetir um nome delirante;
Indeciso anhelar de edeneo goso,
Castello que eu creei vertiginoso.

Creei-o numa noite não dormida,
Após vêl-a, entre todas, a rainha;
Creei-o nessas horas de delirio,
Em que sentira em fogo a fronte minha;
E o sangue galopava-me nas veias
E o cerebro doia-me de idéas...

E quem na vida não amara um dia
E nunca despertara ao som de um beijo?
Quem nunca na vigilia empallecera,
Ao seguir com o pensar louco desejo?
Quem não sonhara ao collo voluptuoso
Da sultana louçã morrer de goso?

Uma noite tentei fechar as palpebras,
Debalde revolvi-me sobre o leito...

A alma adejava em phantasias de ouro,
Arfava ardente o coração no peito.
A imagem que eu seguia? É um segredo!
Seu nome? Não o digo... tenho medo.

Ai? dóe muito calar dentro em noss'alma
Este anhelar fremente de desejos!
Ai! dóe muito calar o roseo sonho
Que sonhamos: — dormir entre mil beijos
Num seio que de amor todo estremece,
Quando o olhar de volupias esmorece...

Dóe muito... mais dóe mais uma ironia,
Quando adeja o pensar no firmamento.
Dóe muito... mas dóe mais um desengano,
Quando se vive só de um sentimento,
Quando o peito cifrou sua esperança
Em beijar da mulher a negra trança.

Que loucura! Aos teus languidos olhares,
Beber, louco de amor, seiva de vida...
Sorver perfume em teus cabellos negros,
Sentir a alma de si mesma esquecida...
E de goso de amar, louco, sedento,
Viver a eternidade num momento!

Que ventura! Sorver com os labios tremulos
Em teus labios - - de amor o nome santo...

Que ventura! Fitar-te os negros olhos
Desmaiados de amor e de quebranto...
E reclinada a fronte no teu seio,
Sentir languido arfar em doce enleio...

Mas que louco sonhar!... O'minha amante,
Que nunca nos meus braços desmaiaste,
Que nem sequer de amor uma palavra
Dos meus labios em fogo inda escutaste,
Perdoa este sonhar vertiginoso!
Foi um sonho do peito deliroso!

E se um dia, entre as scismas de tu'alma,
Minha imagem passar um só momento,
Fita meus olhos, vê como elles falam
Do amor que eu te votei no esquecimento.
Recorda-te do moço que em segredo
Fèz-te a fada gentil de um sonho ledo...

Recorda-te do pobre que em silencio
De ti fez o seu anjo de poesia;
Que tresnoitou, scismando em tuas graças,
Que por ti, só por ti é que vivia,
Que tremia ao roçar de teu vestido,
E que por ti de amor era perdido...

Sagra ao menos uma hora em tua vida
Ao pobre que sagrou-te a vida inteira,

Que em teus olhos, febril e delirante,
Bebeu de amor a inspiração primeira,
Mas que de um desengano teve medo,
E guardou dentro d'alma o seu segredo!

Bahia Junho de 1863.

A CRUZ DA ESTRADA

Tu que passas, descobre-te. Alli dorme
O forte que morreu.
A. HERCULANO.

Invides quia quie.
LUTHERO.

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz a dormir na solidão.

Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vaes espantar o bando buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

E' de um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar de insomnia atroz;
Deixa-o dormir no leito de verdura
Que o Senhor, entre as relvas, lhe compoz.

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme por elle á tarde no sertão;
E a jurity, do taquaral no ramo,
Povôa, soluçando, a solidão.

Entre os braços da Cruz a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu;
Chora orvalhos a grama, que palpita,
Lhe accende o vagalume o facho seu.

Quando á noite o silencio habita as mattas,
A sepultura fala a sós com Deus ..
Prende-se a voz na bocca das cascatas
E as azas de ouro aos astros lá nos ceos.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O somno agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Ha pouco a liberdade o desposou.

Recife 22 de Junho de 1865.

ESTROPHES DO SOLITARIO

Basta de covardia! a hora sôa...
Voz ignota e fatidica revoa,
Que vem... De onde? De Deus.
A nova geração rompe da terra
E, qual Minerva armada para a guerra,
Péga a espada... olha os céos.

Sim, de longe, das raias do futuro,
Parte un grito, p'ra os velhos surdo, obscuro,
Mas para os moços, não!
E' que em meio das luctas da cidade,
Não ouvem o clarim da Eternidade,
Que troa na amplidão.

Quando as praias se occultam na neblina,
E como a garça, abrindo a aza latina,
Corre a barca no mar,

Se então sem freios se despenha o norte,
E' impossivel parar... volver é morte...
Só lhes resta marchar.

E o povo é como a barca em plenas vagas,
A tyrannia é o tremedal das plagas,
O porvir-a amplidão.
Homens! esta lufada que rebenta
E' o furor da mais lobrega tormenta...
— Ruge a revolução.

E vós cruzaes os braços... Covardia!
E murmuraes com fera hypocrisia :
— E' preciso esperar...
Esperar? mas o que? que a populaça,
Esse vento que thronos despedaça,
Venha abysmos cavar?

Ou quereis, como o satrapa arrogante,
Que o porvir, na ante-sala, espere o instante
Em que o deixeis subir?
Oh! parae a avalanche, o sol, os ventos,
O oceano, o condor, os pensamentos. .
Porém nunca o porvir!

Meu Deus! da negra lenda que se escreve
Com o sangue de um Luiz, no chão da Gréve,
Não resta mais um som!
Em vão nos déste, p'ra maior lembrança,

Do mundo — a Europa, mas da Europa — a França,
Mas da França — um Bourbon!

Desvario das frontes coroadas!
Nas paginas das purpuras rasgadas
Ninguem mais estudou!
E no sulco do tempo, embalde dorme
A cabeça dos reis — semente enorme
Que a multidão plantou!

No emtanto, fôra bello nesta idade
Desfraldar o estandarte da Igualdade,
De Byron ser irmão...
E, prodigo, na Grecia brasileira.
Legar no testamento — uma bandeira,
E ao mundo — uma nação!

Soltar ao vento inspiração de Graccho,
Envolver-se no manto de Spartaco,
Dos servos entre a grei;
Lincoln — o Lazaro accordar de novo,
E da tumba da infamia erguer um povo,
Fazer de um verme-um rei!

Depois morrer... que a vida está completa;
— Rei ou tribuno, Cesar ou poeta,
Que mais quereis depois?
Basta escutar, do fundo lá da cova,
Dansar em vossa lousa a raça nova
Libertada por vós!...

AQUELLA MÃO!

Era uma mão de luxo! Era um brinquedo!
Mão tão bonita que mettera medo,
Se não tivesse uma feição tão franca...
Mão p'ra se encher de gemmas e brilhantes,
De suspiros, de anceios palpitantes...
Mão p'ra quebrar... as joias e os amantes,
— Aquella mão tão branca!

Era uma mão fidalga... exigua, escassa...
Mão de duqueza! Era uma mão *de raça*,
De sangue azul em veios de Carrara!
Alva! tão alva... que vencia a idéa
Das neblinas, dos gelos e da garça...
Amassada no *leite de Amalthéa*,
Aquella mão tão rara!

Era uma mão de musa! mão que voa,
Que, do piano na ideal lagoa,

As azas molha em rapidez não vista!
Como andorinha que se arroja á tôa,
Cruzando em beijos a extensão das teclas!
Accendendo no seio a luz dos Heclas...
Aquella mão de artista!

Mão de criança! Era uma mão de arminho,
Tendo essas *covas*, esses alvos ninhos,
Lares que a terra desconhece ainda,
Lembrando as conchas dos parceis marinhos,
A polpa branca dos nascentes lirios...
Covas... porque se enterram mil delirios
Naquella mão tão linda!

No theatro uma noite, casta, esquiva,
— Na luva de pellica a mão captiva
Recordava um eclipse da lua...
Mas um momento após, deixando o guante,
Vi salvar-se da espuma rutilante,
Como Venus despida e palpitante,
Aquella mão tão nua!

Era uma régia mão! Que largas vezes
Sonhei torneios, morriões, arnezes,
Bravos ginetes de nevada crina,
Justas feridas entre mil revezes,
Da media idade a sanguinosa palma
Só p'ra os louros... prender á lança! e a alma!
Aquella mão tão fina!

Uma noite sonhei que, em minha vida,
Deus accendia a estrella promettida,
Que leva os *Reis* ao berço da ventura;
Mas, quando, ao longo de poenta estrada,
O suor me escorria d'amargura...
Passava em meus cabellos perfumados
Aquella mão tão pura!

Era uma mão que illuminara um sceptro!
Mão que ensinava da harmonia o metro
Ás espheras de luz que o dia encobre!
Tão santa, que uma perola indiscreta
Talvez manchasse essa nudez tão nobre...
Vasia... era a riqueza do poeta
Aquella mão tão pobre!

Era uma mão que provocava o roubo!
Era uma mão para cortar o globo!
Tinha a luz — que arrebata! e a luz — que espanca!
Fôra o genio de Socrates, o grego!
Domara em Roma os Consules e o lobo!
Mão que em trevas buscava Homero cégo,
Aquella mão tão branca!

LUCIA

Na formosa estação da primavera,
Quando o matto se arreia mais festivo,
E o vento campesino bebe ardente
O agreste aroma da floresta virgem,
Eu e Lucia corriamos — crianças !
Na veiga, no pomar, na cachoeira,
Como um casal de colibris travessos
Nas larangeiras que o Natal inflora...

Ella era a cria mais formosa e meiga
Que jamais na fazenda vira o dia ;
Morena, esbelta, airosa... Eu me lembrava
Sempre da corça arisca dos silvados,
Quando lhe via os olhos negros, negros,
Como as plumas nocturnas da grauna;
Depois, quem mais mimosa e mais alegre ?
Sua bocca era um passaro escarlate,
Onde cantava festival sorriso ;

Os cabellos caiam-lhe annellados,
Como doidos festões de parasitas,
E a graça, o modo, o coração tão meigo !
Ai ! pobre Lucia ! como tu sabias,
Festiva, encher de afagos a familia,
Que te queria tanto e que te amava,
Como se fôsses filha e não captiva !

Tu eras a alegria da fazenda;
Tua senhora ria-se contente
Quando enlaçavas seus cabellos brancos
Com as roxas maravilhas da campina.
Quando á noitinha todos se juntavam,
Aos reflexos dourados da candeia,
Na grande sala, em tôrno da fogueira,
Então, Lucia, sorrindo, murmurava :
— Meu Deus, um beija-flôr fêz-se criança !
Uma criança fez-se mariposa !

Mas um dia a miseria, a fome, o frio,
Foram pedir um pouso nos teus lares;
A mesa era pequena... Pobre Lucia !
Foi preciso te ergueres do banquete !
Deixares teu lugar aos mais convivas !

Eu me lembro, eu me lembro... o sol raiava.
Tudo era festa em volta da pousada.
Cantava o gallo alegre no terreiro,
O mugido das vaccas misturava-se

Ao relincho das eguas, que corriam,
De crinas soltas, pelo campo aberto,
Aspirando o frescor da madrugada.

Pela ultima vez, ella, chorando,
Veio sentar-se ao banco do terreiro...
Pobre criança ! que conversas tristes
Tu conversaste, então, com a natureza !

— « Adeus ! p'ra sempre, adeus, ó meus amigos,
Passarinhos do céo, brizas do matto,
Patativas saudosas dos coqueiros,
Ventos da varzea, fontes do deserto !
Nunca mais eu virei, pobres violetas,
Arrancar-vos das moutas perfumadas !
Nunca mais eu virei, risonha e louca,
Roubar o ninho ao sabiá choroso...
Perdoae-me, que eu parto para sempre !
Venderam, para longe, a pobre Lucia ! »

Então ella apanhou do matto as flôres,
Como outrora enlaçou-as nos cabellos,
E, rindo de chorar, disse em soluços :
— Não te esqueças de mim, que te amo tanto !

Depois... além, um grupo informe e vago,
Que cavalgava o dorso da montanha,
Ia esconder-se, transmontando o topo...
Nesse momento eu vi, longe, bem longe,

Ainda se agitar um lenço branco...
Era o lencinho tremulo de Lucia !

Muitos annos correram depois disto.
Um dia, nos sertões eu caminhava
Por uma estrada agreste e solitaria.
Deante de mim uma mulher seguia,
Com o cantaro á cabeça, os pés descalços,
Com os hombros nús, mas pallidos e magros.

Ella cantava, com uma voz extincta,
Uma cantiga triste e compassada.
E eu, que a escutava, procurava embalde
Uma lembrança juvenil e alegre
Do tempo em que aprendera aquelles versos.

De repente lembrei-me... — Lucia ! Lucia !
A mulher se voltou... fitou-me, pasma,
Soltou um grito... e, rindo e soluçando,
Quiz para mim lançar-se, abrindo os braços...
Mas subito estacou... nuvem de sangue
Córou-lhe o rosto pallido e sombrio...
Cobriu com a mão crispada a face rubra,
Como escondendo uma vergonha eterna.

Depois, soltando um grito, ella sumiu-se
Entre as sombras da matta, a pobre Lucia !

A CASTRO ALVES

A' MARGEM DA CORRENTE

> Companheiro! uma cruz na selva corta
> E planta-a no meu teseo monumento!
> (CASTRO ALVES.)

Eu ouvio cantar...
O sabiá pousava
Da larangeira em flôr no verde galho,
A' margem da corrente!
E que doce gorgeio!... — a manso e manso
Em múmuro ruido as aguas trepidas
Deslisavam sorrindo; e na carreira
A prateada esteira colleando,
Pelo formoso valle,
No fremito das auras, no sussurro
Das folhas seccas, no cicio brando
Do remecher das flôres — parecia
Gemer, gemer com elle!

E o sabiá cantava! — a endeixa triste,
Da veia crystallina ao som tremente,

Expandia-se ao longe... e as doces notas
— Soluço indefinivel,
Perdiam-se no ar, como o respiro
Das mattas virgens em manhãs serenas,
Quando na excelsa coma a flôr e as folhas
Tremem, sentindo em lagrimas de orvalho
Da madrugada os beijos !...
Vinha surgindo a aurora ! — o firmamento,
Em mar de azul, as ardentias d'oiro
Ondulava contente !

Tingindo alegre os largos horizontes
De suave carmim — a luz brotava...
E o sol, o rei altivo do oriente,
Tirando o carro de corseis de fogo,
Em purpureos cochins
A laureada fronte reclinava,
Medindo o espaço infindo !

E o sabiá cantava
Na larangeira em flôr !...
Vagos rumores do cahir das folhas ;
Mysteriosos sons; brando estalido
Das ramas a quebrar ; frescor das relvas ;
Suaves pios; bater macio d'azas
Das aves voejando : echos longinquos
Da recatada selva !... a natureza,
Abrindo os olhos humidos de pranto,
Nas pompas de seu leito

Meiga sorria aos canticos festivos
Do despertar do somno!

E a luz subia... e o sabiá cantava
A' margem da corrente!
Dizia a borboleta — eu dou-te os vôos...
As folhas verdes — aqui tens frescura;
A flôr dos bosques... eis o meu perfume...
Eu sou teu echo — a sonorosa gruta;
Sou teu espelho — a limpida corrente;
Os anilados céus — guardo teu ninho;
O sol — vem procurar-me!...
E a flôr, e a borboleta e a folha verde,
E a torrente, e o sol e o céu e a gruta
Eram d'ave inspirada — a immensa orchestra
No concerto do amor!...

E o sabiá cantava!...
Na larangeira o galho estremecia,
Como se o orvalho lhe afagasse as flores,
Ou aquella voz, nas dulias harmonias,
A raiz lhe tocasse...
Depois eu vi-o, as pennas sacudindo,
Ainda humedecidas
De sereno e de luz, cantando sempre —
Bater... bater as azas anciosas...
Voar... voar... até sumir-se ao longe
Ultimo som e nota!

Da larangeira as flôres desfolhadas
No vivo aroma o derradeiro leito
Cercaram-lhe de incenso...
E a brancura finissima fingia
Dos cantos matinaes a nivea campa !...
Ouvi... ouvi... ternissima
A extrema nota, repetida ainda...
— Echo saudoso das canções d'outr'ora,
Nas gemebundas auras !
E veio a noite — e na manhã seguinte
Novo sol, nova luz;
Só não voltara o sabiá das mattas,
E o galho — era uma cruz.

Dorme, dorme feliz!.. Oh! não despertes
À margem da corrente!
Dorme, ó creança, ao resonar das brisas,
Filho da luz! descansa! Atravessaste
Entre sepulcro e berço a terra ingrata,
Mais feliz do que nós!...
Não sentirás neste areial deserto
— Na morte d'alma a vida!...
No vivo coração a propria tumba!...
Não has de vêr as lagrimas estanques
— Supplicio da saudade!
E a cada hora — uma illusão que vae-se...
Para não mais voltar... oh! nunca... e nunca...
Nem pedirás a inspiração de um sonho
A um punhado de terra!...

Dorme, creança, dorme! os que ficaram
— Á sombra do caminho,
Por entre os laranjaes sentem chorando
O aroma de teus cantos!
Foste do sonho á morte!... oh! dorme, dorme!
Talvez sonhes ainda...

José Bonifacio.

A GRANDE SOMBRA

... Hear me but speach word
(SHAKSPEARE.)

Boia — sobre as « espumas fluctuantes »
Do oceano do tempo — acalentado;
E foge assim pela maré levado,
Ao hymno das estrellas scintillantes;

Echo apenas dos canticos gigantes,
Que em chammas ideaes tinha moldado,
Das mãos caiu-lhe a lyra d'ouro em antes
De ter os mundos, que sonhou, formado.

Que epopéas passaram-lhe na fronte,
Como vulcões a arder n'um vasto monte!
Ergueu-se na attitude de um colosso...

No oceano do tempo hoje emfim dorme;
E a sombra, que deixou, a sombra enorme
Viu-se que era de um sol, morrendo moço.

LUIZ DELFINO.

NO DECENNARIO DE CASTRO ALVES

« Tinha na mão brilhante a trompa bronzeada. »
CASTRO ALVES.

Foram-se todas já. Uma era a bella
Musa das notas lyricas, sombrias;
Outra empunhava a taça das orgias;
Outra o pincel da americana tela;

Esta era torva e extravagante; aquella
De Henri Heine lembrava as phantasias;
Eis as musas gentis do Abreu, do Dias,
Do Azevedo, do Freire e do Varella...

Cada uma destas pallida sustinha
Na mão uma harpa d'oiro, e a desejada
Gloria a seguir cada uma destas vinha...

De Castro Alves, porém, a illuminada
Musa, em lugar de uma harpa d'oiro, *tinha*
Na mão brilhante a trompa bronzeada.

RAYMUNDO CORRÊA.

E Deus para o poeta o céu desata,
Semeado de lagrimas de prata.

CASTRO ALVES.

Baixaste á campa, sonhador, na hora,
Hora melhor da vida e da Poesia;
Mergulhaste na Noite eterna e fria,
Todo ensopado do orvalhar da aurora.

A Patria, — a triste mãe que te deplora,
Já não sorri, ai não! como sorria :
E que futuro amigo promettia
Tua alma brava, esplendida e sonora!

Dorme, porém, feliz e socegado :
O mundo ainda é o mundo gangrenado,
E a dôr que te matou tambem nos mata :

A morte, sim, é o somno immaculado :
« E Deus para o poeta o céu desata
« Semeado de lagrimas de prata! »

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

A' MARGEM DA CORRENTE

Ao publicar esta formosa poesia, acompanhou-a a *Republica* das seguintes palavras, sob o titulo — José Bonifacio e Castro Alves :

« Quando o moço, que teve o segundo destes nomes, foi a S. Paulo cursar as aulas de direito, encontrou como mestre e amigo, rival e admirador, aquelle primeiro orador de seu tempo, modelo de honestidade civica e de honradez.

Felizes os que naquella terra de tantas tradições ouviram n'uma mesma sala, em uma mesma festa, aquelle orador e aquelle poeta!

Além do encanto, sentia-se a gente feliz de ser desta America e de contemplar os dous astros. E quando os dous cessavam, erguiam-se outros talentos admiraveis, como por exemplo, os de Joaquim Nabuco, Luiz Gama e outros.

Dessas festas só S. Paulo póde, nestes dias de materialismo, ser theatro.

. . . . . .

Quanto ao pobre Castro Alves, mais feliz talvez, deitou-se para sempre e sonha os sonhos da vida.

Feliz! A patria na figura da *Mãi dolorosa* vela em seu tumulo, e a poesia — amante Magdalena — o pranteia.

Ferido pela morte de Castro Alves, José Bonifacio approximou-se á tumba gloriosa, onde dorme o poeta da Republica e disse-lhe o ultimo adeus! Sentido até á lagrima, tocante, como a prece, damol-o á apreciação dos leitores.

É mais um toque revelador do talento esplendido de José Bonifacio.

O Castro, o pobre Castro, o audaz cantor de Pedro Ivo, certo merecia um canto destes.

INDICE

Ao publico 1
Castro Alves 3
Prologo. 13
Dedicatoria 17
O livro e a America. 19
Hebréa 25
Quem dá aos pobres, empresta a Deus. 27
O laço de fita 31
Ahasverus e o genio. 35
Mocidade e morte. 39
Ao Dous de Julho 43
Os tres amores 47
O fantasma e a canção. 49
O gondoleiro do amor 53
Sub tegmine fagi 57
As tres irmãs do poeta. 63
O vôo do genio 65
O adeus de Thereza. 69
A volta da primavera 71
A Maciel Pinheiro. 73
A uma taça feita de um craneo humano 77

Pedro Ivo 79
Oitavas a Napoleão 91
Boa Noite 95
Adormecida 99
Jesuitas 101
Poesia e mendicidade 107
Hymno ao somno 113
No album do artista L. C. Amoedo 117
Versos de um viajante 119
Onde estás ? 121
A Boa Vista 123
A uma estrangeira 129
Perseverando 133
O coração 137
Murmurios da tarde 139
Pelas sombras 143
Ode ao Dous de Julho 147
A duas flôres 151
O tonel das Danaides 153
A Luiz 155
Dalila 157
As duas ilhas 161
Ao actor Joaquim Augusto 165
Os anjos da meia noite 169
O hospede 177
As trévas 181
Aves de arribação 187
Os perfumes 193
Immensis orbibus anguis 197
A uma actriz 201
Canção de Bohemio 205
É tarde 209

A meu irmão Guilherme de Castro Alves. 213
Quando eu morrer. 215
Uma pagina de escola realista. 217
Coup d'etrier 227
Notas 231

SUPPLEMENTO

Durante um temporal 239
Se eu te dissesse 241
Saudação a Palmares 243
Horas de saudade 247
Fé, Esperança e Caridade. 249
Deusa incruenta 251
No meeting do comité du pain 257
Menina e moça 261
O derradeiro amor de Byron. 263
Rezas. 267
Fatalidade. 271
Passaros viajantes. 273
Consuelo 275
Remorsos. 281
*** 285
Elegia. 287
Meu segredo. 291
A cruz da estrada 297
Estrophes do solitario 299
Aquella mão 303
Lucia. 307
A Castro Alves 311

Paris. — Typ. H. Garnier, 6, rue des Saints-Pères. 301.6.13 p. d.

ND28-3-64

PQ
9697
C35E8
1913

Castro Alves, Antonio de
Espumas fluctuantes
Nova ed. corr.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY